



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

GABRIELA FERNANDA RIBEIRO RODRIGUES

**RENOVANDO O DIÁLOGO ENTRE A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A
DOCUMENTAÇÃO: o papel do grupo *Document Academy***

Brasília, DF.

2018

Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

GABRIELA FERNANDA RIBEIRO RODRIGUES

**RENOVANDO O DIÁLOGO ENTRE A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A
DOCUMENTAÇÃO: o papel do grupo *Document Academy***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Dulce Maria Baptista.

Brasília, DF.

2018



FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: "Renovando o diálogo entre a Ciência da Informação e a Documentação:
o papel do grupo *Document Academy*"

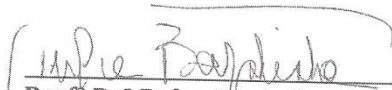
Autor (a): Gabriela Fernanda Ribeiro Rodrigues

Área de concentração: Gestão da Informação


Linha de pesquisa: Organização da Informação

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade em Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre** em Ciência da Informação.

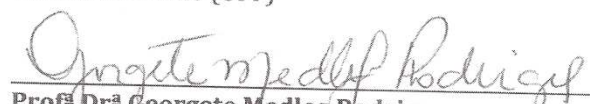
Dissertação aprovada em: 30 de agosto de 2018.



Prof.ª Dr.ª Dulce Maria Baptista
Presidente



Prof. Dr. Carlos Henrique Juvêncio da Silva
Membro Externo (UFF)



Prof.ª Dr.ª Georgete Medleg Rodrigues
Membro Interno

Prof. Dr. Rodrigo Rabello da Silva
Suplente (IBICT)

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RR484rr Ribeiro Rodrigues, Gabriela Fernanda
Renovando o diálogo entre a Ciência da Informação e a
Documentação: o papel do grupo Document Academy / Gabriela
Fernanda Ribeiro Rodrigues; orientador Dulce Maria
Baptista. -- Brasília, 2018.
125 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Ciência da Informação)
-- Universidade de Brasília, 2018.

1. Documentação. 2. Conceito de Documento. 3. Movimento
Neodocumentalista. 4. Document Academy. I. Baptista, Dulce
Maria, orient. II. Título.

À minha filha, Maria Luisa, que desde a gestação me acompanha nessa aventura acadêmica.

Obrigada por ser tão compreensiva e paciente mesmo ainda tão pequena.

Conseguimos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, ao Universo e todas as energias que me deram força e coragem para persistir e resistir a essa experiência incrivelmente complexa e recompensadora que é a chance de cursar o mestrado na Universidade de Brasília.

À professora Rita Caribé, minha orientadora de monografia no curso de graduação em Biblioteconomia. Obrigada, professora, por não ter desistido de mim naquela época e ter me encorajado a tentar a seleção do Mestrado e por me apresentar Paul Otlet. Sem a senhora, eu não teria sequer pensando em vir por este caminho.

À minha avó Marilza, ao meu avô João, meu tio Nilo e minha irmã Juliana pelas horas dedicadas aos cuidados da minha filha. Sem a tranquilidade de saber que ela estava sob os melhores cuidados possíveis, eu não teria tantas horas disponíveis para assistir aulas e cumprir todas as outras tarefas.

Agradeço imensamente à minha amiga da vida Gilsileide, o apoio incondicional, em todo e qualquer momento da vida, que foi e é fundamental para me recentrar, me acolher e me fortalecer em tantos momentos de desânimo e cansaço, mas também me permitir celebrar cada pequeno avanço e vitória.

Aos meus amigos Sílvia, Juliana, Marcelo e Anastácia que sempre estiveram disponíveis desde o processo seletivo para me ouvir, me aconselhar, ler e reler o pré-projeto, a dissertação, meus recursos e ouvir minhas mensagens de áudio intermináveis.

À professora Dulce, pela orientação, paciência, ensinamentos e compreensão durante esses anos. Obrigada professora por ser uma mestra tão amável e ter me ensinado a apreciar o caminhar.

Aos professores Georgete Medleg e Carlos Juvêncio por se mostrarem sempre tão acessíveis e compreensivos. Em especial ao professor Carlos por ser um dos meus referenciais de pesquisadores sobre meu tema de pesquisa. Agradeço ainda a ambos pelas considerações tão objetivas e fundamentais para o fechamento da minha dissertação.

À Vivian por ter me socorrido incontáveis vezes nos processos burocráticos dentro e fora da FCI.

À professora Joelma Vilar, da Universidade Federal de Sergipe pela sua paixão contagiante pelo ensino e pela pesquisa que ressuscitou em mim o motivo pelo qual quis prosseguir na universidade.

À Irmã Mônica Santana, diretora do Centro Educacional Maria Auxiliadora, pela minha liberação nos horários de trabalho para que fosse possível cursar as disciplinas.

No mais, agradeço a cada pessoa que de alguma e qualquer forma contribuiu durante esses anos para o meu acesso e permanência na UnB. Vocês são muitos, me ajudaram e guiaram nesse caminho que ninguém consegue atravessar sozinho. Os meus mais sinceros agradecimentos a todos vocês. Muito obrigada!

*“O que é, por conseguinte, o tempo?
Se ninguém mo perguntar, eu sei; se
o quiser explicar a quem me fizer a
pergunta, já não sei.”*

(AGOSTINHO, 1977, p.304)

RESUMO

Por um período os estudos sobre documento na Ciência da Informação foram deixados de lado em favor dos estudos sobre a informação. Nas últimas décadas o pensamento de Paul Otlet sobre o conceito de documento foi resgatado e inserido na Ciência da Informação, em um movimento intitulado Neodocumentalista. Como exemplo de expressão desse movimento, é apresentado o grupo multidisciplinar, *Document Academy*. Foi utilizado referencial teórico da Documentação e da Ciência da Informação. Trata-se de pesquisa descritiva e analítica que objetiva expor a renovação no diálogo entre Documentação e Ciência da Informação em uma perspectiva conceitual do documento na atualidade com base na análise das publicações do grupo *Document Academy*. Os dados foram coletados no periódico *Proceedings from the Document Academy* entre os anos de 2014 e 2017. Após a análise do conteúdo dos artigos científicos, foram identificadas perspectivas atuais sobre as discussões conceituais do documento dentro da Ciência da Informação. Conclui que o entendimento neodocumentalista do conceito de documento oferece contribuições significativas para as questões epistemológicas da Ciência da Informação.

Palavras-chave: Documentação. Conceito de Documento. Movimento Neodocumentalista. Document Academy.

ABSTRACT

For a while, the studies about document in Information Science were left aside on behalf of studies about information. In last decades, the thoughts of Paul Otlet about the concept of document have been rescued and inserted in Information Science, in a movement called Neodocumentalist. As example of expression of the neodocumentalist movement, it was created the multidisciplinary group, the Document Academy. Theoretical background of Documentation and the Information Science. Was used for this purpose this analytical qualitative research is meant to expose the renewal in dialogue between Documentation and Information Science in a conceptual perspective of document based on analisis from Document Academy publications. Data were collected from the *Proceedings from the Document Academy* between the years of 2014 and 2017. After analysis of the scientific papers, current perspectives about document conceptual discussion were identified inside Information Science. Concludes that neodocumentalist understanding of document concept offers significant contributions to the epistemological issues of Information Science.

Key-words: Documentation. Concept of document. Neodocumentalist Moviment. Document Academy.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1– Ilustração de Otlet sobre o livro e a representação do mundo e os diversos meios de comunicação com o mundo	24
FIGURA 2 – Programação do Encontro DOCAM 2003 realizado na Universidade de Berkeley	49
FIGURA 3 – Programação do Encontro DOCAM 2004 realizado na Universidade de Berkeley	50
FIGURA 4 – Programação do Encontro DOCAM 2005 realizado na Universidade de Berkeley	51
FIGURA 5 - Os quatro tipos de instituições no modelo I-Space de Boisot	74
FIGURA 6 – Artigo Opera as a multimídia Document publicado no periódico Proceedings from the Document Academy	82

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Volumes do <i>Proceedings from the Document Academy</i> disponíveis entre os anos de 2014 e 2017	53
QUADRO 2 – Artigos publicados por Michael Buckland, Niels W. Lund e W. Boyd Rayward no <i>Proceedings from the Document Academy</i> entre os anos de 2014 e 2017	54
QUADRO 3 – Artigos distribuídos por formato de publicação no periódico <i>Proceedings from the Document Academy</i>	60
QUADRO 4 – Artigos científicos publicados no periódico <i>Proceedings from the Document Academy</i>	61
QUADRO 5 – Artigos distribuídos por temáticas identificadas nas publicações no periódico <i>Proceedings from the Document Academy</i>	86
QUADRO 6 – Classes e subclasses do Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação	87

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	5
1. INTRODUÇÃO	9
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA	17
1.2. OBJETIVO GERAL	17
1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
1.4. JUSTIFICATIVA.....	18
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1. O MOVIMENTO DA DOCUMENTAÇÃO	20
2.2. O (RES)SURGIMENTO DA DOCUMENTAÇÃO E OS MOLDES DO MOVIMENTO NEODOCUMENTALISTA	31
2.3. A PONTE EPISTEMOLÓGICA ENTRE DOCUMENTO E INFORMAÇÃO	38
2.4. THE <i>DOCUMENT ACADEMY</i> , A ACADEMIA DO DOCUMENTO.	47
3. METODOLOGIA.....	56
3.1. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E PESQUISA DOCUMENTAL.....	57
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS PELO GRUPO <i>DOCUMENT ACADEMY</i>	60
4.1 Facebook – a document without borders?.....	62
4.2 The physical, mental and social dimensions of document.....	65
4.3 How it all started: 1996, the first year of Dokvit	68
4.4 From fief to clan: Boisot’s information space model as a Documentary Theory for cultural and institutional analysis.....	72
4.5 Before the antelope: Robert Pagès on documents.....	77
4.6 Opera as a multimedia document.....	82
4.7 Temáticas neodocumentalistas identificadas nos artigos	84
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS.....	95

1. INTRODUÇÃO

No capítulo *Exame do estado atual da Biblioteconomia e da Documentação*, escrito por Jesse Shera e Margaret Egan, obra *Documentação*, de S. C Bradford (1961), os autores afirmam que do encontro de Paul Otlet e Henry La Fontaine nasceu uma série de importantes acontecimentos que influenciaram no progresso da documentação por mais de uma geração. Desse importante encontro, ocorrido na casa de Otlet em 1892, surgiu a união dos trabalhos de Otlet e La Fontaine que resultou nos esforços para a criação do Instituto Internacional de Bibliografia e do Repertório Bibliográfico Universal, em 1895 (ORTEGA, 2009; BRADFORD, 1961; ZAHER, 1968). Começou assim a organização da Documentação como corrente teórico-prática e a consolidação de tudo o que foi desenvolvido e conceituado durante esse tempo, veio com o lançamento do *Traité de documentation*, em 1934.

Em seu discurso durante o Congresso Mundial da Documentação Universal, realizado em Paris, em 1937, Otlet sugere que “documento é o livro, a revista, o jornal; é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; é, também, atualmente, o filme, o disco e toda a parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica” (OTLET, 1937, p. 1).

A visão de Otlet sobre o que poderia ser documento expandiu o conceito para além do livro, do registro escrito, incluindo objetos tridimensionais que também seriam considerados documento. Seu pensamento é considerado um marco na evolução do movimento documentalista, que acabara de se originar e que viria a se ramificar e criar correntes pelos mais diversos países como França, Espanha, Portugal, Estados Unidos entre outros.

Suzanne Briet é uma das grandes responsáveis pela continuidade e disseminação da Documentação proposta por Otlet. Bibliotecária e documentalista, em 1951 ela lançou sua obra, *Qu'est-ce que la documentation*, um manifesto sobre a natureza da documentação, no qual se refere ao documento como uma evidência em apoio de um fato (BUCKLAND, 1998). Um argumento importante para Briet pensar o documento como evidência é definir o documento baseando-se na sua relação indicial com outros documentos e

representações documentárias, como registros bibliográficos e metalinguagens, segundo Ronald Day (2001, p. 23). O autor acrescenta que apesar de não usar o termo “semiótica”, Briet sofreu influência de filósofos e linguistas de sua época.

A ampliação do conceito de documento também esteve presente na obra de Suzanne Briet. Em alinhamento com alguns dos ideais de Otlet como, por exemplo, a ampliação da noção de documento, Briet vai além e considera a possibilidade de seres vivos se tornarem documentos, apresentando seu famoso exemplo do antílope. O animal solto na natureza não pode ser considerado documento. Mas, se fosse capturado, levado para um jardim zoológico e transformado em um objeto de estudo, isto o transformaria em um documento. “Tornou-se uma evidência física que está sendo usada por aqueles que a estudam” (BUCKLAND, 1997, p.806, tradução nossa).

Antes de ser retomada na França nos anos 1960, entre 1940 e 1965, a obra de Otlet caiu no esquecimento, como aponta Ortega (2009b, p.64). Essa retomada da Documentação ocorre devido a

[...] nova configuração científica se consolidou na França, como relata Couzinet (2004, p.22-23). Neste período, pesquisadores preocupados com leitura, documentação, história do livro, mídias e cultura apresentavam dificuldade em encontrar reconhecimento em suas próprias disciplinas. Dessa forma, Robert Escarpit, Jean Meyriat e Roland Barthes, entre outros, formaram o Comitê de Ciências da Informação e da Comunicação (ORTEGA, 2009a, p.11).

Esses autores trouxeram importantes contribuições não só ao movimento da documentação na França, mas também considerações sobre o desenvolvimento dessa corrente em outros países, a exemplo de Meyriat que em seus textos e trabalhos discute fatos sobre a terminologia da área e a influência da Documentação na Espanha como mostram Rabello (2009) e Lund (2009), além das discussões sobre o conceito de documento. A Espanha tem igual importância na continuidade dos estudos sobre documentação.

A documentação, como ciência, foi introduzida na Espanha pelas produções de Lasso de La Vega, autor do único *Manual de Documentação* escrito na Espanha, conforme afirma Lopez Yepes (1995, p.262), em sua obra histórico-conceitual sobre as diversas correntes documentárias, intitulada *Teoría de la Documentación*, de 1978 e atualizada em 1995, sob o título *La*

Documentación como disciplina: teoría e historia (ORTEGA, 2010, p. 65). Nessa obra Lopez Yepes aborda a construção epistemológica da documentação, as relações entre biblioteconomia, ciência da informação entre outros tópicos. A corrente espanhola da documentação ainda conta com autores como Sagredo Fernández e Izquierdo Arroyo, Martínez Comeche e o mexicano Réndon Rojas, que enriqueceram os debates sobre o conceito de documento.

No Brasil, Ortega (2009, p.74) considera que a Documentação pode ser descrita por três momentos:

no início do século XX, por envolvimento com o projeto do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), a partir dos anos 1940 em movimento que levou à criação do IBBD em 1954 até a introdução da corrente estadunidense de Ciência da Informação no Brasil; e a partir dos anos 1980 com o início dos estudos do Grupo Temma, da ECA/USP.

Juvêncio e Rodrigues (2016) datam a influência da Documentação no Brasil em meados de 1909 quando Manoel Cícero Peregrino da Silva, diretor da Biblioteca Nacional, aderiu aos ideais do IIB. Os autores citam outros profissionais que também tiveram importantes participações nessas movimentações, entre eles Victor da Silva Freire, João Augusto dos Santos Porto.

Um nome também importante na difusão dos ideais otletianos no Brasil é o de Lydia de Querioz Sambaquy, de quem Nanci Odonne (2004) mostra a importância das iniciativas nos primórdios da Ciência da Informação no Brasil em geral. Considera-se a idealização do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) um grande feito de Sambaquy, podendo ser considerado um ato de vanguarda, como aponta Pinheiro (2013, p.10).

A adesão à Documentação entre os autores nos Estados Unidos, por exemplo, ocorreu mais tarde. Segundo Ortega (2009) o termo Documentação começa a aparecer mais nos Estados Unidos na década de 1950, porém é rapidamente substituído por Biblioteconomia Especializada. No entanto, a Documentação plantou suas sementes e na falta de um livro em língua inglesa sobre o assunto, Bradford (1961), escreve o livro *Documentation*, sendo sua primeira edição de 1948.

Nos Estados Unidos, a Documentação é um termo ligado a Ciência da Informação. Fato, este, que fornece uma primeira impressão sobre o reflexo da Documentação, como movimento teórico, nos países de língua inglesa. Hjørland (2000) se refere à documentação como um termo importante relacionado à Ciência da Informação, citando o biógrafo de Otlet, W. B. Rayward (1975; 1991; 1994). Além de Rayward, outros autores resgataram e traduziram as ideias não só de Otlet, mas também de Suzanne Briet para o idioma inglês, dentre eles Ronald Day (2006) e Michael Buckland (1995), alguns anos depois dos países nos quais já estava consolidada uma tradição documentalista.

Esses autores retomaram os conceitos da Documentação clássica e reacenderam os debates acerca da importância de se discutir o documento na Ciência da Informação, para melhor compreensão do seu objeto de estudo, a informação. Quando os estudos sobre o documento pareciam esgotados, ressurgiu o questionamento sobre o documento. Esse retorno ao documento ocorre em dois níveis: conceitual e histórico.

No âmbito conceitual, as discussões sobre a natureza do documento e suas relações com a informação ganham força a partir da década de 1990. Conceitos como informatividade, documentalidade, materialidade, entre outros aparecem como pano de fundo para compreender a informação dentro de um novo contexto. No artigo *Information as thing*, Buckland (1991), apresenta três acepções para o termo informação: informação-como-processo, informação-como-conhecimento, informação-como-coisa. Pergunta o que é um documento, menciona as ideias de Otlet e Briet, utiliza a noção de Briet sobre o documento em outro artigo, *What is a document?* (1998) tratando também de aspectos como a semiótica e a antropologia para compreensão do documento. A análise de Buckland sobre informação-como-coisa tem duas consequências importantes: reintroduz o conceito de documento e, por outro lado, indica a natureza subjetiva da informação (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p.192).

Bernd Frohmann (2004) também em seus estudos propõe que a informatividade dos documentos está sujeita às práticas documentárias, sendo características dessas a materialidade, seus lugares institucionais, os modos como são socialmente disciplinados e sua contingência histórica.

Em outro artigo, Frohmann (2008) apoiando-se em Foucault sobre a materialidade dos enunciados, ressalta a importância da materialidade da informação sem a qual, segundo ele, “grande parte das considerações sociais, culturais, políticas e éticas, tão importantes para os estudos da informação, se perdem” (FROHMANN, 2008, p.3). Frohmann (2009) discute ainda outros conceitos, entre eles, o conceito de documentalidade utilizando o antílope de Briet para guiar a discussão. Frohmann (2009) também revisita a questão colocada por Buckland (1997), sobre o que é documento, indicando que há três motivações filosóficas (instrumental, realista e funcionalista da filosofia da linguagem) para buscarmos definições. O autor faz algumas considerações baseando-se nas ideias de Stuart Mill e Wittgenstein, sem se comprometer com a tarefa de definir documento, porém com significativas contribuições a tal tarefa. Quando se trata de questões que relacionam documento e a informação, os pensamentos tanto de Buckland quanto Frohmann são bastante disseminados.

Freitas, Marcondes e Rodrigues (2010) sinalizam que nos últimos vinte anos a Ciência da Informação de origem anglo-saxônica redirecionou a questão do documento, em um movimento nomeado mais tarde de Neodocumentação ou Redocumentalização. Niels Lund afirma que “a era pós-moderna está experimentando em larga escala uma re-documentação, algo semelhante ao movimento da documentação liderado por Otlet e outros, iniciado há cem anos” (LUND, 2009, p.33, tradução nossa). Assim, com esse novo debate sobre a noção do documento, do seu papel social, da sua relação com a informação, do advento digital entre outros aspectos, esses pesquisadores que traduziram as obras dos documentalistas clássicos, dando os primeiros passos para a projeção do movimento neodocumentalista, fazem com que a Ciência da Informação e a Documentação retomem o diálogo sobre suas questões conceituais.

Podem ser reconhecidos assim, os primeiros sinais de uma nova tendência da Documentação na Ciência da Informação. Mostafa (2011, p.13) afirma que o nome de Suzanne Briet estará, na América, sempre ligado ao de Ronald Day, que foi quem a traduziu e ao de Michael Buckland, seu biógrafo, e são recentes ambas as iniciativas. Ortega (2009a) reforça que apesar das

contribuições significativas dos autores franceses como Meyriat e Escarpit, os pesquisadores americanos em Ciência da Informação parecem ignorar os trabalhos destes e reconhecem apenas a importância de Otlet e Briet. Fato este que auxilia na compreensão da visibilidade de autores como Frohmann e Buckland, assim como o envolvimento dos pesquisadores americanos com o assunto.

Foi por meio do resgate das ideias de Otlet por Rayward que Buckland se interessou pelo trabalho dos documentalistas europeus do século XX e se reuniu em outro momento com Niels Lund para organizar o que os próprios autores definem como “uma agenda neodocumentalista que resultou em uma rede informal internacional de pesquisa, a Document Academy” (BUCKLAND; LUND, 2008, p.163, tradução nossa), com seus estudos e pesquisas voltados as questões conceituais do documento.

Freitas (2010) adverte que nem sempre fica entendido que a motivação para esse movimento, de retorno, se origina de bases diferenciadas. A autora propõe as seguintes subdivisões para a produção sobre o tema:

Abordagens pragmáticas ou operacionais: esforços conceituais de sistematização dos objetos que efetivamente vêm sendo socialmente produzidos ou mobilizados como documento e considerados como veículos de informações socialmente relevantes;

Abordagens filosóficas ou epistemológicas: esforços teóricos, analíticos e críticos tanto dos usos socio-históricos que produzem e mobilizam objetos como documento, quanto dos esforços conceitual-pragmáticos de sistematização sobre tais objetos. (FREITAS, 2012, p.145)

Na primeira abordagem a preocupação são as atividades documentárias que envolvem os documentos e seu uso social, em uma preocupação de como lidar com esses objetos. Na segunda observa-se a intenção em compreender, por meio de questionamentos filosóficos, qual a atuação social e cultural do documento em seu contexto histórico. Há na Ciência da Informação um momento de questionamentos sobre a abordagem do seu objeto, podemos considerar como um dos momentos de transição do paradigma da Ciência da Informação que nasceu em meados do século XX com um paradigma físico, questionado por um enfoque cognitivo idealista e individualista, sendo substituído por um paradigma pragmático e social, como

sugere Capurro (2007, p.13). É perceptível uma necessidade, então, de se pensar a informação, que já fora considerada um fenômeno físico, depois um fenômeno cognitivo individual e agora é analisada como uma possível construção de suas relações sociais.

Se em termos institucionais ou terminológicos parece indiscutível a natureza social da Ciência da Informação, contudo em termos propriamente teórico-epistemológicos essa inserção não é exatamente óbvia, segundo Araújo (2003) indica, a interlocução entre a Ciência da Informação e teorias como a de Foucault e Latour reforçam tanto essa construção identitária quanto o caráter interdisciplinar para pensar a informação. Nesse movimento de resgate do debate sobre a relação documento-informação, é notável o diálogo com disciplinas como História, Filosofia, Sociologia para se repensar a informação sob a perspectiva do documento. Na construção de uma abordagem filosófica ou epistemológica, teorias como a de Foucault, Habermas, Wittgenstein, Latour são presentes nas investigações dos autores envolvidos nessa retomada. Em uma rápida análise, nota-se como filosofia da linguagem é presente nos trabalhos de Frohmann assim como a hermenêutica nas abordagens de Capurro.

Esse breve histórico apresentado retrata a necessidade de resgatar a discussão sobre a constituição do conceito de documento para repensar o conceito de informação, o que se reflete nas discussões atuais na Ciência da Informação no mundo, de acordo com o que se pode perceber como uma tendência documentalista ou neodocumentalista. Nesse ponto vale ressaltar que as correntes espanhola e francesa possuem uma forte e consolidada tradição documentalista, como mostram Lopez Yepes (1995); Lund (2009); Ortega (2009) entre outros. São pesquisadores dos Estados Unidos, Canadá, Dinamarca, entre outros, que somente anos mais tarde, buscam referências nos trabalhos de Otlet e Briet, iniciando o que nesta pesquisa reconhecemos como uma aproximação conceitual entre Documentação e Ciência da Informação atual, ou como anteriormente dito, uma tendência neodocumentalista. Nessa perspectiva, busca-se compreender em que termos se dá a retomada da Documentação e sua potencial influência na Ciência da Informação.

Esse movimento, voltando as atenções novamente para o documento, surge, ou podemos dizer ressurgir, dessa premissa de que a Documentação entre alguns pesquisadores, principalmente nos Estados Unidos, não teve a força que teve nos outros países, como os já citados Espanha e França tendo seu desenvolvimento tardio, porém para estes autores do mundo anglo-saxão, constatamos a continuidade e atualização da versão clássica da noção de documento (LARA; ORTEGA, 2012, p. 377). Os fatos nos remetem ao início do século XX, por volta da década de 1920, quando bibliotecários e documentalistas começaram a diferenciar os seus interesses profissionais, levando a uma divisão da abordagem conceitual.

Nos Estados Unidos, por exemplo, dentre os possíveis motivos para esse fato situam-se escolhas e interesses tanto de caráter pragmático quanto conceitual, que guiam e levam a caminhos diferentes a Documentação e a Biblioteconomia, resultando mais à frente na Ciência da Informação, que carrega consigo os resultados desse caminho bifurcado. Pensando na dimensão histórica, Buckland (2002) sugere que na década de 1930 a Graduate Library School of Chicago, também conhecida como “a Escola de Chicago” e os documentalistas europeus representavam duas escolas de pensamento diferentes, fato este, que após a Segunda Guerra Mundial, foi reforçado, quando a tradição norte-americana voltou seu interesse para a tecnologia. Segundo o autor citado, houve um espaço de vinte anos para que as questões abordadas pelos documentalistas europeus ganhassem espaço na biblioteconomia. Assim, também na Grã-Bretanha, por uma fissura das questões profissionais, a dissociação entre documentalistas e bibliotecários é surpreendentemente semelhante à que ocorreu nos Estados Unidos (EGAN; SHERA, 1953, p.32).

Trata-se de escolhas conceituais nas organizações relacionadas a essas áreas do conhecimento que resultaram na maior influência de uma sobre a outra ou então na exclusão dos seus ideais. Passaram anos para que a Documentação fosse (re)conhecida por pesquisadores que ainda não tinham conhecimento do abandono que a obra de Otlet sofreu. “Este ‘abandono’ é redefinido a partir da retomada, nos fins do século XX, dos visionários conceitos e questões lançados por estes” (SALDANHA, 2013, p.71). Fato este

que reflete nas configurações da Ciência da Informação, dando também abertura para que nesse período, dentre as discussões acerca do seu objeto de estudo - a informação registrada - surgisse espaço para o diálogo com a Documentação. Esta pesquisa busca identificar as contribuições consideradas “neodocumentalistas”, originárias do grupo Document Academy, para a Ciência da Informação. Identifica seus discursos e os utiliza como base para que se possa estabelecer limites das atuais aproximações conceituais entre Documentação e Ciência da Informação no entendimento do conceito de documento.

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

Com base no cenário apresentado, pode-se levantar alguns pontos: a partir da discussão conceitual existente sobre o documento, qual é a perspectiva dos pesquisadores da corrente anglófona? É possível mensurar por meio dessa perspectiva o grau de influência dessas discussões na relação entre Documentação e Ciência da Informação? De que forma essa relação influencia no entendimento do conceito de documento na Ciência da Informação? No processo de pesquisa sobre essas discussões surge o grupo Document Academy e suas publicações, as quais fornecem elementos que contribuem com o debate sobre conceito de documento. Assim, pergunta-se: qual o contexto do surgimento desse grupo e seu papel no retorno dos debates sobre documento que tem como pano de fundo a Documentação? Quais as contribuições dos estudos e pesquisas desse grupo sobre o conceito de documento no seio da Ciência da Informação?

Assim o problema desta pesquisa é formulado da seguinte maneira: Qual o papel do grupo Document Academy na renovação do diálogo da Ciência da Informação com a Documentação?

1.2. OBJETIVO GERAL

- Expor a renovação no diálogo entre Documentação e Ciência da Informação em uma perspectiva conceitual do documento na atualidade

com base na análise das publicações do grupo de estudos Document Academy.

1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Traçar a trajetória do conceito de documento na Ciência da Informação;
- Identificar elementos que caracterizam a Documentação a partir do ponto de vista conceitual do documento;
- Analisar os artigos publicados pelo grupo de estudos Document Academy;
- Identificar, com base nos artigos analisados, tendências atuais em Documentação a partir do conceito de documento.

1.4. JUSTIFICATIVA

Existe uma tendência teórica que nas últimas duas décadas reacendeu a discussão sobre o conceito de documento. O movimento com uma percepção documentalista, ou neodocumentalista, não apenas redescobriu as ideias de Paul Otlet, mas impulsionou o debate sobre o documento se utilizando de conceitos da Documentação clássica, mostrando que é necessário não apenas se pensar o documento, mas as relações existentes entre o documento e a informação para compreender as novas configurações dos registros da informação.

Não há uma razão para se ocupar do conceito de informação em detrimento do conceito de documento. “A noção de documento pode ser pensada como uma forma de recapitular as variabilidades e ambiguidades que caracterizam a noção de informação”, segundo Rayward (1996, p.5, tradução nossa). Os debates sobre a natureza, as aplicações e os entendimentos sobre o documento se mostram ricos com muitas contribuições para as áreas que dele se ocupam como a Biblioteconomia e a Arquivologia, por exemplo, correlatas tanto à Ciência da Informação quanto à Documentação.

Nota-se, então, que mais que uma necessidade, há espaço e interesse para se pensar sobre o conceito de documento em Ciência da Informação sob

a perspectiva da Documentação. Pinheiro (2013) relata que a partir dos anos 1990 a sociedade da informação vivenciou uma nova explosão informacional, devido ao surgimento das novas tecnologias e configurações de novas problemáticas.

Nessa nova e mais arrebatadora “explosão da informação”, chama à atenção a intensidade das pesquisas de antigas questões, como a recuperação da informação, que mantém seu espaço no coração da ciência da informação, juntamente com a organização do conhecimento (PINHEIRO, 2013, p.26).

É nesse contexto que as ideias da Documentação foram retomadas por pesquisadores em Ciência da Informação.

Considerando esse contexto, a pesquisa torna-se oportuna para entender o estado da arte das discussões sobre o conceito de documento no âmbito da Ciência da Informação sob a influência da vertente neodocumentalista, cujo foco não parece estar centrado exclusivamente no documento, em si, mas na sutil fronteira entre as noções de documento e de informação.

Procuramos identificar o nível do diálogo entre a Ciência da Informação e a Documentação na atualidade. A intenção é identificar quais são as ocorrências que iniciaram esses debates sobre o conceito de documento, como por exemplo, a Lei do Depósito Legal na Noruega, em 1989, a inquietação provocada pelos pássaros mortos do Museu de Zoologia de Berkeley¹

¹Em seu artigo *Document, Documentation and the Document Academy* (2008, p.162), M. Buckland e N. W. Lund, relatam como surgiu o interesse sobre a questão documental que os levou a formular o grupo colaborativo de pesquisas sobre documentos, Document Academy. No texto Buckland relata o fato que lhe despertou o interesse na questão documental, que o levou até os autores clássicos da Documentação, uma visita ao museu que possuía uma coleção de aves. Em entrevista concedida a Solange Mostafa Puntel publicada no periódico InCID, em 2011, Buckland também relata esta visita: “Em 1987, visitei um museu de zoologia, onde vi um gabinete com aves mortas. Por que a universidade gastou dinheiro valioso e o escasso espaço de que dispõe com uma coleção de aves mortas? A resposta, decidi, era que esses espécimes eram informativos. Estudantes e pesquisadores podiam estudá-los para conhecer as características das aves. Como bibliotecário, pude ver que a coleta de aves mortas realizava a mesma função que uma coleção de textos em uma prateleira da biblioteca. Eles não eram livros, mas eles eram comparáveis aos livros - e as bibliotecas sempre recolheram alguns materiais que não eram livros. Então, na verdade, o gabinete era uma biblioteca de aves. Naquele tempo, os conceitos e a terminologia da Ciência da Informação ainda não eram adequados para discutir aves mortas como informação. No entanto, essa limitação poderia ser resolvida usando a palavra “documento” como um termo técnico geral para todos os tipos de objetos informativos: livros, conjuntos de dados, manuscritos, gravações musicais, e, sim, uma coleção de aves mortas!” (INCID, 2011, p.235).

(BUCKLAND; LUND, 2008) ou deixar de lado o orgulho dos estudos de informação que até então rejeitavam os estudos do documento, como afirma Frohmann (2008), e reconhecer a importância das contribuições que há na área. Estudar a documentação é estudar as consequências e os efeitos da materialidade da informação (FROHMANN, 2008, p.21). Para alcançar tal nível do diálogo, a ponte será a rede interdisciplinar de estudos sobre documentos e documentação, o grupo *Document Academy*.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo e em seus tópicos são apresentados a Documentação desenvolvida por Paul Otlet, sucedida por Suzanne Briet, e a repercussão desse movimento que, esquecido por algum tempo, serviu como eixo para guiar as investigações sobre o conceito de documento, surgidas no final do século XX.

Nomeia-se como o movimento Neodocumentalista esse interesse na obra deixada por Otlet-Briet por pesquisadores em Ciência da Informação, na sua maioria originários de países como Estados Unidos, Canadá e Noruega, onde o movimento da Documentação não teve força e foi abandonado em favor da Ciência da Informação. São mostradas as origens do termo e algumas das motivações para o retorno ao documento.

Dentre as iniciativas de pesquisas que se ocupam do conceito de documento, é apresentado o grupo *Document Academy*, uma rede de pesquisas multidisciplinar que desde 2003, atua nas discussões conceituais sobre documento, da qual fazem parte pesquisadores reconhecidos em Ciência da Informação.

2.1. O MOVIMENTO DA DOCUMENTAÇÃO

Em seu discurso no Congresso Mundial de Documentação Universal, em 1937, Paul Otlet afirmou

A Documentação propõe tal problema em termos tanto mais audaciosos quando o espírito, já se tendo elevado muito alto no

sentido da generalização e da abstração, pode, presentemente, invocar em seu auxílio a arte sutil do cálculo, assim como o das máquinas maravilhosas nascidas desta mesma arte. Estas máquinas realizam sempre, em número cada vez maior, as operações intelectuais que, durante muito tempo, erradamente, acreditavam-se reservadas ao espírito, tão somente. O espírito, nos dias de hoje, está vestido, armado, equipado; tem seus instrumentos. Os documentos que estes serviram para produzir são, por sua vez, novos instrumentos para a produção de outros. É o ciclo. (OTLET, 1937)

O tal problema ao qual ele se refere é “o problema da fácil conversão de estruturas ou conjuntos, uns nos outros, da utilização múltipla dos materiais ou elementos” (OTLET,1937), ou seja, a produção de documentos com base na coleta, seleção e organização das informações retiradas de outros documentos, a partir das técnicas propostas pela Documentação.

Nesse trecho, datado de 1937, é possível visualizar recursos que surgiram décadas à frente do tempo de Otlet, recursos esses que o mesmo sequer viria a conhecer. Um visionário, um idealista. Essa é a definição básica de Paul Otlet dada por diferentes pesquisadores que exploram sua inesgotável obra assim definida pelo fato de suas ideias serem consideradas “precursoras” de tecnologias como a internet, ou o projeto do *Mundaneum*, hoje apoiado pelo Google em homenagem a Paul Otlet e Henri La Fontaine, pois o Google reconhece suas origens no trabalho realizado por eles (MUNDANEUM, 2018).

Seu pensamento também ressurgiu de tempos em tempos sempre auxiliando na construção teórica da Ciência da Informação, mesmo que esta, por sua vez, tenha, em alguns momentos, se afastado da Documentação. Mas será necessária a aproximação entre essas duas áreas? Teriam a Documentação e Paul Otlet aportes ainda a oferecer para a Ciência da Informação? Pode-se afirmar que sim, com base no movimento iniciado por pesquisadores em Ciência da Informação que estão rediscutindo Documentação e Ciência da Informação, documento e informação, pesquisadores que definem seu movimento como neodocumentalista, ou seja, uma discussão atual sobre o documento como subsídio para a discussão da informação. Para melhor compreender o que é esse movimento é necessário começar pela Documentação e suas propostas conceituais.

A Documentação nasce a partir do encontro de Paul Otlet e Henri La Fontaine, mentores do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) criado, em 1895, na Bélgica, e do Repertório Bibliográfico Universal (RBU) projeto proposto

no mesmo ano (ORTEGA 2009, p. 61). A ideia do RBU era reunir um índice de assuntos com a maior abrangência possível, que chegou aos 16 milhões de fichas em 1934. Com o passar do tempo, a intenção de criar um repertório bibliográfico evoluiu para a ideia de um campo do conhecimento que propunha acompanhar o documento do início ao fim do ciclo documentário.

“A Documentação é constituída por uma série de operações distribuídas, hoje, entre pessoas e organismos diferentes. O autor, o copista, o impressor, o editor, o livreiro, o bibliotecário, o documentador, o bibliógrafo, o crítico, o analista, o compilador, o leitor, o pesquisador, o trabalhador intelectual. [...] acompanha o documento desde o instante em que ele surge da pena do autor até o momento em que impressiona o cérebro do leitor. Ela é ativa ou passiva, receptiva ou dativa; está em toda parte onde se fale (Universidade), onde se leia (Biblioteca), onde se discuta (Sociedade), onde se colecionem (Museu), onde se pesquise (Laboratório), onde se administre (Administração), onde se trabalhe (Oficina).” (OTLET, 1937, p. 1).

Segundo Ortega (2009) a Bibliografia foi por mais de quatro séculos sinônimo de Biblioteconomia até que no final do século XIX Otlet e La Fontaine desenvolveram, a partir da Bibliografia, a Documentação, uma disciplina distinta da Biblioteconomia.

Rabello (2009, p. 156) afirma que não houve, apesar dessa separação, um rompimento entre Bibliografia, Biblioteconomia e Documentação, mas sim uma adição de valores, em que à concepção clássica de livro foi acrescida uma definição mais abrangente.

Enquanto a Bibliografia tinha o seu trabalho voltado, principalmente, aos registros bibliográficos (em formato livro), a Documentação focava toda a informação documentada, considerando os documentos de natureza múltipla, ou seja, todos os tipos de documento em todos os suportes de informação. (BLANQUET apud RABELLO, 2009a, p. 155).

No *Tratado de Documentação*, o grande clássico da área, de 1934, Otlet cita os princípios da documentação:

Os princípios da documentação consistem principalmente, a fim de proporcionar o conhecimento de informações factuais e documentadas: 1º Universal quanto seu objeto, 2º Seguras e verdadeiras, 3º Completas, 4º Rápidas, 5º Atualizadas, 6º Fácil de obter, 7º Reunidas por antecedência e dispostas a ser comunicadas, 8º Colocadas à disposição da maioria (OTLET, 2007, p. 6, tradução nossa).

O pensamento de Otlet é muito atual, sua visão e ideal de documento, já naquela época abriu um leque de possibilidades sobre o que é de fato um documento, fato que garantiu a continuidade dos estudos na área até os dias atuais.

Essa fase de inovação de Otlet é considerada um marco na evolução para o movimento documentalista, que acabara de se originar e que viria a se ramificar e criar correntes pelos mais diversos países como França, Espanha, Portugal e Estados Unidos. Na verdade, França e Espanha são mais do que correntes, elas têm papel fundamental na organização e desenvolvimento da documentação.

Os europeus deram continuidade a esses estudos e aplicações até que os movimentos causados pela Segunda Guerra Mundial acentuaram estes avanços devido às necessidades específicas dos países envolvidos na recuperação de conteúdos a partir de tipos diversos de documentos, inclusive com tentativas rudimentares de recuperação mecânica da informação. (ORTEGA, 2004, p. 5).

Rabello (2009b) afirma que

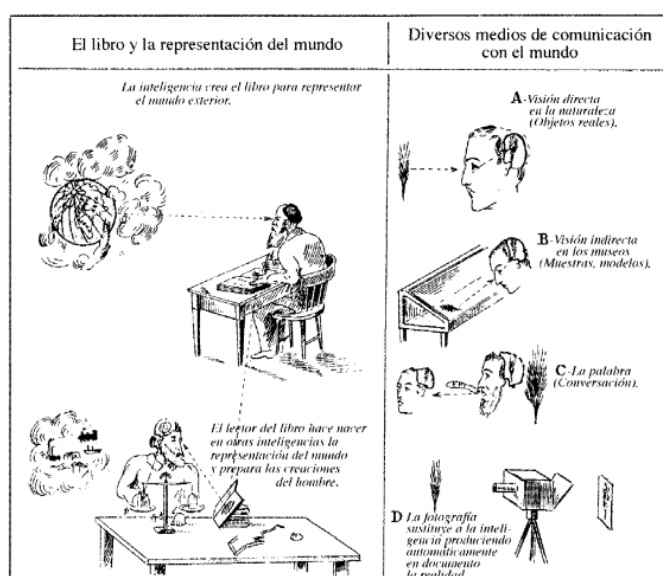
À luz dessa aproximação, denominamos o primeiro momento da Documentação, de “fase positivista”, que representa um período de transição da *tradição* rumo à *inovação* conceitual. Essa fase foi marcada pela acepção otletiana de *documento* após a década de 1930, quando o conceito foi formulado considerando os objetos produzidos pelo homem em direção ao *conteúdo informacional* (RABELLO, 2009b, p.10).

Paul Otlet, no *Tratado de Documentação* apresenta sua ideia de documento, como “um suporte de certo material e eventualmente de uma dimensão de algum dobramento, no qual estão inclusos alguns sinais representativos de dados intelectuais” (OTLET, 2007, p. 43, tradução nossa). Ele amplia o conceito de documento até então pensado como livro, para todo tipo de material que possa trazer conteúdos intelectuais, ou seja, aquilo que acrescente ou aumente o nível intelectual de quem recebe tal conteúdo. “Documento é o livro, a revista, o jornal; é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; é, também, atualmente, o filme, o disco e toda a parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica” (OTLET, 1937, p. 1).

Otlet discute ainda sobre o *Biblión*, “a unidade intelectual e abstrata, mas que se pode encontrar específica e realmente de vários modos” (OTLET, 2007, p. 43, tradução nossa). Ele compara o *biblión* ao que seria o átomo para a física, a célula para a biologia e assim por diante. Uma forma única essencial que dá base ao objeto de estudo, o documento. Para Otlet, o documento vai muito além do livro, e por isso ele usa essa “partícula” para ligar todos esses materiais. Livros, revistas, artigos, fotografias, filmes, tudo isso representava para ele um documento potencial. “Para reformular o conceito, Otlet retomou a concepção de *biblión* e passou a reconhecer a equivalência conceitual de livro/documento/biblión que representava todo objeto artificial em que se reconhecia alguma propriedade informativa (“logos”)” (RABELLO, 2009b, p. 10).

Tudo o que representa de alguma forma o mundo ou o que nele está contido é documento na visão de Otlet. Ele apresenta em sua obra um quadro explicativo da relação entre mundo e documento (livro). O livro, segundo ele, é criado pela inteligência, pode-se entender também a inteligência como a consciência de um sujeito, para externar sua visão interior do mundo. A partir dessa representação documentada do mundo por um sujeito, quando outro sujeito acessa esse conteúdo, ele cria, a partir da sua interpretação do conteúdo acessado, sua própria visão do mundo.

FIGURA 1 – Ilustração de Otlet sobre o livro e a representação do mundo e os diversos meios de comunicação com o mundo



Fonte: OTLET (2007, p. 40)

Na figura 1 estão representados os diferentes modos de comunicação com o mundo. Otlet aponta quatro meios de interação com o mundo, existentes à época:

- visão direta dos objetos na natureza;
- visão indireta dos objetos nos museus;
- a palavra (oralidade), e;
- a fotografia.

Com isso, observa-se que hoje, após 80 anos de desenvolvimento de tecnologias, há muitos outros meios de contato com a realidade que se encaixam nesse pensamento de Otlet, o que mostra que, mesmo citando quatro exemplos, ele conseguiu abranger de forma completa e atual como se dá a apreensão de conteúdos e a criação de registros.

Michael Buckland (1998) lembra que Paul Otlet também observou a possibilidade de documentos serem tridimensionais, o que tornou os materiais de museu passíveis de serem nomeados documentos, bem como as esculturas.

A Documentação de Otlet teve sucessores em várias partes do mundo. Contudo “se o berço da Documentação foi a Bélgica, sua normalização e organização deu-se efetivamente na França, no período de 1895 a 1937 (FAYET-SCRIBE apud ORTEGA, 2009, p. 64). E foi da França que saiu uma de suas mais importantes sucessoras, Suzanne Briet.

Suzanne Briet era funcionária da Biblioteca Nacional da França e na sua obra *Qu'est-ce que la documentation?*, de 1951, ela dá continuidade às ideias introduzidas por Otlet.

Briet parte da definição de documento da UFOD (Union Française des Organismes de Documentation) (adotada em 1935, segundo Fayet-Scribe, 2001, p. 281): toda base de conhecimento, fixada materialmente, suscetível de ser utilizada para consulta, estudo ou prova. Propõe, em seguida, outra definição que julga mais atual e abstrata: o documento é todo signo indicial (ou índice) concreto ou simbólico, preservado ou registrado para fins de representação, de reconstituição ou de prova de um fenômeno físico ou intelectual (ORTEGA; LARA, 2009, p. 310).

Briet agrega ao conceito de documento a característica de prova, evidência. "Um documento é uma evidência em apoio de um fato." (BRIET

apud BUCKLAND, 1998, p. 5). Suzanne Briet trouxe o elemento da natureza para o âmbito do documento. Buckland(1998) apresenta seis elementos que Briet questiona, quanto ao que seria ou não documento. Uma estrela no céu, uma pedra no rio e um animal solto na natureza não podem ser considerados documentos. Contudo, a foto de uma estrela, uma pedra no museu e um animal no zoológico podem ser considerados documentos. Estes seriam o documento primário. A partir dessa captação da natureza, da apreensão da realidade, tudo que dali for extraído, transformado, passar uma informação, criar um conhecimento, é caracterizado como documento secundário. Mas o famoso exemplo de Briet, que trouxe outro caráter inovador ao documento, foi o do antílope africano.

[...] ela exemplifica ao tratar de um antílope africano de uma espécie nova que foi encontrado e levado à Europa, tendo sido o fato divulgado nos meios de comunicação. O fato também se torna objeto de uma comunicação na Academia de Ciências e tema de atividades de ensino de um professor de Museu. Adicionalmente, o animal vivo é enjaulado e catalogado (no Jardim Zoológico), quando morto é dissecado e conservado no Museu, emprestado para uma exposição, passando, assim, a ser registrado em documentos impressos (e sob outros suportes) como livros e enciclopédias, os quais compõem bibliotecas e seus catálogos, entre outros. Para Briet, o antílope catalogado é um documento inicial; os outros são documentos secundários ou derivados (BRIET apud ORTEGA; LARA, 2009, p. 311)

A partir do que dizem Lund, Buckland e Ortega sobre Briet, chega-se a três níveis do documento, no pensamento da documentalista. O documento inicial, que seria o antílope na natureza. O documento primário é o antílope estudado, mas não na natureza, e sim já capturado e localizado no zoológico. No documento secundário está incluso todo o material que é criado a partir do documento primário.

Verifica-se, assim, que para a autora os documentos iniciais não são apenas os documentos textuais convencionais. O que foi dito mostra que as propostas de Otlet e de Briet já enunciavam as questões de promoção e acesso à informação, ou seja, os termos documento e Documentação já tinham em germe a noção de informação tal como é compreendida contemporaneamente (ORTEGA; LARA, 2009, p. 311).

Com base no conceito de Briet, que documento é uma evidência, então pode-se dizer que qualquer objeto que possivelmente traga uma informação em si sobre algo, pode vir a ser um documento. Então, para Briet documento

se define como “qualquer indicação simbólica ou concreta, preservada ou gravada, para reconstrução ou como prova de um fenômeno, seja ele físico ou mental” (BRIET apud BUCKLAND, 1991, p. 357, tradução nossa).

Mas, segundo Buckland (1991, p. 6), não é muito claro o que seriam as “regras de Briet” para que um objeto se tornasse documento. No entanto, a partir do pensamento dela, Buckland aponta:

1. Há materialidade: objetos físicos e apenas sinais físicos;
2. Há intencionalidade: Pretende-se que o objeto seja tratado como evidência;
3. Os objetos têm que ser processados: Eles têm que ser feitos em documentos e, pensamos,
4. Há uma posição fenomenológica: O objeto é percebido como um documento.

Michael Buckland em seu texto, *What is a document?* (1998) questiona a questão do documento e como ela vem sendo formulada pelos diferentes autores

[...] se o termo "documento" for usado num sentido especializado como um termo técnico para designar os objetos com os quais as técnicas de documentação poderiam ser aplicadas, quão amplo o âmbito da documentação poderia ser alargado. O que pode (ou não) ser um documento? (BUCKLAND, 1998, p. 217, tradução nossa).

O autor indica que

[...] Otlet, Briet e outros documentalistas afirmam que, a documentação deve estar preocupada com objetos potencialmente informativos; nem todos os objetos potencialmente informativos são documentos no sentido tradicional de textos sobre papel; e, outros objetos informativos como pessoas, produtos, eventos e objetos de museu não devem ser excluídos (ORTEGA; LARA, 2009, p. 317).

Para Buckland, partindo do conceito clássico de Otlet, o que deveria ser pensado como documento é a possibilidade de informação que tal objeto ou ser vivo, possua, ou vier a ter. Ele trata então os conceitos de documento e informação evidenciando a sua relação e apresenta exemplos de objetos que não foram criados com o objetivo de ser documento e dos que foram criados para ser, mas não exercem tal função.

[...] um livro pode ser tratado como um “segura-porta”. As Iluminuras dos manuscritos medievais eram destinadas a ser decorativas, mas

se tornaram uma fonte importante de informações sobre vestimentas e acessórios medievais. (BUCKLAND, 1991, p.355, tradução nossa).

Por fim, Buckland fala da possibilidade de haver informação em um objeto, de ser "informativo". Ele conclui que:

[...] as pessoas são informadas não só por comunicações intencionais, mas por uma grande variedade de objetos e eventos. Ser "informativo" é situacional e seria precipitado afirmar que algo pode não ser informativo, portanto, não ser informação, em alguma situação imaginável. Variedades de "informação-como-coisa" variam em suas características físicas e, portanto, não são igualmente adequadas para armazenamento e recuperação. (BUCKLAND, 1991, p. 359, tradução nossa).

A partir dos seus estudos e conhecimentos sobre Suzanne Briet e Paul Otlet, Buckland inicia um debate que uma década depois daria base para as discussões de temática neodocumentalista, quando em 1991 publica seu famoso artigo *Information-as-thing*, no qual é discutida a relação entre informação e documento a partir dos conceitos da Documentação tradicional.

No artigo em questão, Buckland apresenta três conceitos de informação: *informação-como-processo*, *informação-como-conhecimento* e *informação-como-coisa*. A informação-como-processo é o ato de comunicar, de transmitir uma mensagem, que quando decodificada ou traduzida se torna conhecimento, passando então para a informação-como-conhecimento. A informação-como-conhecimento é a informação que foi capaz de atuar como agente modificador, ela alterou a estrutura de conhecimento de seu receptor, sendo um redutor de incerteza, de dúvida. A informação-como-coisa é a informação que encontra-se materializada, registrada. É aquilo que se pode chamar documento.

Essa definição de Michael Buckland reacende um aspecto importante que havia sido esquecido sobre a informação, como lembram Capurro e Hjørland (2007), a ligação entre documento e informação. A informação-como-coisa abrange o potencial informativo dos objetos que podem vir a se tornar um documento. Buckland (1998) afirma que pode-se considerar documento tudo aquilo que serve como prova ou evidência de um fato, com base na definição de documento de Suzanne Briet. Como toda prova ou evidência possui informação, o documento neste caso se apresenta como a informação materializada "[...]e evidências podem assumir muitas formas. Seu exemplo [de

Briet] foi um antílope vivo, [...] se um antílope é tratado como evidência, de uma forma organizada, foi feito um "documento" (INCID, 2011, p. 236).

Para melhor compreensão traçamos um paralelo entre os conceitos de Michael Buckland e a tese dos Três mundos, de Karl Popper, tratado por Bertram C. Brookes (1980) em seu artigo que aborda a formação da Ciência da Informação enquanto ciência, pois como afirmam Barreto e Miranda,

“A Ciência da Informação faz parte de um campo científico de tipo novo, que participa do mundo físico e metafísico mas que formula seus problemas no universo da representação do conhecimento dos três mundos popperianos – incluindo o próprio mundo 3 do conhecimento registrado”(BARRETO, MIRANDA, 2000, p.13)

Essa abordagem a partir da visão de um conceito popperiano auxilia o entendimento desse conceito de Michael Buckland que permite um novo olhar sobre a informação a partir do documento. Sumariamente os três mundos de Popper se dividem da seguinte forma: o mundo físico (mundo 1), o mundo subjetivo (mundo 2) e o mundo do conhecimento objetivo (mundo 3). O mundo físico é aquele no qual a matéria está localizada. No mundo subjetivo situa-se a consciência humana, o conhecimento subjetivo de cada indivíduo. No mundo do conhecimento objetivo encontra-se a materialização do conhecimento subjetivo. Aqui, o conhecimento é objetivado e pode ser compartilhado. No mundo três se encontram os documentos, é o que diz Brookes (1980).

A partir disso é formado o seguinte quadro: no mundo físico está a informação-como-processo, já que a informação neste caso é a mensagem a ser transmitida, são os dados. No mundo do conhecimento subjetivo está a informação-como-conhecimento, pois a informação neste estágio representa o entendimento que houve por parte do receptor dos dados que se transformaram em informação. Vale recordar que nesse estágio a informação é considerada uma estrutura modificante. É a partir da transformação causada pela informação na estrutura subjetiva da consciência que surge o conhecimento. No mundo do conhecimento objetivo está a informação-como-coisa, sendo que esta corresponde aos documentos, aos registros dos conhecimentos humanos gravados e passíveis de transmissão, de comunicação.

Segundo Brookes (1980), quando há essa passagem do subjetivado para o objetivado, o conhecimento humano atinge um grau de eternização. O citado autor complementa dizendo que os objetos de interesse de estudo da Ciência da Informação são os do mundo 3, ou seja, os objetos que contêm o conhecimento registrado que são potencialmente informativos, a informação-como-coisa. Assim, no mundo 3 é encontrado o interesse da Ciência da Informação, no qual está o conhecimento objetivo. Robredo afirma que

“[...] Brookes (1980) deu preferência a uma conceitualização menos individualista e subjetiva da informação, o que o levou a se aproximar da visão do *Mundo 3* de Popper, onde vislumbrou que o mundo do conhecimento objetivo é a base da teoria que considerava como fundamental para a Ciência da Informação.” (ROBREDO, 2011, p.26)

Em seu artigo Buckland (1991) questiona, como é possível saber o que é ou que pode ser informativo. Para reconhecer esse potencial de informação, é preciso buscar o valor informacional que aquele objeto (que ainda não configura um documento) representa para um indivíduo ou grupo social. Reconhecido esse valor, cabe a Ciência da Informação tratar esse objeto como um documento, pois é sua responsabilidade e função social suprir as necessidades informacionais da sociedade ou de seus grupos como afirmam Wersing e Neverling (1975).

Apesar da polissemia do termo informação não ser novidade, ao definir a informação a partir dessas três configurações, Buckland reaproximou da Ciência da Informação a Documentação, a partir da relação entre o conceito de documento e de informação. Para ele, discípulo de Suzanne Briet, documento é tudo aquilo que contém informação ou tem potencial informativo, como afirma em seu artigo *What a document is?* (1998).

Com base nesse quadro de comparação teórica exposto, tem-se a partir da informação-como-processo, informação-como-conhecimento e informação-como-coisa o momento de transformação da mensagem para informação que se torna conhecimento subjetivo que quando materializado, ou seja, objetivado, passa a ser a informação-como-coisa ou um documento potencial.

Reacesa a discussão sobre o conceito de documento, uma série de questões surgem nesse espaço. Saldanha (2013, p.67) afirma que “o ‘documento’ emerge, neste contexto, como conceito crítico e como estratégia

epistemológica de reavaliação da própria Organização dos Saberes em sua totalidade”. Para Saldanha (2013), o movimento que vai tomando forma com um viés neodocumentalista permite uma análise crítica da construção epistemológica da Ciência da Informação. Em seguida, são apresentadas informações sobre a formação e origem do movimento neodocumentalista.

2.2. O (RES)SURGIMENTO DA DOCUMENTAÇÃO E OS MOLDES DO MOVIMENTO NEODOCUMENTALISTA

Cada época tem suas questões a serem resolvidas, limitações a serem superadas e seu próprio contexto. Quando Gutenberg inventou o tipo móvel no século XV, a proporção de produção e distribuição dos livros aumentou consideravelmente.

A tecnologia da impressão promoveu uma primeira modificação na atividade da organização e preservação de documentos, uma vez que, aos poucos, foi retirada da biblioteca a tarefa de reprodução de manuscritos realizada pelos copistas, que passou a ser feita em oficinas especializadas (ORTEGA, 2004, p.3).

Essa foi uma questão que passou a fazer parte da realidade das bibliotecas e do bibliotecário nos séculos seguintes, que foi sendo apaziguada por meio do desenvolvimento dos conceitos de biblioteca pública, dos primeiros princípios de Biblioteconomia moderna, da Bibliografia Especializada, da Documentação dentre outros, como cita Ortega (2004).

Assim ocorreu com as questões documentárias que Paul Otlet vivenciou em sua época e buscou solucionar por meio da Documentação, a qual foi desenvolvida segundo as influências contemporâneas recebidas por ele.

[...] a criação da obra de Otlet que expressou, em uma abordagem ampla e com grande preocupação formal, a sua inquietude frente aos problemas informacionais de sua época. Desse modo, o *Traité* tornou-se, a partir de então, uma importante referência para pensarmos as questões informacionais hodiernas (RABELLO, 2008, p.20).

Ou seja, o legado de Otlet, como já dito, dá a oportunidade de ainda hoje ser utilizado para a compreensão de questões atuais sobre o documento, por exemplo, com as devidas considerações sobre o contexto presente. “A fim de compreender claramente a natureza dos problemas dos documentalistas [...], é

necessário analisá-los em relação à utilização que a sociedade contemporânea faz da informação escrita” (SHERA; EGAN, 1953, p. 37). Esse é o caso do movimento neodocumentalista que surgiu nas últimas décadas devido ao crescente interesse sobre a questão “O que é um documento?”.

A partir da década de 1990, conforme Buckland (2014) por motivos de um renascimento das ideias de Otlet e Briet assim como pela argumentação de que qualquer objeto físico, no contexto correto, pode ser considerado uma evidência, logo, um documento. Entretanto será que apenas o fato de haver no conceito de documento, faz deste um problema neodocumentalista? O que seria a neodocumentação, o que define esse movimento.

Saldanha é bem claro na sua definição do termo: “o nome ‘neodocumentação’ é, em primeira instância, um discurso que comenta as obras dos primeiros ‘documentalistas’, a saber, o cânone Otlet-Briet” (SALDANHA, 2013, p. 71). E complementa,

[...] não se pode esquecer que o “neodocumentalismo” se organiza no âmbito de um mundo atravessado pelo “determinismo digital”, onde a *web* se apresenta como um dos palcos centrais de atuação do homem. Se é um discurso organizado, ele se dá junto do nascimento, crescimento e consolidação da *web* como espaço de construção de significados sociais na ampla esfera das relações humanas em caráter mundial. Deste modo, reflete não uma visão passadista – retomar o “documento” em seu caráter físico como objeto-chave de nossa reflexão, como pode, por vezes, significar –, mas “refundar” nossa ideia de materialidade (SALDANHA, 2013, p.73).

O movimento neodocumentalista surge então para compreender como se configura essa nova realidade, na qual o meio físico e o digital coexistem e se faz necessário identificar sua relação para ser viável a conceituação do que é um documento. Para isso utiliza-se do suporte teórico da Documentação clássica. Essa corrente de pensamento emerge de diferentes contextos, porém com objetivos similares, por essa razão também há uma diversificação no termo pela qual é nomeada.

Neodocumentalista, neo-documentação e redocumentarização são os termos que aparecem nas publicações encontradas sobre este novo movimento. Identificar uma data ou contexto exato do surgimento desses termos é uma tarefa árdua, no entanto é possível traçar os rastros de suas aparições.

Em artigo de 2008, Lund e Buckland descrevem a intenção de criar a *Document Academy* para discussões de uma agenda “neodocumentalista”, com o termo assim, entre aspas. Já o termo redocumentarização aparece anteriormente em uma publicação lançada pelo autor coletivo Roger T. Pédaque, pseudônimo escolhido para a RTP - doc (*Réseau Thématique Prioritaire*), uma rede temática coletiva de pesquisa organizada em 2003 pelo Centro Nacional de Investigação Científica (CNRS) da França que tinha por objetivo o estudo do documento digital, liderada por Jean-Michael Salaün, professor da *École Nationale Supérieure des Sciences de l'information et des Bibliothèques* (ENSSIB). “O objetivo era construir uma cultura comum em torno de um objeto comum, baseada em conhecimentos multidisciplinares e não padronizar pontos de vista ou modos de raciocínio” (SALAÜN; SULTAN, 2010, online, tradução nossa).

Segundo Buckland,

Os pesquisadores deste projeto estavam interessados em diferenças entre os documentos em papel e documentos digitais e as consequências da transição de documentos em papel e documentos digitais e as consequências da transição de uma tecnologia para outra - de serem "re-documentados" ao ter registros e comunicações transportados de uma tecnologia antiga de documentos em papel para o novo ambiente dos documentos digitais (INCID, 2011, p.241)

Esse trabalho coletivo sobre as novas perspectivas do documento resultou em três publicações:

- Document: Form, sign and medium, as reformulated for electronic documents – 2003;
- Le document à la lumière du numérique – 2006;
- La redocumentarisation du monde – 2007.

Lund afirma que a re-documentarização “é o termo francófono equivalente para o movimento da neodocumentação” (LUND, 2009, p. 39, tradução nossa). Lançada em 2007, a publicação sobre *redocumenterisation* trata da “redocumentarização” pela qual o mundo tem passado, pela ressignificação do conceito de documento a partir do contexto digital. O trabalho coletivo do RPT - doc, sob a autoria do pseudônimo Roger T. Pédaque culminou no livro *Le Document à la lumière du numérique: forme,*

texte, médium: comprendre le rôle du document numérique dans l'émergence d'une nouvelle modernité - O documento à luz do digital: forma, texto, meio: entender o papel do documento digital no surgimento de uma nova modernidade. Assim como o grupo *Document Academy*, a rede RPT - doc foi formada para ser um coletivo multidisciplinar focado no documento e suas questões após o advento digital, mas não com a intenção de definir um conceito único.

Seu trabalho pode, em vez disso, ser visto como um produtivo brainstorming interdisciplinar, feito de maneira muito sistemática, explorando as dificuldades enfrentadas por aqueles que lidam com os documentos hoje; em outras palavras, quase todo mundo na sociedade. Ao mesmo tempo, é um projeto otimista, buscando possíveis soluções para os desafios da teoria dos documentos hoje no contexto do fenômeno da redocumentarização [...] como autoria, identidade, propriedade intelectual, recuperação de documentos, anotações, princípios de preservação de documentos digitais, documentos multimídia e políticas de documentação (LUND, 2009, p.38-39, tradução nossa).

Na primeira publicação, *Document: form, sign and medium, as reformulated for electronic documents (2003)*, Pédaque sugere três definições para documento a partir de uma evolução do documento tradicional para o eletrônico/ digital. Promovendo de fato um resgate do termo documento desde o

[...] latim *documentum* dando à palavra raízes no ensino (*docere* = ensinar), para sua marginalização pelo mais recente, mais frequente, mas dificilmente mais preciso termo 'informação', o conceito comumente aparece baseado em duas funções: evidência [...] e informação (PEDAUQUE, 2003, p.1, tradução nossa)

Buscando uma definição para o documento sob o viés da forma, outra para documento enquanto sinal e outra para documento como meio. Sobre a forma o

[...] artigo mostra como o documento digital surgiu e como seu desenvolvimento mudou seus elementos constitutivos. Isso pode ser expresso em uma equação básica para documentos, através da mudança da formatação e linguagem de programação/codificação. Pode-se formular o desenvolvimento do documento digital como a progressão do documento analógico ("meio + inscrição") para o documento digital ("estrutura + dados") (LUND, 2009, p.34, tradução nossa).

Enquanto sinal, assim como enquanto texto,

Primeiro, há a ideia de classificação. A classificação é uma questão de "documentos [que] são agrupados em categorias principais, cujos itens diferentes são homólogos e inter-relacionados" (Pedauque,

2003, online); uma questão de coerência. Em seguida, temos a ideia de interpretação: “Quais links o documento sugere ou estabelece e como? Um documento é insignificante a menos que seja lido ou interpretado por um leitor” (Pedauque, 2003, online). A terceira ideia é sobre o signo em si. “Qualquer objeto é potencialmente um sinal e pode ser um 'documento' (Pedauque, 2003, online). (LUND, 2009, p.36-37, tradução nossa).

E finalmente como meio,

No contexto francês, isso tem a ver principalmente com o papel social do documento - a mediação social do documento; em outras palavras, documentação como comunicação. A partir dessa perspectiva social, o documento tradicional (isto é, analógico) é definido como: Documento = inscrição + legitimidade. Para ser um documento legítimo, “a inscrição deve ter um alcance além da comunicação privada (entre poucas pessoas) e a legitimidade deve ser mais do que efêmera (ir além do momento de sua enunciação) e, portanto, ser gravada, inscrita” (Pedauque, 2003, online). Em outras palavras, um documento, até certo ponto, precisa ser reconhecido publicamente e também requer um grau de permanência para ser reutilizado (LUND, 2009, p.38, tradução nossa).

Pedauque (2003) afirma ainda que o conceito de documento por ser onipresente na vida cotidiana e ser objeto de pesquisadores e estudiosos de diversas áreas, não se sentia uma necessidade de definir documento por ser um conceito intuitivo e o problema está, exatamente, na falta de definição.

A falta de clareza é hoje um problema: a forma eletrônica está revolucionando o conceito de documento, mas não há como medir com precisão o impacto e as conseqüências devido à falta de contornos claros [do conceito de documento]. As transformações ocorridas na passagem do papel para o meio eletrônico são evidentes quando se trata de aspecto material, tratamento cognitivo, percepção e uso. (PEDAUQUE, 2003, p.2, tradução nossa)

Um aspecto interessante da publicação é o fato de não haver citações ou bibliografias indicadas, pois devido ao caráter multidisciplinar e a participação de cerca de cinquenta pesquisadores, o coletivo não intenciona privilegiar e “estimular a competição entre os autores ou escolas de pensamento” (PEDAUQUE, 2003, p.3, tradução nossa). Com isto, pretende apresentar características intrínsecas ao documento, fornecendo uma ideia do que viria a ser entendido como movimento da redocumentarização ou neodocumentalista, termos que ainda não pareciam nos textos.

Jean-Michel Salaün pesquisador em Ciência da Informação e um dos responsáveis pelo RTP – Doc, em publicação de sua autoria de forma clara e

objetiva, fornece uma definição para o termo redocumentarização. Para auxiliar na compreensão do termo, Salaün retorna ao conceito da *documentarisation*, ou seja, da Documentação². “O objetivo da documentarização é otimizar o uso do documento, permitindo melhor acesso ao conteúdo e melhor contextualização” (SALAÜN, 2007, p. 3, tradução nossa). Esse processo de otimização do uso e acesso ao qual Salaün se refere ao surgimento da Documentação tradicional que pretendia trazer soluções para o trato dos documentos daquela época.

A documentação, nova técnica cultural, teria na ciência e tecnologia (C&T) seu primeiro importante campo de intervenção, em que era preciso acelerar os tempos da circulação dos documentos para dar conta do ritmo acelerado dos avanços científicos. (GONZALEZ DE GOMEZ, 2011, p. 27).

Com a migração do documento para o ambiente digital, a redocumentarização surge para analisar as transformações ocorridas no documento dentro desse contexto.

Essa nova forma de documentarização reflete ou tenta refletir uma organização pós-moderna de nossa relação com o mundo, que pode ser vista nas esferas privada, coletiva e pública, cada vez mais sobrepostas. Como na modernização anterior, o documento participa do processo e desempenha um papel fundamental, mas evoluiu ao ponto de se perguntar se ainda é a mesma entidade. (SALAÜN, 2007, p. 3, tradução nossa).

Vale ressaltar que essa necessidade de analisar as dimensões do documento dentro do contexto digital foi interesse específico do grupo RTP – Doc, criado pelo CNRS. A rede de pesquisa analisou o documento sob diferentes perspectivas (forma, sinal e meio) sem o objetivo de dar maior ênfase a alguma delas, “cada categoria deve ser vista como uma dimensão dominante, mas não exclusiva” (PEDAUQUE, 2003, p.3, tradução nossa). O principal é a iniciativa do grupo, dando continuidade aos estudos sobre o

² Em seu texto *La redocumentarisation, un défi pour les sciences de l'information*, Salaün (2007, p.3) se refere à *Documentarisation* e *Documentation* como termos relacionados a atividades diferenciadas. No entanto em quadro comparativo (SALAÜN, 2007, p. 4) apresentado mais adiante ele se refere a Paul Otlet como autor inserido no movimento da *Documentarisation*. O autor explica que prefere utilizar o termo “Documentarizador” a “Documentador”, por entender que o primeiro realiza uma função mais aprimorada que a segunda. Contudo, por suas referências a Otlet relacionado ao termo *Documentarisation*, para efeitos desta pesquisa entendemos que este termo remete ao termo Documentação como ela é referida nesta pesquisa, ou seja, movimento iniciado por Paul Otlet.

documento no berço de sua mais alta vertente, a francesa, e dialogando com o movimento que estava retomando os estudos sobre o documento.

Já o foco dos estudos sobre o documento pelo comitê formado na Universidade de Tromsø, afirma Lund (2009), tinha um objetivo mais pragmático que teórico. As motivações para retornar ao documento e a Documentação eram formular um programa de formação que fornecesse base aos profissionais da informação para que estes soubessem lidar com documentos de todos os tipos. Ainda era pouco conhecida a tradição documentalista.

[...] Formulou-se a estrutura conceitual geral para o programa, naquele momento sem muito saber sobre Otlet ou Briet e as antigas tradições dos estudos de Documentação. A principal razão para escolher o nome “Estudos de Documentação” não foi baseado em um interesse teórico em moldar um novo paradigma dentro da Ciência da Informação, mas em um interesse político muito mais pragmático e geral relacionado ao se estabelecer uma Biblioteca Nacional na Noruega em 1989 e ao lançamento simultâneo de uma definição muito ampla do ato de Depósito Legal na Noruega, relativo a documentos de todo tipo - material impresso, televisão aberta, rádio e filmes - e por último, mas não menos importante, a constante mudança na natureza dos documentos digitais na Web (LUND, 2009, p. 39, tradução nossa).

Com essa nova abordagem sobre os estudos de documentação, o trabalho de Otlet ganhou visibilidade e ampliou o espaço para aqueles que tinham interesse em discutir uma nova visão documentalista, “os teóricos atuais do documento, podem se concentrar na diversidade de documentos e estudar a ampla gama de problemas relacionados aos processos de documentação e aos documentos resultantes destes” (LUND, 2009, p.41, tradução nossa).

Entretanto Saldanha alerta que deve ser percebido o fato de que ao tempo que “tomamos a ‘neodocumentação’ para além de uma ‘corrente’, mas como um discurso coletivo e sólido, distinto e provocador” (SALDANHA, 2013, p.70) compreende-se que a partir de uma perspectiva historiográfica nota-se que os temas das atuais discussões neodocumentalistas também estão “[...] envolvendo muito mais do que uma reflexão sobre a revolução eletrônica de meados do século XX, mas, também, o estudo da história da ciência e da tecnologia, da impressão e da editoração, das instituições de informação” (SALDANHA, 2013, p. 70), ou seja, dentro do movimento neodocumentalista a

motivação vai além das discussões conceituais, mas se preocupa com a recuperação da construção epistemológica da Ciência da Informação.

Os pesquisadores considerados neodocumentalistas abraçam uma diversidade de assuntos dentro dessa perspectiva. Saldanha (2013) reconhece dentro do movimento neodocumentalista essa abrangência temática que tem o mesmo ponto de partida, a obra documentalista.

Um “neodocumentalismo” trará uma visão que claramente reelabora as possibilidades de conceituar o principal ponto de inflexão colocado por Otlet. Algumas instâncias desta transformação são facilmente verificáveis, enquanto outras demandariam uma análise específica sobre a obra de cada um dos autores que vêm reconceituando o documento [...] (SALDANHA, 2013, p.72).

O autor cita como exemplo desses autores que são considerados neodocumentalistas, Frohmann, Day e Lund que retratam a variedade de abordagens que existem no movimento.

A seção seguinte trata das motivações para se (re)iniciar uma discussão a respeito do conceito de documento com preceitos neodocumentalistas no final do século XX.

2.3. A PONTE EPISTEMOLÓGICA ENTRE DOCUMENTO E INFORMAÇÃO

No verbete “Documento” disponível no *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* (CUNHA; CAVALCANTI, 2008) há mais de dez definições, entre as áreas de Biblioteconomia e Arquivologia. E ainda assim poderiam ser consideradas poucas as definições, já que encontrar uma definição para documento é “uma preocupação para os cientistas da informação no movimento da ‘documentação’, buscando melhorar a gestão de recursos de informação desde o começo deste século” (BUCKLAND, 1991, p. 356, tradução nossa).

Dentre as definições clássicas do dicionário, está a de Paul Otlet, já citada na introdução desta pesquisa, assim como a de Suzanne Briet. Também apresenta as seguintes definições

1.2. “Representação gráfica da realidade sob uma forma literária (escrito, texto), ou gráfica, ou plástica (ícone, imagem)” (OTLET, p.372).

1.3. “Qualquer base de conhecimento fixado materialmente, suscetível de ser utilizado para consulta, estudo ou prova” (UFOD, p.5). (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p.132)

Ambas são muito parecidas com os conceitos de documento apresentados por aqui até o momento. No desenvolvimento do verbete é interessante notar a evolução que o conceito sofre. Os autores apresentam uma série de definições do documento a partir da década de 1970 e ao observá-las é possível notar as modificações que ocorreram até chegar ao contexto digital. São estas:

2.11. Informação registrada, estruturada para a compreensão humana. Esta definição admite tanto os documentos em papel (substanciais), como os documentos eletrônicos (insubstanciais).

2.12. Unidade que foi recuperada a partir de uma solicitação ao sistema. Pode ser um parágrafo, uma seção, um capítulo, um artigo, um livro ou mesmo uma página web.

2.13. Num sistema de hipertexto, uma coleção de informação, onde se podem enlaçar muitas partes dos documentos, dentro e fora deles. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p.132)

Da inclusão de qualquer material que sirva de evidência até a evolução do documento como hipertexto, é notável como o documento e seu conceito são reinventados e renovados conforme o desenvolvimento das tecnologias de sua época. Assim como na época de Paul Otlet, o entendimento de documento vai se expandindo.

Ampliado o conceito de documento, a quantidade e as possibilidades de obter informação ampliam-se também. “Aliás, é a ideia de documento, mais ampla que a de livro, que permite o reconhecimento dos múltiplos suportes de conteúdo informacional que beneficiarão toda e qualquer atividade humana” (TALAMO; SMIT, 2007, p. 34).

O documento além de possuir uma abrangência maior de formas e tipos, agora tinha também sua natureza expandida. O documento não necessariamente nascia como um documento, mas podia tornar-se um, considerando o grau de potencial informação. O documento passa a se relacionar de uma nova forma com a informação, pois agora esta sujeita o documento a intencionalidade e a objetivação. Buckland (1998) afirma que os documentalistas enfatizavam cada vez o que poderia funcionar como documento ao invés de focar no documento e suas formas tradicionais. Rabello (2009b) entende essa fase da ampliação e inovação do conceito de

documento a partir das ideias de Briet e seus seguidores, entre eles Day e Buckland, como uma segunda fase da Documentação, uma fase hermenêutica e afirma,

[...] os argumentos comumente empregados por esses autores demonstraram que nenhum documento é propriamente objetivo, ou seja, de que nenhum objeto/suporte nasce com *status* de *documento*, pois tal aspecto valorativo somente se constituirá *a posteriori*. Nesse contexto, o documento será o produto de um processo de objetivação (valoração) num ato interpretativo e de atribuição de significados e sentidos, sob a influência dos aspectos subjetivos “condicionados” pelo contexto social e cultural com os quais os sujeitos necessariamente se relacionam (RABELLO, 2009b, p. 11).

Ao tempo que a preocupação era “como classificar melhor esses candidatos por serem considerados como informação?” (BUCKLAND, 1991, p. 353, tradução nossa), as tecnologias continuam a se desenvolver e agora além de encontrar uma resposta para objetos potencialmente informativos que poderiam se tornar um documento, há também o ambiente digital. Como determinar o que é documento em uma configuração que trazia em sua essência as mudanças no que era conhecido como material/físico? Lund, baseado nos questionamentos de David Levy, na obra *Scrolling forward: Making sense of documents in the digital age* (2001 apud LUND, 2009)), por ele citada, sobre os documentos digitais e sua fluidez, aponta uma série de questões pertinentes à investigação do documento suscitadas pela nova era digital.

Se eles [os documentos] são apenas uma coleção temporária de diferentes partes reguladas por alguma linguagem de programação, permitindo uma forma perceptível por tempo limitado, pode-se perguntar se faz sentido falar sobre documentos em um ambiente digital. Alguém pode perguntar: onde está o documento? É possível falar sobre documentos se o documento pode mudar ou até desaparecer dentro de segundos? (LUND, 2009, p.28, tradução nossa).

Era necessário pensar como definir o que é um documento digital. Para Buckland,

A mudança para a tecnologia digital parece tornar essa distinção ainda mais importante. [...] a ênfase na tecnologia de documentos digitais impediu nossa compreensão de documentos digitais como documentos [...]. Um documento convencional, como uma mensagem de correio ou um relatório técnico, existe fisicamente na tecnologia digital como uma sequência de bits, assim como todo o resto em um ambiente digital. Nesse sentido, qualquer distinção de um documento

como uma forma física é diminuída e a discussão sobre "O que é um documento digital?" torna-se ainda mais problemática, a menos que nos lembremos do caminho do raciocínio subjacente às amplamente esquecidas discussões dos objetos de Otlet e do antílope de Briet (BUCKLAND, 1998, p.809, tradução nossa).

Ou seja, fez-se necessário retomar os preceitos documentalistas para entender as novas configurações do documento conforme afirmação de Buckland. Pois só compreendendo o que é um documento na sua essência, com propriedades bem definidas é que se torna possível identificar um documento em qualquer outro ambiente ou suporte que evolui continuamente. "O RTP-DOC tentou chegar a uma definição de um documento eletrônico, mas ao mesmo tempo há o reconhecimento de que esta é uma definição em andamento devido aos avanços contínuos na tecnologia digital" (LUND, 2009, p.35, tradução nossa).

Se outrora o documento já não parecia ser um objeto interessante para análise, ele agora voltava ao centro.

É preciso pensar que o 'documento' não está, como unidade de análise, em perfeito abandono no período que vai dos anos 1960 à virada do século. O documento se traveste de novos significantes – texto, discurso, registro e, principalmente, informação (SALDANHA, 2012, p.9).

Esse cenário impulsionou a redescoberta do trabalho de Otlet, por pesquisadores em países onde seu trabalho ainda não era muito conhecido, como Estados Unidos, Canadá e Dinamarca por exemplo. "O ensaio de Otlet (1934) consegue, tantos anos antes, esboçar questões primordiais para a Ciência da Informação [...] questões centrais tais como documento e informação" (PINHEIRO, 2002, p.69).

Pinheiro mostra que entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000 era crescente o interesse em Otlet por parte de pesquisadores como Buckland e Rayward, sendo digno de destaque "a redescoberta, nos EUA, da modernidade de Otlet, reverenciado na Europa" (PINHEIRO, 2002, p.82) de longa data, pois são os pesquisadores franceses, por exemplo, que mantiveram uma forte tradição documentalista que originaram em discussões consideradas antecessoras das ideias neodocumentalistas, como a rede RPT – Doc. Também nas discussões sobre a teoria dos documentos, Lund concluiu

que há duas questões que permanecem abertas desde a época de Otlet até os dias atuais.

A primeira é a questão de escolher uma definição ampla ou restrita de um documento, considerar quase tudo como um documento potencial ou especificar o que pode e não pode ser considerado um documento. Esta questão está intimamente ligada à segunda questão, os elementos constituintes de um documento [...]: as propriedades físicas de um documento, as circunstâncias sociais de um documento e a interpretação mental ou cognitiva de um documento (LUND, 2009, p.41, tradução nossa).

Assim sendo, há uma problemática que traz novos elementos e precisa de solução (O que é um documento? O que é um documento digital?), um rico referencial teórico esquecido (Documentação tradicional de Otlet-Briet) e pesquisadores em Ciência da Informação dispostos a unir ambos e construir uma solução por meio de uma renovação no olhar sobre esse referencial. Saldanha afirma que “um dos aspectos mais importantes das abordagens tecidas sob os olhares destes autores está no posicionamento de um ponto de inflexão simbólico na reconstrução do conceito de ‘documento’” (SALDANHA, 2013, p.66).

É por meio da reconstituição dos significados históricos e sociais desse conceito que se torna possível visualizar quais são as origens do documento e suas implicações atuais e futuras para a informação.

Não se trata apenas da busca por uma definição de documento, é uma discussão que influencia a forma de pensar e trabalhar a informação registrada no seu novo contexto. É uma questão epistemológica da abordagem dada ao objeto da Ciência da Informação. Buckland afirma que

Utilizar uma visão do universo centrada em documentos fornece uma boa base para tornar a Ciência da Informação mais realista e mais completa através de uma exploração tridimensional que abrange (1) as características físicas de informação, (2) o papel semântico e intelectual da informação e também (3) o amplo papel social de registros (por exemplo, passaportes, declarações fiscais, etc.) [...]. Para uma Ciência da Informação satisfatória, a noção de documento é central e particularmente útil (INCID, 2011, p.236-237).

As discussões no âmbito teórico da Ciência da Informação estão acompanhando as novas configurações sob as quais se apresentam a informação e o documento.

Em seu artigo *Documents, memory institutions and information science*, Hjørland (2000) faz algumas considerações sobre documento e informação considerando o peso que há na substituição do termo Documentação pelo termo Informação, a partir da nomenclatura adotada por duas faculdades escandinavas de Biblioteconomia e Ciência da Informação (Library and Information Science/ LIS), a Royal School of Library and Information Science, em Copenhague, na Dinamarca, e o Institute of Documentation Science, da Universidade de Tromsø, na Noruega. O autor argumenta que há uma influência teórica por trás dessas escolhas. Fato que se confirma ao considerarmos uma das primeiras atividades com uma abordagem “neo-documentalista”, a concepção do programa do Institute of Documentation Science centrado no estudo tanto epistemológico quanto pragmático do documento, como mostra Lund (2016) em sua retrospectiva dos vinte anos do percurso do Instituto e seus frutos.

Niels Lund funda junto com Michael Buckland, a *Document Academy*, grupo de discussão interdisciplinar que trabalha o documento como uma abordagem, conceito e ferramenta útil para a sociedade em geral, tal como ambos defendem (BUCKLAND; LUND, 2008, tradução nossa). Este grupo que se reúne desde 2003 originou-se dos encontros acadêmicos entre Michael Buckland, Niels W. Lund e W. Boyd Rayward, e desde 2014 é possível acompanhar as contribuições do grupo por meio de suas publicações no periódico *Proceedings from the Document Academy*, nas quais aparecem as necessidades, os espaços e os interesses em revisitar esses dois conceitos da Ciência da Informação sob a perspectiva da Documentação, dentre outras existentes no grupo.

Considerado esse fato, é oportuno o momento para compreender o atual nível das discussões acerca do documento, no qual o foco não é exclusivo sobre este, mas na modificação dos limites entre a sutil fronteira da noção de documento clássica e o conceito de informação, motivado em um primeiro momento pelos avanços tecnológicos. Percorrido o trajeto do conceito a partir das premissas documentalistas até a revisitação do conceito pela perspectiva neodocumentalista, partindo da análise da construção do conceito, segundo

uma evolução histórico-social, visualizamos a contextualização da evolução tanto do conceito quanto da ciência.

Em outras palavras, a “neodocumentação”, enquanto discurso epistemológico, é tão grande e vasta dentro da Organização dos Saberes que enquadrá-la como discurso alternativo dentro da expressão “ciência da informação” seria reconhecer uma historiografia falha, como alertado em Rayward (1996), e uma epistemologia unilateral, que só tomaria a “informação” como objeto de estudo dentro da Organização dos Saberes (SALDANHA, 2013, p.75).

Para traçar este caminho utiliza-se de duas noções presentes na obra de Ludwick Fleck que se refere à construção de conceitos nas ciências, a de “estilo de pensamento” e “coletivo de pensamento”. O autor polonês afirma que “não existe nenhuma geração espontânea de conceitos, senão os que já estão determinados por seus antepassados” (FLECK, 1986, p.67, tradução nossa), ou seja, os conceitos não surgem do nada, eles são construções que ocorrem da junção de outros conceitos já existentes aplicados a novos contextos ao longo das modificações na sociedade. Por exemplo, no caso dos conceitos de documento e informação o resgate do conceito do primeiro surge da necessidade de entender como este é percebido e manejado conforme as suas configurações são modificadas pelas novas tecnologias e pelo papel que exerce no âmbito social.

A epistemologia de Ludwick Fleck³ auxilia no entendimento das novas relações entre os conceitos da Ciência da Informação e Documentação, já que na perspectiva neodocumentalista o conceito de documento está em construção devido às evoluções tecnológicas e sociais do conceito de informação.

Em sua obra *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*, lançada originalmente em 1935, o autor com base nos estudos sobre a sífilis “resgata

³ Ludwik Fleck (1896-1961) foi um médico polonês, que em sua obra *A Gênese e o Desenvolvimento de um Fato Científico* (1935) apresentou a forma como os estudos sobre a sífilis foram realizados mostrando a evolução histórico-social dos conceitos e da pesquisa. Para alguns, seu trabalho antecipava algumas das questões tratadas por Thomas Kuhn mais tarde. O próprio Kuhn afirma que o livro de Fleck lhe trouxe questões. A partir de então a obra de Fleck ganhou mais visibilidade, para alguns “hoje é considerado na Europa como pioneiro na abordagem construtivista, interacionista e sociologicamente orientada sobre história e filosofia da ciência (Cohen & Schnelle, 1986; Löwy, 1990a; Lie, 1992)” (DELIZOICOV et. al., 2002, p. 53) e para outros “o pensador polonês continuaria resguardado dos riscos da adesão ao construtivismo radical” (NOGUEIRA, 2012, p. 116).

suas origens medievais até o desenvolvimento da reação de Wassermann, utilizada pelo diagnóstico sorológico dessa doença e, com isso, destaca a estrutura de pensamento das comunidades científicas, seu caráter coletivo, histórico, contextual” (MASSONI; MOREIRA, 2015, p.238). Baseado nesses parâmetros, Fleck compreende o fato científico como um produto social influenciado por fatores e normas inerentes às estruturas sociais e psíquicas da comunidade científica, detentora de uma linguagem específica, de conhecimentos e práticas que se traduzem em um estilo de pensamento. Este, por sua vez, condiciona o coletivo de pensamento. (MASSONI; MOREIRA, 2015, p. 241, grifo nosso). Isto é, assim como os conceitos que não surgem isolados, o fato social resulta da soma das influências que estão a sua volta.

Esses fatores interferem também no modo de fazer, de produzir ciência o que Fleck define por estilo de pensamento como um perceber, elaborar e executar os fatos partindo de uma determinada compreensão intelectual e objetiva do que é compreendido, assim “toda a atribuição de significados ao mundo, operada pelo cientista, exige a utilização de um instrumento de mediação, o estilo de pensamento, originado da cooperação dos esforços conjuntos mobilizados pela comunidade de cientistas atuante” (NOGUEIRA, 2012, p.41, grifo nosso) e esta comunidade Fleck define como coletivo de pensamento. “Um coletivo de pensamento existe sempre que duas ou mais pessoas trocam ideias” (FLECK, 1986, p.149, tradução nossa).

Para o autor, um coletivo de pensamento, representa o intercâmbio de ideias subjetivas entre os indivíduos, resultando dessa troca um pensamento, formado pelas subjetividades dos diferentes indivíduos, e que representa aquele coletivo de forma mais geral. “Após uma série de transformações não resta praticamente nada do conteúdo original. De quem é o pensamento que continua circulando? Obviamente, de nenhum indivíduo concreto, senão que de um coletivo” (FLECK, 1986, p.89, tradução nossa).

Assim é possível sintetizar esses dois conceitos de Fleck na seguinte situação, partindo das próprias subjetividades de ideias, que são influenciadas todo tempo pelos mais diferentes agentes: os indivíduos (cientistas) na sua comunidade ativa trocam ideias e é a partir dessa troca que resulta o coletivo de pensamento, que por sua vez utiliza como mediação o estilo de

pensamento. O que une essa comunidade é seu interesse na construção coletiva de uma ideia que os represente, essa motivação está presente na iniciativa da rede RPT–Doc, por exemplo. “Estudos recentes tem observado que a Ciência da Informação se insere no contexto de ciência moderna onde o novo modo de produção de conhecimento envolve diferentes mecanismos de gerar conhecimento e de comunicá-los” (SOUZA, 2007, p.81).

Como essas noções auxiliam a refletir sobre a situação vivida atualmente de aproximações entre a Ciência da Informação e a Documentação? Por muito tempo corroborou-se a ideia de que as atenções dos estudos da Ciência da Informação deveriam se voltar exclusivamente para a noção de informação, considerando ultrapassadas as discussões acerca do conceito de documento. Conforme as novas tecnologias abriam caminhos na Ciência da Informação, seu objeto de estudo (a informação) precisou se adaptar e foi se modificando materialmente. Contudo essas mudanças começaram a se tornar tão abruptas que novos conceitos e teorias se formaram.

Identifica-se nesse ponto o que Fleck chamou de estilo de pensamento, aqueles conceitos que um dia serviram à Ciência (da Informação, neste caso). Com o decorrer das mudanças sociais, tecnológicas e de seu contexto histórico, tais conceitos não mais são suficientes, torna-se necessária à organização de uma comunidade de cientistas para que surja um coletivo de pensamento. “Os problemas de pesquisa, projetos ou programas nos quais são focados temporariamente constituem novas áreas de produção do conhecimento” (SOUZA, 2007, p.81).

No caso deste estudo é reconhecida na iniciativa da *Document Academy*, uma comunidade de pesquisadores que, com base em suas convicções e áreas de estudo, estão construindo uma visão diferenciada do conceito de documento na atualidade. Essa visão manifesta em um coletivo de pensamento que está projetando um novo entendimento, que não é nem o da Ciência da Informação nem o da Documentação isoladamente, mas sim um entendimento neodocumentalista. Na seção a seguir é apresentado o grupo e sua colaboração para a construção e divulgação desse movimento.

2.4. THE DOCUMENT ACADEMY, A ACADEMIA DO DOCUMENTO.

Sobre a *Document Academy*⁴, o Grupo se apresenta da seguinte forma:

“A *Document Academy* [DOCAM] é um coletivo global que promove a Documentação e documentos de todos os tipos. Por meio da pesquisa, arte e outros discursos locais, a *Document Academy* explora questões e aplicações em documentação e documentos através da Academia, das artes, negócios e na sociedade em geral. A tradição neo-documentalista nasceu da relação colegial de Niels Windfeld Lund, Michael Buckland e W. Boyd Rayward, **que resultou do encontro no CoLIS⁵ em 1996**. A *Document Academy* em si foi fundada e nomeada em um café em São Francisco por Maribeth Back e Niels W. Lund na primavera de 2001. Desde o início, eles previam oficinas, conferências, centros de pesquisa e experimentação. Até hoje, a *Document Academy* não é uma organização rígida - não há constituição, equipe ou estatutos. Em vez disso, a comunidade da *Document Academy* se encontra em uma reunião anual” (DOCUMENT ACADEMY, 2018, online, grifo nosso, tradução nossa).

Este encontro ocorrido no *CoLIS* em 1996 foi de grande importância para a mobilização desse novo movimento. Os três pesquisadores em questão tinham seus trabalhos alinhados sob uma mesma perspectiva, sofreram a influência da documentação de alguma forma. Rayward como reconhecido biógrafo de Paul Otlet, Buckland com suas discussões sobre informação e documento, e Lund, responsável pela alteração do programa de sua universidade em favor do documento.

É importante salientar que apesar do fato do encontro desses três

⁴ “The *Document Academy* (DOCAM) is a global collective that celebrates documentation and documents of all kinds. Through research, art and other discourse venues, the *Document Academy* explores issues and applications in documentation and documents across academia, the arts, business and society at large. The neo-documentalist tradition was borne from the collegial relationship of **Niels Windfeld Lund, Michael Buckland and W. Boyd Rayward**, which stemmed from their meeting at [CoLIS2](#) in 1996. The *Document Academy* itself was founded and named in a San Francisco cafe by **Maribeth Back and Niels Windfeld Lund** in spring 2001. From the outset, they envisaged workshops, conferences, research centers and experimentation. To this day, the *Document Academy* is not a rigid organization—there is no constitution, staff or bylaws. Instead, the *Document Academy* community comes together in an annual meeting.” Trecho retirado da apresentação no website do grupo, localizada em “About”. Disponível em: <<http://documentacademy.org/?about>>

⁵ CoLIS 2 - *Conference on Conceptions of Library and Information Science* realizada na Royal School of Librarianship, na Dinamarca em 1996. Uma conferência com o objetivo que visava uma discussão em busca de uma visão geral sobre as pesquisas no campo da Ciência da Informação, “com destaque para os temas: *i*) conceito de informação; *ii*) busca de informação e comportamento; *iii*) gestão da informação; *iv*) métodos de pesquisa; *v*) organização do conhecimento e comunicação; *vi*) interação na recuperação da informação; *vii*) infometria; *viii*) redes e mídia.” (ROBREDO, 2011, p.30)

pesquisadores ter motivado essa discussão que é considerada neodocumentalista e, por conseguinte originado o grupo *Document Academy*, eles não possuem uma posição de destaque ou de maior importância dentro do grupo, pois “a *Document Academy* não é uma organização formal com uma diretoria, uma equipe ou mesmo um estatuto. Isso é intencional e pensado para ser bom para a abertura da comunidade” (LATHAM; LUND, 2014, tradução nossa). Para os critérios desta pesquisa as suas publicações foram analisadas considerando-se, sua atuação como pesquisadores em Ciência da Informação dado o fato de ser um grupo multidisciplinar.

Dos interesses e esforços desses pesquisadores em Ciência da Informação com influência da vertente da Documentação surgiu esse Grupo interdisciplinar que se propõe estudar o documento e a documentação e que conta com a colaboração de estudiosos de diferentes áreas desde seu primeiro encontro na Universidade de Berkeley, na Califórnia, em 2003. “Embora informais, surgiram alguns ‘temas clássicos do DOCAM’, como definições de documentos, relevância de definições, documentos orais, conceitos analíticos, arte e novas perspectivas” (LATHAM; LUND, 2014, tradução nossa).

O modelo de organização do grupo assemelha-se ao da rede RTP – DOC, pois também pretende discutir o documento sob diferentes perspectivas em suas publicações de autoria de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, no entanto na *Document Academy* as autorias são mantidas em sua individualidade. Igualmente como a iniciativa francesa, o Grupo não possui uma área de estudos dominante, “o DOCAM não se limitou ao campo da biblioteconomia e da ciência da informação, mas convidou o mundo inteiro a participar, com a intenção de reunir aqueles que normalmente não se encontram a descobrir, aprender e crescer juntos” (LATHAM; LUND, 2014, tradução nossa).

FIGURA 2 – Programação do Encontro DOCAM 2003 realizado na Universidade de Berkeley.

DOCAM 03 PROGRAM <http://thedocumentacademy.hum.sit.no/events/announcements/DO...>

The Document Academy and School of Information Management and Systems

PROGRAM DOCAM '03
SOUTH HALL, UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY

August 13 Revised august 12

08.30 Donuts, coffee

09.00 - 09.30 Registration

09.30 Welcome on behalf of SIMS, UC-Berkeley: David G. Messerschmitt Interim Dean, and DOCAM: Niels Windfeld Lund

10.00 - 11.15 Key note speech, by professor Johanna Drucker, Department of English and Director of Media Studies, University of Virginia. "Excerpts and Entanglements - Reading on Documents."

Lunch break

13.00 - 14.00 Paper 1: Bernd Frohmann. "Grounding a theory of documentation."

14.15 - 15.15 Paper 2: David M. Levy. "From Documents to Information: A Historical Perspective."

Coffee break

15.30 - 16.30 Paper 3: Niels Windfeld Lund. "Doceo + Mentum = Document - a ground for a new discipline?"

19.00 **Conference dinner. arrival, drinks from 18.30.**

August 14

08.30 Donuts, coffee

09.00 - 10.00 Paper 4: Ron Day. "Art and Documentation: Evidence, Work, and Events."

Coffee break

10.15 - 11.15 Paper 5: Roswitha Skare. "Christa Wolf's *What Remains*: one Document or a complex of Documents?"

11.30 - 12.30 Paper 6: Niels Windfeld Lund and Guri Frenning. "Artistic Documentation: the case of Music."

Lunch break

14.15 - 15.15 Paper 7: Trond Søbstad. "Sign - Gramme - Document?"

15.30 - 16.30 Paper 8: Joacim Hansson et.al. "Documents in Library and Information Science - sociotechnical dimensions in document genre and architecture studies."

August 15

08.30 Donuts, coffee

09.00 - 10.00 Paper 9: Matthew Eidsen. "checksum:>trust - Changing Notions of Trust in the Digital Document."

10.15 - 11.15 Paper 10: Andreas Vårheim. "The political conditions for documentation - comparative studies of ICT policies."

11.30 - 12.30 Final discussion and closing DOCAM '03

1 of 2 003 3:00 PM

Fonte: Programação dos Encontros anuais da *Document Academy*. Disponível em: <<http://documentacademy.org/assets/archive/2003program.pdf>>

Nesse primeiro encontro, pesquisadores Bernd Frohmann, Roswitha Skare, Ronald Day, Andreas Varheim participaram das discussões sobre a consolidação de uma teoria do documento, o documento nas artes, na Biblioteconomia e na Ciência da Informação, contemplando também o documento digital como mostra a figura 2.

Frohmann e Day também são pesquisadores ligados às ideias documentalistas por seus trabalhos. Ronald Day é o responsável pela tradução para o inglês do clássico *Qu'est ce que la documentation?* e Bernd Frohmann desenvolveu algumas de suas teorias acerca da Ciência da Informação com base nos pensamentos tanto de Paul Otlet como de Suzanne Briet, por exemplo em seus trabalhos *The Role of Facts in Paul Otlet's Modernist Project of Documentation* (2007), *The Documentality of Mme Briet's antelope* (2009) e

Revisiting "What Is a Document?" (2009).

Jean-Michael Salaün e grupo RPT – Doc, também estiverem presentes nos encontros de 2004 e 2005, respectivamente. Salaün foi o responsável pelo discurso inicial no ano de 2004, com uma palestra intitulada *How computing requires to rethink: "what is a document?"* - Como a computação requer pensar: "o que é um documento?", fazendo link entre documento e as novas configurações do ambiente digital. No ano seguinte, o trabalho *Pedauque 3: Document as/and medium* foi apresentado. Como não foi possível recuperar esta apresentação/ trabalho escrito, e só foi possível acessar aos programas dos eventos, não fica claro se o grupo RTP- Doc esteve presente junto com Salaün na apresentação ou se ficou o pesquisador sendo o responsável pela apresentação do *Pedauque 3*.

FIGURA 3 – Programação do Encontro DOCAM 2004 realizado na Universidade de Berkeley.

Program DOCAM 04

<http://thedocumentacademy.hum.uit.no/events/docam/04/program-pf..>

The Document
Academy and
SIMS

PROGRAM DOCAM '04
UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY, SOUTH HALL
October 22-24

Revised
September 17

11.00 - 13.00 *Registration.* 15.00 - 15.30 *Coffee break.* Evening Conference dinner. Arrival, drinks from 1830
13.00 - 13.15 Welcome
13.15 - 14.15 Key note speech, by Professor Jean-Michel Salaün : How computing requires to rethink "what is a document ?"
SESSION 1 : GENERAL ISSUES
14.15 - 15.00 Paper 1: Bernd Frohmann : The Multiplicities of Documentation
15.30 - 16.15 Paper 2: Ron Day : What makes for a "Materialist" Analysis of Documents
16.15 - 17.00 Paper 3: Niels Windfeld Lund : An experimental approach - the importance of Herbert A. Simon for document analysis
October 23

Fonte: Programação dos Encontros anuais da *Document Academy*. Disponível em: < <http://documentacademy.org/assets/archive/2004program.pdf> >

FIGURA 4 – Programação do Encontro DOCAM 2005 realizado na Universidade de Berkeley.

The Document Academy and School of Information Management and Systems

PROGRAM

DOCAM '05

SOUTH HALL, UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY

October 7-9, 2005

Friday October 7

12.00 - 12.30 Registration

12.30

Welcome on behalf of SIMS, UC-Berkeley: AnnaLee Saxenian, Dean, and
DOCAM: Niels Windfeld Lund, chair

13.00 - 14.00 Key note speech, by Professor W. Boyd Rayward,
Graduate School of Library and Information School, University of Illinois,
Urbana-Champaign, U.S.A. :

The legacy of the new documentation movement

SESSION 1 : GENERAL ISSUES

14.00 - 14.45

Paper 1: [Primary and Secondary Documents in Suzanne Briet's *What is Documentation?*](#) by Ron E. Day

14.45 - 15.30:

Paper 2: [Documentarization processes in Document for action](#) by
Manuel Zacklad

15.30 - 16.00

Coffee break

16.00 - 17.00

Paper 3: [Pedaugue 3: Document as/and medium](#) by RTP-doc
group/Jean-Michel Salaün

Fonte: Programação dos Encontros anuais da *Document Academy*. Disponível em:
<<http://documentacademy.org/assets/archive/2005program.pdf>>

Desde 2003 o grupo organiza encontros anuais. “Depois de vários anos [ocorrendo] na Universidade da Califórnia/Berkeley, as conferências da *Document Academy* começaram a viajar, primeiro dentro dos Estados Unidos, depois no Canadá, na Suécia, na Noruega e na Austrália” (SKARE; LATHAM, 2016, p.2, tradução nossa).

Ao total de quatorze anos de encontros – de 2003 a 2017- a *Document Academy* apresenta uma variedade de temas abordados na proposta interdisciplinar. “DOCAM fornece uma oportunidade para a mistura de idéias, modalidades e personalidades de uma boa conversa. Idéias intrigantes, perguntas e observações semeiam a conversa a cada ano” (O’CONNOR, 2016, tradução nossa).

A edição de 2016 se refere a um encontro celebrando 20 anos dos estudos neodocumentalistas sendo que o tema foi *Neo-documentation around the world: global developments*. As publicações nesse ano se dedicaram a apresentar um panorama das temáticas relacionadas ao documento numa perspectiva neodocumentalista, pediu-se nessa ocasião,

[...] aos autores que refletissem sobre o interesse renovado e global na teoria e na prática do conceito do documento e discutissem desenvolvimentos recentes dentro e fora do campo, incluindo discussões sobre desenvolvimentos que influenciaram várias disciplinas durante as duas últimas décadas, como a digitalização e o giro material (SKARE; LATHAM, 2016, p.2, tradução nossa).

Apesar dos encontros do grupo terem tido início apenas em 2003, a edição celebrando os 20 anos do movimento ocorreu em 2016 pois um dos marcos considerados é o programa Dokvit, estudos em documentação, iniciado na Universidade de Tromso em 1996.

Embora desconhecendo a utopia otletiana de uma grande coleção de todos os tipos de documentos, o ato norueguês de depósito legal tornou o ideal otletiano explícito e desafiou o sistema da Biblioteca Norueguesa de duas maneiras fundamentais, em relação ao acesso aberto e gratuito e à preservação (LUND, 2006, p.12 apud SKARE; LATHAM, 2016, p.2, tradução nossa)

O programa pretendia modificar o foco da formação da graduação até o pós-doutorado a partir da proposta de um comitê formado por bibliotecários e professores, que “lançou uma proposta de um programa em Estudos de Documentação como o programa básico para a educação de bibliotecários, bem como de arquivistas” (LUND, 2016, p.1, tradução nossa) pois após a aprovação da nova lei do depósito legal, “a preservação e o acesso a essas publicações não-impressas criaram um desafio prático para o qual as bibliotecas foram preparadas inadequadamente” (BUCKLAND, LUND, 2009, p.162, tradução nossa).

O programa Dokvit voltado para os estudos de Documentação, proposto na Universidade de Tromso é considerado por Buckland e Lund, como um dos vetores do movimento neodocumentalista, assim como “a decisão na mesma universidade de preferir utilizar a palavra ‘Documentação’ ao invés de ‘Informação’ para representar sua linha” (SKARE; LATHAM, 2016, p.1, tradução nossa).

As publicações da *Document Academy* estão disponíveis no repositório *IdeaExchange@UAkron*, mantido pela Universidade de Akron, situada em Ohio. Desde 2014 o Grupo mantém o periódico de acesso aberto *Proceedings from the Document Academy*, no qual estão as publicações de autores participantes de diferentes países. “A revista serve como um registro da *Document Academy*, [da] nossa conferência anual, bem como a bolsa de estudos de nossa crescente família de documentalistas” (SKARE; LATHAM, 2006, p. 2, tradução nossa). No período entre 2014 e 2017 o Grupo publicou seis volumes da revista, publicando de um a dois números por ano “como um registro das atividades da *Document Academy*, incluindo anais de conferências e números especiais” (DOCAM, 2018, online, tradução nossa).

Quadro 1 – Volumes do *Proceedings from the Document Academy* disponíveis entre os anos de 2014 e 2017.

Ano	Publicação	Volume	Número	Quantidade de artigos por publicação
2014	Proceedings from the 11th Annual Meeting of the Document Academy	v.1	n.1	12
2015	Proceedings from the 12th Annual Meeting of the Document Academy	v.2	n.1	19
2016	Special Issue: Neo-documentation Around the World: Global Developments	v.3	n.1	12
2016	Proceedings from the 13th Annual Meeting of the Document Academy	v.3	n.2	16
2017	Special Issue: Documents in Human Life: Fresh Approaches	v.4	n.1	21
2017	Proceedings from the 14th Annual Meeting of the Document Academy	v.4	n.1	14

Fonte: elaboração própria a partir das informações disponíveis no site do repositório *IdeaExchange@UAkron*.

Dentre as publicações foram selecionadas aquelas escritas por Buckland e Lund. Nos volumes publicados não há artigos de W. Boyd Rayward e com uma análise dos programas disponíveis dos eventos nos anos anteriores nota-se também a ausência de publicações do mesmo. Há registro do discurso de abertura do ano de 2005 intitulado *The legacy of the new documentation movement* de sua autoria. Contudo esse fato não minimiza a importância da

participação de Rayward no desenvolvimento do movimento documentalista, já que seu trabalho difundiu o legado de Paul Otlet e do movimento da Documentação. Buckland e Lund afirmam que

Rayward desempenhou um papel central no desenvolvimento da conexão entre o modernismo e a ciência da informação, especialmente em relação aos esquemas para bibliografia e documentação que surgiram no final do século XIX e início do século XX. (BUCKLAND; LUND, 2013, p.307, tradução nossa)

Buckland e Lund possuem diversas publicações ao longo da história do grupo. Nos anais publicados, juntos os dois pesquisadores possuem sete publicações, sendo quatro de Lund, das quais duas são em co-autoria, e três de Buckland, das quais uma em co-autoria.

Quadro 2 – Artigos publicados por Michael Buckland, Niels W. Lund e W. Boyd Rayward no *Proceedings from the Document Academy* entre os anos de 2014 a 2017.

Autor Ano	Michael Buckland	Niels W. Lund	W. Boyd Rayward
2014	--	Facebook: a document without borders? Autores: Roswitha Skare, Niels W. Lund	--
2015	--	--	--
2016	The physical, mental and social dimensions of documents Autor: Michael Buckland From fief to clan: Boisot's Information Space Model as a documentary theory for cultural and institutional analysis Autores: Lin Wang, Michael Buckland	How it all started: 1996, the first year of Dokvit Autor: Niels W. Lund A discussion on document conceptualization Autores: Niels W. Lund, Tim Gorichanaz, Kiersten F. Latham	--
2017	Before the antelope: Robert Pagès on documents Autor: Michael K. Buckland	Opera as a multimedia document Autor: Niels W. Lund	--

Fonte: elaboração própria a partir das informações disponíveis no site do periódico *Proceedings from the Document Academy*,

Michael Keeble Buckland cresceu na Inglaterra, estudou História na Universidade de Oxford e Biblioteconomia na Universidade de Sheffield.

Mudou-se para os Estados Unidos para trabalhar na Biblioteca de Purdue em 1972 onde permaneceu até assumir a reitoria da Faculdade de Biblioteconomia, na Universidade de Berkeley, Califórnia, entre os anos de 1976 e 1984. Durante esse período supervisionou a transição do nome da faculdade, de Faculdade de Biblioteconomia para Faculdade de Biblioteconomia e Estudos da Informação. Atuou como professor visitante em países como Áustria, Austrália, Noruega e Suécia. Também assumiu a presidência da Sociedade Americana de Ciência da Informação e Tecnologia - *American Society for Information Science and Technology* (ASIST) em 1998.

Em 2004 se tornou professor emérito da Universidade de Berkeley. Em 2017, ganhou o prêmio Artigo da Década – *Best JASIST Papers of the Decades* – oferecidos em comemoração aos oitenta anos da ASIST, nas categorias Melhor Artigo da década de 2010, com seu artigo *What Kind of Science Can Information Science Be?*, publicado em 2012, e na categoria Melhor Artigo em geral, com seu famoso artigo *Information-as-thing*, publicado em 1991, premiado também na categoria Melhor Artigo da década de 1990.

Niels Windfeld Lund nasceu em Copenhague, na Dinamarca, onde estudou história na Universidade de Aarhus, também na Dinamarca. Possui M.A. (Master of Arts) em História e Etnologia e D.E.A. (Diplôme d'Études Approfondies) em História e Civilização. Atuou como professor associado na Faculdade Real Dinamarquesa de Biblioteconomia e Ciência da Informação - *Royal Danish School of Librry and Information Science* – entre os anos de 1975 e 1988. No ano de 1996 foi o responsável pela estruturação do programa de Estudos em Documentação, da Universidade de Tromso, na Noruega, atuando como professor até 2014, ano no qual se tornou professor emérito da mesma. Foi professor visitante da Faculdade de Informação, da Universidade de Berkeley, em duas ocasiões, no ano de 2001 e no período entre os anos 205 e 2006. Ocupou este cargo também na Universidade de Stanford, em 2011. Em seu histórico há diversas publicações voltadas para as questões teóricas sobre o documento, entre elas *A Document (re)turn: Contributions from a Research Field in Transition* (2007), *Document Theory* (2009), *Documentation in a Complementary Perspective* (2004).

3. METODOLOGIA

O escritor Umberto Eco considera que “uma tese estuda um *objeto* por meio de determinados *instrumentos*. Muitas vezes o objeto é um livro e os instrumentos, outros livros” (ECO, 2009, p.35, grifos do autor). Nesta dissertação o objeto de estudo é a participação do grupo Document Academy na renovação do diálogo da Ciência da Informação com a Documentação. Os instrumentos que possibilitam esse estudo são as publicações científicas sobre o tema, mais especificamente, as publicações periódicas organizadas pelo grupo *Document Academy*.

As publicações analisadas são de autoria de Michael Buckland e Niels W. Lund, pesquisadores em Ciência da Informação e idealizadores do grupo. As publicações desses autores são objeto de análise, pois a *Document Academy* se trata de um grupo aberto e multidisciplinar, e para os propósitos desta pesquisa em analisar as contribuições que o discurso presente nas discussões sobre o conceito de documento fornece a Ciência da Informação, foram analisadas apenas as publicações de pesquisadores em Ciência da Informação.

Trata-se de pesquisa descritiva e analítica que busca expor o papel do grupo Document Academy na renovação do diálogo da Ciência da Informação com a Documentação em uma perspectiva conceitual dos estudos sobre o documento na atualidade.

Para alcançar os objetivos da pesquisa foram analisadas as publicações científicas que promovem o resgate do pensamento dos teóricos da Documentação clássica e possibilitam o diálogo entre esta e a Ciência da Informação, identificando por meio da análise as tendências atuais do conceito de documento, tendo um propósito descritivo. Segundo Creswell (2010, p.35), a utilização concomitante de dados quantitativos e qualitativos visa o melhor entendimento de um problema de pesquisa.

No caso desta pesquisa é a análise qualitativa do conteúdo dos artigos que permite identificar a aproximação conceitual entre as duas áreas. A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem

(CRESWELL, 2010, p. 209). Creswell também menciona que a partir do pragmatismo como concepção, os pesquisadores são livres para escolher os métodos, as técnicas e os procedimentos que melhor se ajustem a suas necessidades e propósitos (CRESWELL, 2010, p. 34). Optou-se, então, por aderir à abordagem qualitativa.

Com essa análise pretende-se que os elementos fornecidos possam contribuir com a compreensão do conceito de documento no quadro conceitual da Ciência da Informação. Sendo assim, esta pesquisa apresenta uma natureza básica, ou seja, considerando-se a visão de Gil (2010) pretende à ampliação do que se conhece sobre o assunto.

3.1. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E PESQUISA DOCUMENTAL

As pesquisas bibliográfica e documental são adotadas como procedimentos para coleta de dados. Gil (2010) define a pesquisa bibliográfica como aquela que é fundamentada em material elaborado por autores voltado para públicos específicos.

A pesquisa bibliográfica ocorre em duas fases:

1.1) Identificação e localização das fontes – A análise bibliográfica é o primeiro momento da identificação e localização das fontes, sendo realizada a partir da consulta aos catálogos das bibliotecas. [...] consulta aos abstracts que são normalmente encontrados em periódicos ou revistas científicas, [...] os anais de congressos também podem auxiliar na identificação de trabalhos de pesquisa, concluídos ou em andamento sobre o tema que está sendo pesquisado.

1.2) Registro dos dados coletados: [...] no caso da pesquisa, o registro deve obedecer a uma estratégia de procedimentos, a fim de que sejam selecionados os dados realmente significativos, evitando a coleta de dados periféricos. Deve-se dar atenção aos seguintes pontos: centralização no problema levantado; classificação preliminar dos dados com relação ao plano de assunto da pesquisa, tomar notas só depois de ter lido criticamente todo o texto. [...] A característica fundamental do registro é que ele deve indicar precisamente a ideia exposta pelo autor pesquisado (PADUA, 2002, p.52-57).

Na pesquisa documental deve-se considerar a diferença entre fontes primárias e fontes secundárias, como define Umberto Eco (2009). O autor nos mostra um exemplo:

[...] uma tese sobre *O Pensamento Econômico de Adam Smith*, cujo objeto é constituído por livros de Adam Smith, enquanto os instrumentos são outros livros sobre Adam Smith. Diremos então que, nesse caso, os escritos de Adam Smith constituem as *fontes primárias* e os livros sobre Adam Smith constituem as *fontes secundárias* ou a *literatura crítica*. (ECO, 2009, p.35, grifos do autor).

Quanto à análise documental, Mayring (2002) indica quatro passos para seu procedimento:

1. Uma *formulação* clara da pergunta, também neste plano de pesquisa, constitui o início.
2. Num segundo passo, deve-se *definir* o que será reconhecido como documento; é preciso determinar o material inicial e o material tem de ser coletado conforme essa definição.
3. Começa então, a *crítica à fonte*. Seguindo os critérios acima, estima-se o que os documentos podem informar qual o valor que têm para responder as perguntas.
4. Finalmente a *interpretação* dos documentos no sentido da indagação. Os métodos interpretativos ocupam aí o primeiro lugar (MAYRING, 2002, p.51, grifos do autor).

Considerados então os procedimentos indicados, foram coletados noventa e quatro artigos reunidos nos anais publicados entre os anos de 2014 e 2017 pelo grupo *Document Academy* - conforme mostra o Quadro 1 - que tem a intenção de promover uma discussão sob uma ótica neodocumentalista. É notável quando os pesquisadores descrevem sua motivação de organizar um grupo:

“A fim de desenvolver o movimento neodocumentalista e encorajar outros acadêmicos interessados em estudar os documentos na Ciência da Informação, Biblioteconomia e em outros campos, fundamos a *Document Academy* como um fórum internacional para examinar o que é um documento e como os documentos podem ser criados, gerenciados e usados.” (BUCKLAND; LUND, 2013, p.307, tradução nossa)

Nessa pesquisa entende-se que a influência neodocumentalista que é investigada, está nas obras e publicações dos pesquisadores, idealizadores do grupo, no caso Michael K. Bukland, Niels W. Lund e W. Boyd Rayward. Sendo assim, como critério de seleção para análise foram considerados os artigos publicados por estes três autores nos periódicos do grupo *Document Academy*.

Utilizou-se desse critério, pois o Grupo promove um debate eclético sobre o documento e suas variadas dimensões, e como que se pretende buscar as contribuições possíveis para a Ciência da Informação, as

publicações analisadas seriam aquelas de autoria desses pesquisadores em Ciência da Informação.

Dentre as noventa e quatro publicações, foram identificadas sete artigos que atendiam ao critério de seleção. Após o levantamento do corpus, foram analisados os artigos selecionados.

A partir das etapas de leitura propostas por Gil (2010) na seguinte ordem: leitura exploratória, leitura seletiva, leitura analítica e por fim, a leitura interpretativa. As fichas de resumo são os instrumentos utilizados para coletar e organizar as informações contidas nas publicações. O fichamento é uma parte importante na organização para a efetivação da pesquisa de documentos. Ele permite um fácil acesso aos dados fundamentais para a conclusão do trabalho (KAUAK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p.54).

Os fichamentos foram realizados de maneira imparcial, eles são formados por trechos retirados do texto, em seu texto original traduzido. Os textos presentes nas fichas não apresentam qualquer opinião da autora desta pesquisa. O objetivo das fichas é expor os pontos principais do texto e facilitar a identificação dos assuntos abordados pelos autores.

As informações levantadas nas publicações científicas depois de coletadas, organizadas e selecionadas foram analisadas para auxiliar na compreensão e visualização dos argumentos que são utilizados para embasar essas discussões sobre as questões relacionadas ao debate sobre o conceito de documento na Ciência da Informação sob o viés do movimento neodocumentalista.

No capítulo seguinte são apresentadas a descrição e a análise dos dados, ou seja, o conteúdo e os temas presentes nos sete artigos selecionados dentre as publicações dos periódicos publicados pelo grupo *Document Academy*. São apresentados os conceitos e questionamentos presentes nos textos, que auxiliam na construção da discussão a respeito do documento incorporado ao movimento neodocumentalista. As fichas de leitura completas estão organizadas nos Anexos.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS PELO GRUPO *DOCUMENT ACADEMY*

As publicações dentro do grupo *Document Academy* têm em comum o interesse em um assunto: o conceito de documento. No entanto está aberta à diversidade, desde a abordagem até o formato da apresentação do artigo ou pesquisa. Dentre as sete publicações selecionadas, há três formatos de apresentação: cinco artigos seguindo o modelo de publicação científica, um em formato de entrevista/conversa o e o último publicado como um arquivo de apresenta o no formato PowerPoint. São eles:

Quadro 3 – Artigos distribuídos por formato de publica o no periódico *Proceedings from the Document Academy*

Artigos científicos	Entrevista/ conversa�o	Apresenta�o em PowerPoint
<ul style="list-style-type: none"> • Facebook: a document without borders?; • The physical, mental and social dimensions of documents; • How it all started: 1996, the first year of Dokvit; • From fief to clan: Boisot’s Information Space Model as a documentary theory for cultural and institutional analysis; • Before the antelope: Robert Pag�s on documents. 	<ul style="list-style-type: none"> • A discussion on document conceptualization. 	<ul style="list-style-type: none"> • Opera as a multimedia document.

Fonte: elabora o própria a partir das informa es disponíveis no site do periódico *Proceedings from the Document Academy*,

As duas publica es que se apresentam em um formato não tradicional, para os padrões acadêmicos, são exemplos da proposta do grupo como já citado por O’Connor (2016), que afirma que a inten o do grupo   promover uma conversa sobre o assunto.

No terceiro em formato de apresenta o Powerpoint, o autor Niels W. Lund apresenta elementos que formam a  pera e que a tornam um documento multimídia. No segundo, apresentado em estrutura de entrevista ou de uma

conversa sobre a conceitualização dos documentos, participam Niels W. Lund, Tim Gorichanaz, Kiersten F. Latham. Antes de cada fala é indicado quem é o responsável por ela. Não há indicações na publicação, no entanto o entendimento é que Niels W. Lund representa o papel de um mediador, ou um provocador, o que parece é que seu papel nessa discussão publicada é muito mais instigar os outros dois pesquisadores sobre suas posições na questão da conceitualização do documento do que afirmar sua própria posição.

As posições dos pesquisadores Tim Gorichanaz e Kiersten F. Latham são reconhecidas como válidas e com ricas contribuições para o debate sobre o conceito de documento. No entanto, para os propósitos da presente pesquisa de focar nas publicações dos três pesquisadores já citados, esta publicação não teve seu conteúdo analisado. A análise da publicação em formato de arquivo PowerPoint, é apresentada em sequência às análises das cinco publicações no formato de artigo científico.

As cinco publicações que são artigos científicos apresentam os seguintes assuntos:

Quadro 4 -- Artigos científicos publicados no periódico *Proceedings from the Document Academy*

Artigo	Autor(es)	Assunto principal
Facebook: a document without borders? (Facebook: um documento sem fronteiras?)	Niels W. Lund; Roswitha Skare	O artigo aborda os elementos que definem o Facebook e seus limites enquanto um documento, utilizando como parâmetro os elementos de Paratexto, definidos por Gerard Genette.
The physical, mental and social dimensions of documents (As dimensões física, mental, e social dos documentos)	Michael Buckland	No artigo são apresentadas as três dimensões individuais, porém complementares, do documento: físico, social e mental, as quais são discutidas a partir de suas relações.
How it all started: 1996, the first year of Dokvit (Como tudo começou: 1996, o primeiro ano do Dokvit)	Niels W. Lund	Niels W. Lund relata neste artigo a experiência do primeiro ano após ser implementado o recém lançado programa de Estudos em Documentação da Universidade de Tromso, Noruega, em 1996.
From fief to clan: Boisot's information space model as a Documentary Theory for cultural	Michael Buckland; Lin Wang.	O artigo analisa as práticas documentárias a partir do modelo do espaço informacional (I-Space) de

and institutional analysis (Dos feudos aos clãs: o modelo do espaço informacional como teoria documentária para análise cultural e institucional)		Max Boisot, por meio do estudo de caso da reforma econômica chinesa.
Before the antelope: Robert Pagès on documents. (Antes do antílope: Robert Pagès sobre os documentos)	Michael Buckland	O artigo resgata o trabalho de Robert Pagès, aluno de Suzanne Briet no programa de documentação da UFOD ⁶ , na década de 1940. Os escritos de Pagès auxiliam na compreensão das teorias de Briet e o autor questiona se eles a antecedem.

Fonte: elaboração própria a partir das informações disponíveis no site do periódico *Proceedings from the Document Academy*,

A seguir são apresentados os assuntos tratados em cada artigo individualmente. Os artigos foram enumerados de 4.1 até 4.6. Os subtítulos em negrito são os títulos dos tópicos conforme aparecem em cada um dos artigos. O corpus analisado, por se tratar de material retirado de um periódico estrangeiro, é escrito na língua inglesa. A tradução dos trechos reproduzidos é uma tradução livre da autora desta pesquisa.

4.1 Facebook – a document without borders?

No artigo *Facebook: um documento sem fronteiras*, os autores, Lund e Skare (2014), discutem como é possível identificar no Facebook (FB) elementos que o caracterizem como um livro, ou seja, um documento de novas configurações no meio digital. Inspirado nas tradições das universidades americanas e seus livros de membros da universidade, O FB apesar de surgir dessa tradição se apresenta como algo completamente novo e desafiador.

Pesquisa sobre o Facebook

Lund e Skare pontuam algumas informações sobre o FB:

⁶ UFOD- *Union Française des Organismes de Documentation*, (União Francesa das Organizações de Documentação).

- Facebook é muito usado no mundo todo (LUND; SKARE, 2014, p.1, tradução nossa);

- As pessoas são muito precisas em suas descrições devido às suas relações off-line (LUND; SKARE, 2014, p.1, tradução nossa).

Para os autores o grande desafio não é apenas identificar as fronteiras do FB enquanto um documento, mas identificar se essas fronteiras existem ou não.

O FB tem fronteiras?

Como suporte para esta tarefa, os autores utilizam o conceito de *paratexto* de Gerard Genette, que afirma que “são os elementos que possibilitam um texto se tornar, e ser reconhecido como um livro” (GENETTE, 1997, p.1 apud LUND; SKARE, 2014, p.2, tradução nossa). Elementos como título, subtítulo, o grau de reconhecimento do autor são exemplo desses elementos. Genette (1997 apud LUND;SKARE 2014, tradução nossa) divide ainda o paratexto em peritexto e epitexto, sendo o primeiro composto de elementos próximos e relacionados ao livro, tais como título, prefácio, epílogo entre outros e o segundo os elementos relacionados ao livro, porém que estão fora de seus limites, como declarações e entrevistas. Lund e Skare (2014) afirmam que o conceito de paratexto se mostra útil para se discutir sobre as fronteiras do FB; fronteiras essas que perpassam os âmbitos público e privado, entre o usuário do FB, os seus contatos dentro da rede e aqueles que não são cadastrados na rede.

Partindo dessa noção, Lund e Skare (2014) buscam os elementos que definem o FB como um livro. A URL, o logotipo e a cor da página para fazer *login* no FB são identificados pelos autores como exercendo uma função parecida ao nome do autor e do editor, por exemplo. São esses aspectos que dão credibilidade à página. Após incluir seus dados e entrar em sua página do FB, o usuário ultrapassou uma fronteira do interior para o exterior do FB. Genette fala sobre as fronteiras entre o interior do texto e o exterior, e o paratexto como o limiar que o potencial leitor precisa ultrapassar para adentrar o texto. As páginas iniciais de registro no FB seriam esse limiar.

“Ao adentrar o FB, os limites entre dentro e fora ficam mais sutis ainda” (LUND; SKARE, 2014, p.4, tradução nossa), pois há uma variedade de conteúdo, uma combinação entre o conteúdo criado pelo próprio usuário e o conteúdo que é gerado por profissionais e que estão disponíveis na rede. Um elemento muito importante do paratexto é o autor, segundo Genette (1997 apud LUND; SKARE, 2014, p.6), e isso pode ser aplicado ao FB, pois “saber o autor responsável por uma publicação no FB é importante para a decisão do usuário quanto a ler, e para saber quão confiável é aquele texto” (LUND; SKARE, 2014, p. 6, tradução nossa).

O FB é um documento com fronteiras, bem como sem fronteiras?

Lund e Skare (2014) afirmam que no mundo digital é mais difícil identificar o que faz ou não parte do texto principal e que o “FB é um complexo de documentos composto por bilhões de páginas” (LUND; SKARE, 2014, p.6, tradução nossa). Os autores identificam o FB como um hipertexto, conectado a outras redes e formado por textos e publicações criados fora do FB, e que podem guiar o usuário para fora da página também, mas que ainda assim fazem parte dele.

Lund e Skare (2014) concluem que o FB pode ser considerado um documento quase sem fronteiras, não acabado, e o caracterizam como um “espaço de escrita” relativamente aberto, que fornece algumas possibilidades como o uso de diferentes mídias, como foto, texto e vídeo, porém também possui limitações sobre o que o usuário pode ou não fazer.

No artigo é possível identificar os seguintes temas:

- A definição do conceito de um novo recurso (FB) como um documento/livro digital;
- O uso da teoria sobre elementos textuais como base para a construção do conceito de documento.
- Comparação entre os elementos de um documento físico (livro) e do documento digital (FB).

4.2 The physical, mental and social dimensions of document

Michael Buckland (2016) apresenta algumas considerações sobre as dimensões presentes no documento. Sua explicação se origina do princípio orientador do programa Dokvit, da Universidade de Tromsø, que afirma que o “documento deveria ser visto a partir de três ângulos complementares: o físico, o social e o mental em uma combinação que possibilitaria uma descrição completa” (LUND, 2009, p.424 apud BUCKLAND, 2016, p.1, tradução nossa). O autor em seguida explica o que seria cada uma das dimensões.

O físico

Buckland afirma que “o documento é uma entidade, que deve ser algo material, que alguém considera como algo significativo” (BUCKLAND, 2016, p.1, tradução nossa). Nesta definição o autor argumenta que alguém pode querer discutir um texto ou um trabalho em sentido abstrato, porém neste caso, eles só existem como documento quando se apresentam em manifestações físicas. “O aspecto físico dos documentos significa que todos os documentos existem no tempo e espaço e estes devem ser considerados, pois ambos são significativos” (BUCKLAND, 2016, p.1, tradução nossa).

Buckland destaca ainda outros dois aspectos importantes dos documentos que devem ser considerados, o espacial e o temporal. “O aspecto espacial significa que todos os documentos ocupam um espaço físico em algum lugar” (BUCKLAND, 2016, p.1, tradução nossa). Enquanto que o aspecto temporal “[...] se refere ao fato de se levar tempo para ler um texto ou ouvir uma gravação. Alguns tipos de documentos são projetados para mudar com o tempo, por exemplo, imagens em movimento ou uma performance” (BUCKLAND, 2016, p.1, tradução nossa).

O mental

Quanto à dimensão física Buckland (2016, p.2, tradução nossa) alerta que “ela é necessária, contudo sozinha ela não é uma condição suficiente para ser tornar algo um documento”. Bukland afirma que para algo se tornar um documento é necessário que alguém entenda como significativo ou

potencialmente significativa esse algo, logo, “dar o status de documento é um julgamento pessoal, individual e logo, subjetivo. Esta percepção ocorre apenas em uma mente viva, e como qualquer mente viva pode aprender, esta percepção pode mudar” (BUCKLAND, 2016, p.2, tradução nossa). Ele também enfatiza que “embora as consequências da percepção possam ser observáveis, a percepção em si não é nem observável nem mensurável” (BUCKLAND, 2016, p.2, tradução nossa).

O social

Buckland (2016, p.2, tradução nossa) reitera que “o adjetivo ‘social’ é amplamente utilizado em relação aos documentos” e afirma que “se assumirmos que o indivíduo pode ser informado por um documento (por meio de uma construção mental) então é necessário cautela para distinguir o social do mental” (BUCKLAND, 2016, p.2, tradução nossa). O autor cita ainda a importância do conceito de intersubjetividade na sociologia do conhecimento. De acordo com ele

[...] um indivíduo pode fazer uma ideia subjetiva ser objetivamente percebida por outros. Desta forma entendimentos subjetivos se desenvolvem entre dois ou mais indivíduos de maneira dialética e relacionada. Esses entendimentos são compartilhados e formam a base da cultura compartilhada de qualquer grupo social (BUCKLAND, 2016, p.2, tradução nossa).

Buckland afirma que “a dimensão social é refletida em ações colaborativas, como trabalho em equipe e coerção conjunta” (BUCKLAND, 2016, p.2, tradução nossa).

Em seguida o autor apresenta algumas combinações possíveis entre as dimensões para um entendimento completo das dimensões, pois como propunha o programa da Dokvit, não se deve entender o documento a partir de cada uma das dimensões isoladamente.

A primeira combinação apresentada é da dimensão social com a dimensão física, por exemplo, “um texto pode ser escrito por meio dos esforços mentais de um indivíduo solitário, no entanto o documento físico é comumente o resultado da ação de várias pessoas diferentes” (BUCKLAND, 2016, p.2, tradução nossa). Isso se deve, conforme ele expõe, ao fato de “todas as sociedades dependerem da divisão social do trabalho resultando na divisão

social do conhecimento especializado e cada vez mais, da dependência de seus membros do ‘*conhecimento de segunda mão*’ (WILSON, 1993 apud BUCKLAND, 2016, p.3, grifo nosso, tradução nossa).

A segunda combinação é a da dimensão social e da dimensão mental. Buckland afirma que “nosso comportamento mental é profundamente influenciado pela nutrição, pelo que aprendemos direta e indiretamente pelos outros. Que a nutrição é um processo social” (BUCKLAND, 2016, p.2, tradução nossa). O autor relembra Fleck (1935;1979 apud BUCKLAND, 2016, p.3), que afirmava que o conhecer o contexto cultural do autor de um texto escrito conta muito na compreensão do mesmo. Buckland constata que

[...] um documento deve ter propriedades físicas e mentais, mas como os processos mentais estão culturalmente emaranhados com o social, o status de ser um documento implica necessariamente também uma dimensão social indiretamente através do mental (BUCKLAND, 2016, p.3, tradução nossa).

No tópico seguinte Buckland inicia uma discussão sobre como, a partir do uso que damos aos documentos, essas três dimensões complementares são visualizadas. Ele apresenta três exemplos:

Infraestrutura: “a produção, a disseminação e a acessibilidade dos documentos são ativadas pela infraestrutura que é socialmente fornecida” (BUCKLAND, 2016, p.3, tradução nossa). Ou seja, “as oportunidades de envolvimento mental com documentos (físicos) são fortemente enquadradas por forças sociais” (BUCKLAND, 2016, p.4, tradução nossa).

Relevância: “para ser relevante o documento deve ser útil para atividade mental de um ser humano, logo é idiossincrática, difícil de prever e instável” (BUCKLAND, 2016, p.4, tradução nossa).

Linguagem e documentos:

Há cinquenta anos Berger e Luckmann (1966), em sua obra *A construção social da realidade* forneceram uma explicação detalhada de como o fator subjetivo pode ser convertido em objetivo e tornando assim acessível aos outros, por meio da expressão, um gesto ou uma conversa (BUCKLAND, 2016, p.5, tradução nossa).

Buckland sinaliza a importância da linguagem nesse processo. De acordo com ele essa importância “é como um ingrediente na comunicação e em grande parte, cada vez mais, expresso em documentos” (BUCKLAND, 2016, p.5, tradução nossa).

Conclusão

Buckland (2016) então conclui que todos os documentos possuem essas três dimensões complementares e que não é possível compreender, no contexto do documento, isoladamente um desses aspectos sem compreender os outros dois, pois eles são necessariamente interligados.

No artigo encontram-se os seguintes pontos abordados:

- Conceito de documento;
- As dimensões que formam um documento;
- As relações que possibilitam a compreensão das dimensões presentes no conceito de documento;

4.3 How it all started: 1996, the first year of Dokvit

Neste artigo é apresentado o modo como ocorreu o processo de definição do novo programa de Estudos em Documentação – *Dokvit* - que seria iniciado na Universidade de Tromso, na Noruega, e como o primeiro ano da experiência, em 1996. Niels W. Lund (2016, p.1, tradução nossa), responsável pelo programa aponta uma série de acontecimentos que tornaram explícita a razão pela qual era necessário um novo programa. São eles:

1988 – é formado um comitê para montar um novo programa de formação para bibliotecários e arquivistas;

1989 – o comitê lança a proposta do Dovkit mas não fica definido onde ocorreria o novo curso.

É lançado o novo ato de depósito legal para a Biblioteca Nacional da Noruega, que “demandava qualquer documento publicado, não importava a mídia, deveria ser enviado para a biblioteca.”

Ainda neste ano a World Wide Web é criada por Tim Berners-Lee.

1995 – após a reunião de vários comitês e realizadas várias conferências, fica decidido que o Dokvit seria oferecido em Tromso.

1996 – Começa em janeiro o curso de Estudos em Documentação, o Dokvit, na Universidade de Tromso.

Nos tópicos seguintes Lund apresenta detalhes sobre o funcionamento do programa em seu primeiro ano:

O programa Dokvit

O programa foi implementado em todos os níveis de formação, desde a graduação ao PhD, o curso fazia parte da Faculdade de Humanidades e visava formar profissionais que poderiam se candidatar “a cargos como chefe de biblioteca pública na Noruega” (LUND, 2016, p.3, tradução nossa).

Corpo docente e estudantes

Neste primeiro ano, 1996, Lund (2016) afirma que era o único responsável pelo programa e professor contratado. No decorrer do ano a equipe administrativa e professores temporários foram contratados. Havia 18 alunos da região Norte da Noruega.

O currículo

O currículo era guiado por dois princípios:

- Abordagem complementar: esse tipo de abordagem era necessária para compreender a Documentação como disciplina científica. “Isto requereria três ângulos diferentes do assunto, baseada nas três principais tradições científicas: humanidades, ciências sociais e ciências técnicas e naturais” (LUND, 2016, p.3, tradução nossa);
- Princípio da aprendizagem baseada em problemas (*PBL principle*):

Quando os alunos chegavam para a primeira aula eram questionados ‘o que é um documento’ e esperava-se que eles buscassem uma resposta [...]. Desde o primeiro dia os estudantes foram encarados como acadêmicos e pesquisadores, naturalmente com a necessidade de treinamento e prática em discussão e análise, mas sabendo que a resposta para muitas perguntas não é algo fixo e absoluto, e sim, algo sempre aberto para considerações (LUND, 2016, p.4, tradução nossa).

Com esses princípios o primeiro ano foi dividido em quatro blocos, com dois blocos por semestre.

- Bloco um: “oferecia uma introdução geral aos estudos em documentação, análise de documentos e ciclo da documentação, com ênfase na produção de documentos” (LUND, 2016, p.4, tradução nossa).
- Bloco dois: “foi uma introdução ao problema sobre as relações dentro e entre a complexidade de documentos, o uso dos documentos e os princípios básicos para organização de todos os tipos de documentos” (LUND, 2016, p.5, tradução nossa).
- Blocos três e quatro:

O objetivo principal do bloco três era introduzir os estudantes aos problemas na disseminação de documentos e cultivar conhecimentos básicos e habilidades na recuperação e pesquisa de documentos para o conhecimento documentado (LUND, 2016, p.5, tradução nossa).

Já a proposta do bloco quatro tinha por objetivo “[...] fazer um grande projeto que reunisse as três perspectivas e aspectos dos estudos de documentação. [...] Nesse bloco, o foco principal estava no grande projeto que lidava com as três perspectivas.” (LUND, 2016, p.6, tradução nossa).

A lista de leituras

Os textos indicados aos alunos ainda era uma lista em formação e não foram apresentados como uma lista obrigatória. Lund (2016) explica que eles podiam ser substituídos por outros que os alunos pudessem considerar mais relevantes.

Ensino: didáticas do primeiro ano

- Palestras;
- Seminários;
- Palestrantes visitantes;
- Supervisão do trabalho de pesquisa (LUND, 2016, p.9, tradução nossa).

Projetos de pesquisa dos estudantes

Lund (2016, p.9) afirma que poderiam questionar “como os projetos de alunos do primeiro ano poderiam ser considerados projetos de pesquisa”. Com isso explica que

O principal objetivo do programa era: ensinar os estudantes a abordar questões interessantes e resolvê-las de maneira sistemática, ou seja, fazer pesquisa. [...] Os estudantes poderiam escolher qualquer tópico de documentação, com uma condição: eles teriam que estudá-los a partir das três perspectivas complementares (humanística, científico-social e técnica) (LUND, 2016, p.9, tradução nossa).

Avaliação

No processo de avaliação “os estudantes após apresentarem seus projetos passavam por uma prova oral” (LUND, 2016, p.12, tradução nossa). Ele assegura que “o principal objetivo da prova oral era [...] dar a oportunidade para professor, examinador externo e aluno discutirem sobre o projeto, os possíveis novos problemas e questões nos estudos da documentação [...]” (LUND, 2016, p.12, tradução nossa).

Em 2016, o que podemos aprender da nossa experiência em 1996?

Lund responde algumas questões sobre as considerações que entende como importantes no balanço dos resultados desde primeiro ano. “Hoje, em 2016, Dokvit se tornou uma área de pesquisa completamente desenvolvida com uma literatura abundante que não existia em 1996” (LUND, 2016, p.13, tradução nossa).

Tópicos clássicos, ou ...? “o que era novo [no ano de 1996] eram as possibilidades providas pelo desenvolvimento digital” (LUND, 2016, p.14, tradução nossa).

A perspectiva do documento faz diferença? “a perspectiva do documento fez a diferença ao enfatizar produções, iluminando a dimensão do material em contraste com o foco no chamado conteúdo ou informação” (LUND, 2016, p.14, tradução nossa).

O princípio complementar funcionou na prática?

Observando os projetos finais, a maioria deles tocou nas três perspectivas, especialmente em relação às condições complexas que os alunos precisavam cumprir e entender para criar uma homepage, uma exposição ou um catálogo para um grupo de usuários específicos (LUND, 2016, p.14, tradução nossa).

Houve uma perspectiva de mídia? “Inerente à perspectiva do documento, havia uma perspectiva do formato de mídia. [...] A perspectiva da mídia também foi combinada com uma perspectiva institucional” (LUND, 2016, p.14, tradução nossa).

Mídia-e-Dokvit no futuro.

Ao final de seu relato Lund conclui que

[...] o relacionamento entre os mundos analógico e impresso mudou radicalmente. No entanto, ainda é importante comparar diferentes momentos do tempo, a fim de manter em aberto para novas possibilidades e entender as condições que são preenchidas em um determinado ponto no tempo. Uma das mais importantes qualidades do documento como conceito é que ele é um dos poucos, senão o único, que cobre todos os resultados do uso de uma mídia, incluindo imagens, textos escritos, vídeo, dança, música, arquitetura etc. (LUND, 2016, p.15, tradução nossa).

Por fim Lund afirma a importância de

[...] enfatizar a interação entre os meios (mídia) e o resultado (documentação) no nome da nova disciplina, desde 2013, Mídia e Estudos em documentação que tem um grande potencial em um futuro no qual os alunos podem começar a entender a situação atual em uma perspectiva histórica em relação às condições e possibilidades, bem como explorar opções para a Documentação do futuro (LUND, 2016, p.15, tradução nossa).

No artigo identificam-se os assuntos:

- A importância da formação profissional;
- A importância da decisão conceitual para a formação do profissional.

4.4 From fief to clan: Boisot’s information space model as a Documentary Theory for cultural and institutional analysis

Neste artigo, Buckland e Wang, analisam como as práticas documentárias podem ser pensadas e utilizadas a partir do modelo do espaço informacional (I-Space) de Max Boisot, por meio do estudo de caso da reforma econômica chinesa.

Introdução

Os autores iniciam relatando que a Documentação que “surgiu no início do século XX, tinha uma perspectiva universal” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.1, tradução nossa). Conforme Buckland (2007 apud BUCKLAND; WANG,

2016, p.1, tradução nossa) “Paul Otlet acreditava na paz mundial através de padrões, colaboração internacional e acesso aberto”. No entanto a ampla visão da Documentação ignora, segundo os autores, fatores culturais, econômicos e políticos relacionados à rivalidade, competição e diferenças culturais.

“Nesse artigo são exploradas as relações entre essas influências divergentes e práticas documentárias por meio do Modelo do Espaço Informacional (Modelo I- Space) de Max Boisot” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.1, tradução nossa).

Max Boisot (1943-2011)

Buckland e Wang apresentam Max Boisot, “nascido em 1943 e estudou no Reino Unido e nos Estados Unidos. [...] Em 1982 desenvolveu em seu doutorado o modelo de Espaço Cultural (Modelo C-Space), a versão original de seu Modelo I-Space” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.1, tradução nossa). Boisot também “foi diretor do programa de gestão da Comunidade Econômica Sino-Europeia. [...] Depois de sua atuação na China realizou palestras como professor e pesquisador em diversas universidades de diferentes países” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.1-2, tradução nossa).

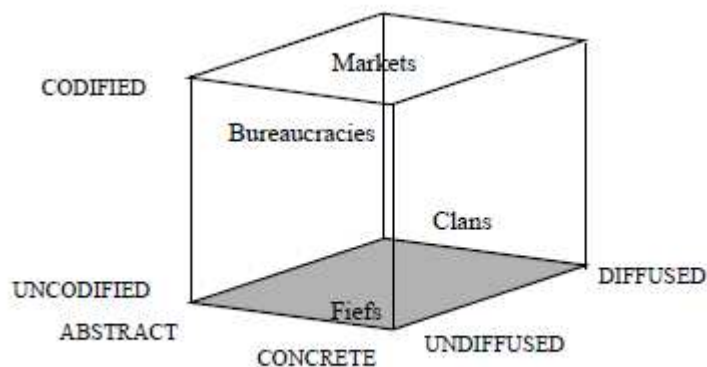
Os autores destacam que o fato da formação de “sua carreira acadêmica pouco ortodoxa e suas transições entre oriente e ocidente parecem ter facilitado suas ideias originais sobre o fluxo de informações, particularmente em relação às culturas e instituições” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.2, tradução nossa). Em seguida explicam alguns pontos do seu modelo de Espaço Informacional.

O Modelo de Espaço Informacional (Modelo I-Space)

Para Buckland e Wang, Max Boisot “acreditava que a estruturação e a comunicação da informação orientavam a aprendizagem humana, comportamento social e também forneciam a base para a criação de valor e para a utilização dos bens do conhecimento” (CHILD; IHRIG; MERALI, 2014 apud BUCKLAND; WANG, 2016, p.2, tradução nossa). E afirmam que “essas concepções formaram a base do seu Modelo I-Space. O modelo I-Space fornece uma estrutura para estudar o compartilhamento de informações dentro

de uma determinada população de agentes” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.2, tradução nossa).

FIGURA 5 – Os quatro tipos de instituições no modelo I-Space de Boisot.



Fonte: Disponível em Buckland e Wang (2016, p.2), adaptação dos autores de Boisot, 1998, p.126.

Buckland e Wang destacam as principais dimensões dessa estrutura:

- **Codificação:** “é a transformação de informações em registros gráficos (BOISOT, 1995), [...] a codificação corresponde ao contínuo do conhecimento tácito ao conhecimento explícito e registrado” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.3, tradução nossa);

- **Abstração:**

Em termos da ciência da informação, isso [a abstração] corresponde à organização do conhecimento por meio da categorização, classificação e controle de vocabulário. Boisot (1995) considerou a abstração como a construção dos objetos de conhecimento abstrato de Karl Popper sem qualquer forma espaço-temporal específica. Quando aplicado em ambientes físicos, o conhecimento possui a substância objetiva e os aspectos subjetivos, o que significa que se materializa e afeta os estados mentais (BUCKLAND; WANG, 2016, p.3, tradução nossa);

- **Difusão:**

Refere-se ao processo de compartilhamento de informações dentro de uma dada população. Ele descreve a disponibilidade de informações dentro de um grupo de agentes em um determinado período de tempo e contexto (Boisot, Child e Redding, 2011). Muitos fatores influenciam a difusão de informações. As tecnologias de informação e comunicação facilitam a velocidade do fluxo de informações e ampliam sua cobertura (BUCKLAND; WANG, 2016, p.3, tradução nossa).

Buckland e Wang (2016) acreditam que o modelo I-Space representa uma ferramenta analítica utilizada na análise institucional. “Boisot abordou essas questões [cultural e institucional] de forma única: informação baseada em análise institucional” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.4, tradução nossa).

No modelo I-Space as instituições são classificadas em quatro tipos: mercados, burocracias, clãs e feudos (Boisot, 1995, 1998; Child, 2013 apud BUCKLAND; WANG, 2016, p.4). Definidas da seguinte forma:

Burocracias: As transações econômicas são baseadas em informações codificadas (explícitas, registradas) e abstratas (organizadas) e a difusão é limitada e está sob controle central.

Mercados: As transações econômicas são baseadas em informações codificadas (explícitas) e abstratas (padronizadas) que são amplamente acessíveis a todos os agentes no mercado.

Feudos: As transações econômicas são altamente pessoais e dependem de informações não-criptografadas (implícitas), concretas (particulares), não difundidas (privadas) que são geralmente de propriedade (controladas) por líderes carismáticos e poucos atores-chave.

Clãs: As transações econômicas são baseadas em informações não codificadas (implícitas) e concretas (particulares) que são difundidas apenas dentro de uma pequena comunidade (BUCKLAND; WANG, 2016, p.4, tradução nossa).

Os autores chamam atenção para o fato de Boisot usar

[...] consistentemente a palavra ‘informação’ mas se aceitarmos a divisão da palavra nas categorias: informação-como-conhecimento, informação-como-processo, e informação-como-coisa e igualar este último com ‘documento’ então podemos considerar o modelo de Boisot como um modelo baseado no documento (BUCKLAND; WANG, 2016, p.4, tradução nossa).

Ou seja,

[...] significa que existem diferentes configurações de documentos (forma, gênero, difusão) que influenciarão fundamentalmente na evolução das instituições e na escolha dos arranjos transacionais. Uma vez que as instituições e acordos transacionais sejam formados, consolidarão a infraestrutura documental e o padrão de comportamento documental (BUCKLAND; WANG, 2016, p.5, tradução nossa).

Com base nessas configurações, os autores afirmam que “o I-Space de Boisot é uma teoria documentária para análise cultural e institucional” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.5, tradução nossa).

Estudo de caso: reforma econômica chinesa

Buckland e Wang relatam o estudo de caso realizado por Boisot e Child (1988), eles “investigaram a reforma urbana da China na década de 1980 e apontaram as falhas burocráticas” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.6, tradução nossa) por meio da aplicação do seu modelo I-Space.

Boisot e Child (1988) investigaram as reformas urbanas da China nos anos 1980 e apontaram o fracasso burocrático. [...] ao contrário de alguns países europeus, a China não tinha um patrimônio tradicional de uma infraestrutura documental autorizada, bem codificada e formalizada, antes da introdução do marxismo. Nos anos 80, a China tinha um sistema documental codificado que foi copiado da União Soviética, porém era mais um ritual do que um sistema substancial (Boisot e Child, 1996 apud BUCKLAND; WANG, 2016, p.6, tradução nossa).

Boisot entendia que na China “as autoridades locais dominavam as empresas dentro de sua jurisdição em um estilo feudal naquela época” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.6, tradução nossa). Na década de 1990, Boisot e Child observaram uma mudança no estilo da infraestrutura documental chinesa,

[...] a situação mudou muito na China. Um padrão econômico similar ao clã surgiu devido à descentralização do poder administrativo do Estado. [...] Como os relacionamentos não são hierárquicos e a colaboração é horizontal, pequenas redes de comunicação de documentos são formadas. Esta infraestrutura documental constituiu uma transição da estrutura do feudo para a estrutura do clã (BUCKLAND; WANG, 2016, p.7, tradução nossa).

Eles concluíram que “a ordem econômica chinesa era a combinação da estruturação limitada e fluxo de documentos e ‘dos direitos de propriedade comunal e organização das transições econômicas” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.7, tradução nossa). O que eles definiram como capitalismo de rede. “Por capitalismo de rede, eles se referiam a *capitalismo de compadrio*, não baseado no capitalismo em redes de telecomunicações, embora a melhoria das telecomunicações facilite a evolução para os clãs” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.7, grifo nosso, tradução nossa).

Por fim, “Boisot e seus colegas acreditam que o capitalismo de rede representa um caminho distinto para a modernização, diferente do modo ocidental, baseado em normas transacionais padronizadas e codificadas” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.7, tradução nossa).

Conclusão

Buckland e Wang declaram ter resumido “as características documentais e organizacionais dos quatro tipos institucionais baseados no modelo I-Space de Boisot” (BUCKLAND; WANG, 2016, p.8, tradução nossa). Com isso, os autores concluem que,

a ideia básica é que as diferentes configurações de documentos (formas, gêneros, difusão) influenciam profundamente a evolução das instituições e a escolha do acordo transacional. Uma vez que instituições e arranjos transacionais estejam formados, eles irão, por sua vez, consolidar a infraestrutura documental e o padrão de comportamento documental. Isso lembra a afirmação de Suzanne Briet de que a documentação é uma especialização cultural (BUCKLAND; WANG, 2016, p.8, tradução nossa).

Buckland e Wang (2016) ainda sinalizam que pretendem se aprofundar em estudos futuros sobre o modelo I-Space voltados para a gestão do conhecimento, gerenciamento de informações e biblioteconomia.

Neste artigo é possível identificar:

- A relação entre Documentação e práticas documentárias;
- Modelos possíveis para auxiliar na gestão/ organização da informação

4.5 Before the antelope: Robert Pagès on documents

Neste artigo Buckland promove um resgate histórico dos conceitos de documento discutidos por Robert Pagès em 1948, época em que foi aluno do programa de Documentação que tinha como uma das organizadoras responsáveis Suzanne Briet e tenta encontrar uma possível influência que as pesquisas de Pagès possam ter exercido sobre o trabalho da bibliotecária francesa. Dentro dos tópicos vai traçando esse caminho.

Introdução: Briet e antílope

Buckland faz uma breve introdução sobre o trabalho de Briet na sua busca por definir um documento, citando seu famoso exemplo do antílope. Buckland (2017) relembra que Briet falava sobre o que poderia ou não ser um documento, e afirmava que o antílope é um documento inicial e documentos que o descrevem são documentos secundários. O autor salienta o fato de Briet

ter publicado “mais de cem livros e artigos, muitos desses seguem o padrão acadêmico com citações cuidadosas de fontes, outras não. Para o seu exemplo do antílope não há fontes citadas apresentadas” (BUCKLAND, 2017, p.1, tradução nossa).

Robert Pagès

Buckland (2017) explica a ligação entre Briet e Pagès, citando o fato de Briet ter publicado na sua velhice um livro sobre meditações no qual se refere a Robert Pagès.

Pagès foi um ativista anarquista clandestino sob o pseudônimo de Rodion e também fundou um laboratório de pesquisa de psicologia social (*Laboratoire de Psychologie Sociale*), com o apoio do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França, de acordo com Buckland (2017).

Ao mesmo tempo, entre essas atividades Pagès foi aluno “no programa de educação profissional em documentação organizada por Briet e outros para UFOD no Conservatório Nacional de Documentação, Artes e Ofícios [...] dedicado à educação e pesquisa para a promoção da ciência e da indústria” (BUCKLAND, 2017, p.2, tradução nossa).

Transformações documentárias e o contexto cultural

Buckland (2017) relata a trajetória de Pagès como aluno do programa de documentação de Briet, ele “escreveu duas teses. A primeira, finalizada em 1947, publicada no ano seguinte como um artigo intitulado ‘*Transformações documentárias e o contexto cultural (Ensaio de Documentologia)*’ (BUCKLAND, 2017, p.2, tradução nossa).

O objetivo de Pagès, afirma Buckland, era

[...] relacionar o campo emergente da Documentologia às teorias da cultura humana. Assim como Briet, ele via a Documentação como técnica cultural. Ele escreveu que os documentos são para a cultura o que o maquinário é para a indústria e que não há nada mais importante nos estudos da cultura do que o exame de sua infraestrutura, a qual se torna cada vez mais tecnológica, mais controlada e mais metodologicamente organizada (BUCKLAND, 2017, p.2, tradução nossa).

Dentre suas áreas de interesse Pagès estudou filosofia e psicologia, “trouxe uma visão diferente dos comentaristas norte-americanos preocupados

com a tecnologia e as necessidades dos cientistas e engenheiros” (BUCKLAND, 2017, p.2, tradução nossa).

Buckland (2017) afirma que para Pagès as atividades documentárias se expandiram após o fim da Primeira Guerra Mundial e ele acreditava que o uso generalizado dos documentos para fins cultural e social guiou o trabalho dos documentalistas naquela época.

Pagès sobre documentos

Em seguida Buckland (2017) lista algumas das ideias de Pagès sobre documentos:

- **Documentos gráficos:** “[...]eles [documentos gráficos] são sempre sobre algo. São descritivos e [...] Pagès observa, documentos escritos são restringidos pelas limitações da linguagem” (BUCKLAND, 2017, p.2, tradução nossa).
- **Documentos não-gráficos:** “[...] qualquer entidade física pode em circunstâncias imagináveis ser percebida como interessante, significativa ou instrutiva tanto quanto um sinal ou documento. [...] não são descritivos” (BUCKLAND, 2017, p.3, tradução nossa). Pagès distingue dois tipos de documentos não-gráficos:

- **Particulares não gráficos (autodocumentos):** são objetos únicos e particulares, “tal objeto não é gráfico [...]. Pode, no entanto, ser considerado como ilustrativo, revelando algo sobre si mesmo” (BUCKLAND, 2017, p.3, tradução nossa), ou seja, “fala por si”. Como exemplos, Pagès indica o chapéu de Napoleão ou um meteoro .

- **Uniformidade e espécimes:** são objetos distintos, que em determinadas circunstâncias específicas, servem como representante de sua espécie.

Pagès dá, como exemplos de espécimes, uma múmia egípcia não identificada, um gorila em um zoológico e um pedaço de *spath* (pedra de cristal). Com isso pressupõe-se que não importa qual múmia, gorila ou pedaço de cristal é usado. Qualquer múmia, qualquer gorila ou qualquer pedaço de cristal serviria suficientemente como um espécime. Cada um representa (fala por) o conjunto do qual é um membro (BUCKLAND, 2017, p.4, tradução nossa).

- **Objetos e assuntos:**

- **Objeto alterado:** “podemos tentar modificá-lo diretamente, modificando em algum estado” (BUCKLAND, 2017, p.4, tradução nossa).

- **Objeto derivado:** “podemos derivá-los, mais ou menos alterado de outro objeto. [...] Um algoritmo, por exemplo, deriva uma nova versão” (BUCKLAND, 2017, p.4, tradução nossa).

- **Reposicionamento:** “reposicionar o objeto em relação a outros objetos existentes” (BUCKLAND, 2017, p.4, tradução nossa).

- **Descrição ou representação:** “podemos fazer uma descrição dos aspectos de nosso interesse. Essa descrição é um novo objeto, texto ou imagem sobre o objeto” (BUCKLAND, 2017, p.5, tradução nossa).

Buckland (2017) explica que em cada um desses casos, o objeto é tratado como um assunto.

Experiência vivida e Aprendizagem dos livros

Com base nas suas influências e referências filosóficas, Buckland (2017) cita algumas questões levantadas por Pagès sobre a aprendizagem por meio dos documentos.

Pagès comenta a preocupação dos filósofos, especialmente Descartes, com a separação entre experiência vivida e aprendizagem dos livros. [...] Por que devemos acreditar em declarações nos textos que lemos, se não tivermos nossa própria validação em primeira mão? As declarações nos documentos gráficos são conhecimentos de segunda mão, meras afirmações (BUCKLAND, 2017, p.5, tradução nossa).

Pagès então acredita que,

Sua resposta [...] está nos documentos não-gráficos. Temos mais confiança no que experimentamos diretamente do que no que nos é relatado e as partes gráficas dos objetos gráficos são meramente as afirmações de outros. Ainda não compreendemos objetos diretamente pela percepção extra-sensorial (BUCKLAND, 2017, p.5, tradução nossa).

E conclui,

Ao invés disso, construímos significados com base em nossas crenças anteriores e compreensão dos símbolos. Objetos são documentos, portanto, apenas em relação aos sistemas de símbolos. O surgimento de documentos gráficos enriquece o sistema de

símbolos e, portanto, pode ser considerado um agente que permite que documentos não-gráficos (espécimes e particulares) se tornem significativos. Da mesma forma, nossas percepções de objetos não-gráficos tornarão os documentos gráficos (aprendizagem dos livros) mais ou menos confiáveis (BUCKLAND, 2017, p.5, tradução nossa).

Assim “cada vez mais, observa Pagès, museus, patrimônios, exposições e promoção de turismo fazem uso dos objetos para fins educacionais e comerciais” (BUCKLAND, 2017, p.5, tradução nossa).

Outros trabalhos de Pagès

Buckland recorda também a outra tese escrita por Pagès que “como estudante de Documentação, é um tratado sobre problemas de classificação” (BUCKLAND, 2017, p.5, tradução nossa). Trabalho este que tem sido resgatado “no meio da Ciência de Informação, Pagès tem sido lembrado pela linguagem de indexação que ele desenvolveu para os documentos coletados para sua pesquisa de laboratório em psicologia social” (BUCKLAND, 2017, p.6, tradução nossa).

Conclusão

Expostas algumas de suas teorias e ideias, Buckland entende que “a tese de Robert Pagès de 1947, publicada como um artigo em 1948, antecipa, explica o famoso exemplo de Suzanne Briet do antílope como um documento e também a diferença entre documento inicial e secundário” (BUCKLAND, 2017, p.6, tradução nossa).

No entanto o autor deixa claro que “essas ideias se originaram com ele [Pagès], mas não o prova, já que na época ele era estudante do programa de Briet e ele reconhece a influência dela em seu trabalho” (BUCKLAND, 2017, p.6, tradução nossa) e que “independente da sua origem, o artigo esquecido de Pagès é uma contribuição valiosa para a teoria do documento” (BUCKLAND, 2017, p.6, tradução nossa).

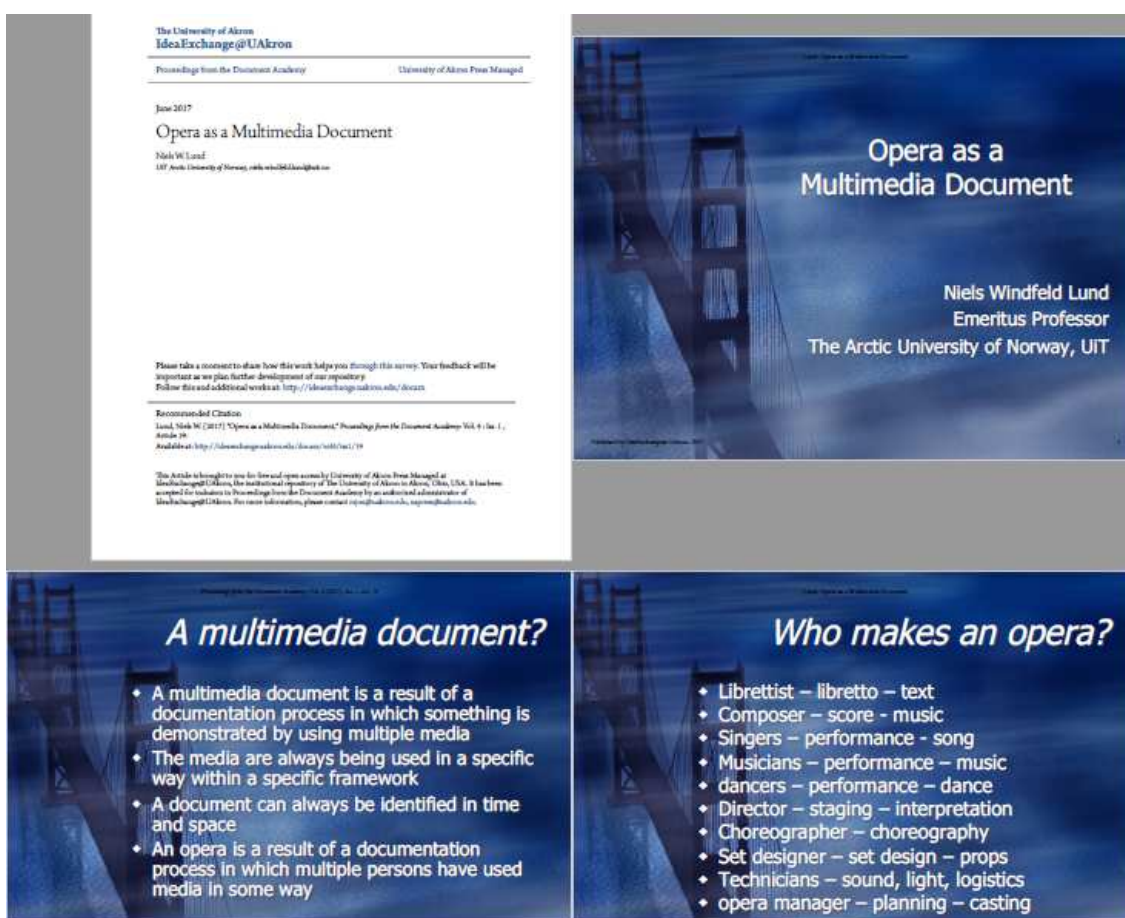
Neste artigo, os assuntos identificados são:

- O conceito de documento;
- A influência dos conceitos dos documentaristas clássicos;
- A influência do pensamento filosófico na discussão sobre o documento.

4.6 Opera as a multimedia document

Esta publicação é apresentada de forma alternativa ao artigo científico. Trata-se de uma apresentação no formato de arquivo Powerpoint, no entanto foi publicada no periódico exatamente desta forma. Fato este que não causa muita surpresa se considerada a proposta do grupo já citada anteriormente.

FIGURA 6 – Artigo *Opera as a multimídia Document* publicado no periódico *Proceedings from the Document Academy*



Fonte: Periódico *Proceedings from the Document Academy*, v.4, n.1. Disponível em <<http://ideaexchange.uakron.edu/docam/vol4/iss1/19>>.

A apresentação é muito pontual. Lund (2017) discute a perspectiva do documento multimídia no exemplo de uma ópera e utiliza os elementos desta para identificar o que forma esse tipo de documento.

Um documento multimídia?

Lund afirma que o documento multimídia “é o resultado do processo de documentação no qual algo é demonstrado por meio de várias mídias” (Lund,

2017, p.2, tradução nossa). Então, de acordo com ele, “uma ópera é o resultado do processo de documentação no qual várias pessoas têm usado a mídia de alguma forma” (Lund, 2017, p.2, tradução nossa).

Quem faz a ópera?

Ele indica os profissionais que compõem uma ópera “Libretista, compositor, cantores, músicos, dançarinos. Diretor, coreógrafo, cenógrafo, técnicos, gerente de ópera” (Lund, 2017, p.3, tradução nossa).

Quais as mídias utilizadas?

Lund cita as mídias presentes na composição dos elementos que formam uma ópera, são elas a “palavras, vozes, tons, instrumentos musicais, dança, movimentos, design de palco e adereços” (Lund, 2017, p.4, tradução nossa). Em seguida o autor pontua um breve histórico da ópera desde o seu surgimento.

Quando a Ópera foi novidade

Lund indica que “por volta de 1700 surgiram as *Arias*, melodias expressivas que eram cantadas e definiram os aspectos da ópera” (Lund, 2017, p.2, tradução nossa).

Nesse meio tempo – Ópera nos séculos XVII e XVIII

Conforme Lund, “a ópera era composta de uma forma que poderia mudar todo dia, poderia também fazer parte de uma longa noite de apresentações junto com concertos e balés” (Lund, 2017, p.7, tradução nossa). Lund (2017, p.8-10) cita alguns exemplos das composições que se tornaram óperas:

- Pergolesi: La serva padrona
- Mozart: Tha magic flaute
- Verdi: La traviata

Lund afirma ainda que “Verdi foi considerado o primeiro compositor a ser considerado como a primeira força criativa da ópera – drama musical como a ópera moderna” (Lund, 2017, p.10, tradução nossa).

Questões surgidas na ópera moderna

Concluindo a apresentação Lund coloca algumas questões que cabem ser feitas em relação à ópera moderna, como hoje é conhecida. “São os operadores de câmeras, diretores e produtores de mídia quem definem a ópera hoje? O que acontece com a ópera baseada em rede?” (Lund, 2017, p.11, tradução nossa).

No artigo é possível identificar os seguintes temas:

- O conceito de documento
- O documento não convencional.

4.7 Temáticas neodocumentalistas identificadas nos artigos

Quando são consideradas as multiplicidades de abordagens nos artigos apresentados, é notável que são abordagens muito valiosas. No entanto em um segundo momento observando mais atentamente, é possível visualizar que são temas comuns às discussões dentro da Ciência da Informação.

Os temas e assuntos identificados nos artigos apresentados são os seguintes:

4.1. Facebook um documento sem fronteiras:

- A definição de um conceito de um novo recurso (FB) como um documento/ livro digital;
- O uso da teoria sobre elementos textuais como base para a construção do conceito de documento;
- Comparação entre os elementos de um documento físico (livro) e do documento digital (FB).

4.2. As dimensões física, mental e social dos documentos:

- Conceito de documento;
- As dimensões que formam um documento;
- As relações que possibilitam a compreensão das dimensões presentes no conceito de documento.

4.3. Como tudo começou: 1996, o primeiro ano do Dokvit:

- A importância da formação profissional;
- A importância da decisão conceitual para a formação do profissional.

4.4. Dos feudos aos clãs: O modelo do espaço informacional de Boisot como teoria documentária para a análise cultural e institucional:

- A relação entre Documentação e práticas documentárias;
- Modelos possíveis para auxiliar na gestão/ organização da informação.

4.5. Antes do antílope: Robert Pagès sobre os documentos:

- O conceito de documento;
- A influência dos conceitos dos documentaristas clássicos;
- A influência do pensamento filosófico na discussão sobre o documento.

4.6. Ópera como um documento multimídia:

- O conceito de documento;
- O documento não-convencional.

Para uma melhor visualização, essas características representadas pelos números de ordem dos artigos, podem ser esquematizadas da seguinte maneira em categorias mais gerais:

Quadro 5 – Artigos distribuídos por temáticas identificadas nas publicações no periódico *Proceedings from the Document Academy*

Conceito de Documento (definição)	Relações e influências conceituais	Perspectiva histórica (do conceito de documento)	Técnicas documentárias/ Usos do documento	Formação profissional
4.6	4.5	4.5	4.4	4.3
4.5	4.4	4.6		
4.2	4.2	4.3		
4.1	4.1			

FONTE: elaboração própria a partir das informações obtidas nas análises dos subtópicos 4.1 até 4.6.

As temáticas reunidas no quadro cinco podem ser reconfiguradas em categorias maiores. Para os propósitos de identificar a discussão conceitual do documento, no nível das suas contribuições para a Ciência da Informação, as categorias utilizadas como referência são aquelas presentes no Tesouro Brasileiro da Ciência da Informação.

O Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação (PINHEIRO; FERREZ, 2014) apresenta as categorias dos temas que são encontrados na Ciência da Informação. O mesmo é considerado como,

[...] um mapa epistemológico da Ciência da Informação, com as disciplinas que a configuram como ciência social aplicada, com mutações ao longo do tempo, terminológicas e de surgimento de novas subáreas, como consequência de circunstâncias históricas, científicas, tecnológicas e culturais e, sobretudo, das transformações interdisciplinares (PINHEIRO; FERREZ, 2014, p.11).

O trabalho elaborado é fruto de anos de pesquisa de Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, pesquisadora em Ciência da Informação do Brasil, que acompanhou durante esse processo as modificações nos temas pesquisados dentro da Ciência da Informação entre os anos de 1989 e 2008, quando iniciou o processo de elaboração do tesouro, possibilitando o mapeamento dos assuntos. Considerando que o tesouro “representa a terminologia de uma área, é seu mapa conceitual e, no caso do tesouro em questão, por sua estrutura ser classificatória - portanto, o retrato epistêmico da ciência da informação – presta-se a outras finalidades” (PINHEIRO, 2013, p.24), com isso, suas categorias são utilizadas nesta pesquisa como parâmetros para enquadrar as temáticas identificadas nos artigos analisados anteriormente.

O Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação está dividido em oito classes e quarenta subclasses. São as seguintes:

Quadro 6 – Classes e subclasses do Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação

TESAURO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – Plano Geral de Classificação	
1. Epistemologia da Ciência da Informação 1.1. História da Ciência da Informação 1.2. Teorias na Ciência da Informação 1.3. Interdisciplinaridade 1.4. Métodos de Pesquisa e Análise 1.4.1. Metrias da informação e comunicação	5. Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs 5.1. Equipamentos de Computador 5.2. Programas de Computador 5.3. Aplicações de Computador 5.3.1. Bases de dados e extração da informação

<p>1.5. Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação e Áreas Afins 1.6. Profissão e Mercado de Trabalho</p> <p>2. Organização do Conhecimento e Recuperação da Informação</p> <p>2.1. Organização do Conhecimento 2.1.1. Representação da informação 2.1.2. Sistemas de organização do conhecimento</p> <p>2.2. Recuperação da Informação 2.2.1. Medidas de avaliação de sistemas de recuperação da informação</p> <p>3. Gestão da Informação</p> <p>3.1. Gestão de Bibliotecas e Recursos de Informação 3.1.1. Serviços de biblioteca 3.1.2. Desenvolvimento de coleções 3.1.3. Preservação de documentos</p> <p>3.2. Usuários e Usos da Informação 3.3. Serviços de Informação</p> <p>4. Informação e Conhecimento Estratégicos nas Organizações</p> <p>4.1. Inteligência Competitiva 4.1.1. Métodos de análise na inteligência competitiva 4.2. Gestão do Conhecimento</p>	<p>5.4. Redes de Comunicação e Informação, Internet, Web 5.5. Gestão nas TICs 5.5.1. Normas e protocolos 5.6. Inteligência Artificial e Engenharia do Conhecimento</p> <p>6. Comunicação e Acesso à Informação</p> <p>6.1. Comunicação Científica 6.1.1. Produtividade científica 6.1.2. Publicações científicas: periódicos</p> <p>6.2. Transferência e Acesso à Informação 6.2.1. Direito à informação e propriedade intelectual 6.2.2. Políticas e ações de informação</p> <p>6.3. Indústria da Informação 6.4. Sociedade da Informação</p> <p>7. Documento e Informação como Componente</p> <p>7.1. Tipos de Documento 7.2. Suportes de Informação 7.3. Conteúdos da Informação</p> <p>8. Áreas do Conhecimento</p>
--	--

Fonte: Retirado do Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação.

No conjunto de artigos analisados, foi possível identificar questões conceituais que visam identificar os elementos/dimensões do documento, relações e influências interdisciplinares na análise do conceito de documento, formação e preparo profissional, assim como técnicas documentárias para análise de sistemas de informação e os possíveis usos do documento.

Dentre as classes especificadas no tesouro, as temáticas identificadas mostradas no quadro cinco se enquadram em três delas: **Epistemologia da Ciência da Informação, Documentos e Informação como Componente e Gestão do Conhecimento.**

Na classe Epistemologia da Ciência da Informação, da qual fazem parte dentre as outras, as subclasses *História da Ciência da Informação, Teorias na Ciência da Informação, Interdisciplinaridade, Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação e Áreas Afins e Profissão e Mercado de Trabalho* encontramos contribuições nos artigos “Facebook um documento sem fronteiras”; “Como

tudo começou: 1996, o primeiro ano do Dokvit”; “Antes do antílope: Robert Pagès sobre os documentos; Ópera como um documento multimídia”.

Esses artigos abordam temas que contribuem para a solidificação da Epistemologia da Ciência da Informação, pois fornecem elementos que permitem aos pesquisadores identificar como foram moldados os conceitos pertinentes as suas discussões conceituais e históricas bem como evidencia a participação das teorias pertencentes a outras áreas do conhecimento. Proporciona também um resgate histórico da Ciência da Informação e suas relações interdisciplinares, que são fundamentais para a compreensão dos rumos que a Ciência da Informação tomou e os possíveis caminhos que ainda trilhará. Interdisciplinaridade esta que, como afirma Saracevic (1996 apud SOUZA, 2007), não é apenas resultado da diversidade de profissionais que iniciaram os estudos sobre a Ciência da Informação, mas também foi o que possibilitou o seu surgimento.

A influência que os pesquisadores em Ciência da Informação recebem, participando de um grupo tão multidisciplinar como o *Document Academy*, é uma das direções já previstas para a evolução da Ciência da Informação, alguns autores acreditam que a sua abordagem ultrapasse essas fronteiras e se reconheça como uma ciência transdisciplinar. A transdisciplinariedade, conforme Nicolescu (1988 apud SOUZA, 2007),

[...] como o prefixo “trans” indica, diz respeito ao que está, ao mesmo tempo, “entre” as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de todas as disciplinas. Seu objetivo é a “compreensão do mundo presente” e o imperativo para isso é a unidade do conhecimento. (SOUZA, 2007, p.86).

Ou seja, essa abordagem permite as disciplinas uma imersão no objeto do conhecimento, cada uma acrescentando a bagagem que possui como acontece no caso do grupo *Document Academy*.

Os artigos “Facebook um documento sem fronteiras”; “As dimensões física, mental e social dos documentos”; “Antes do antílope: Robert Pagès sobre os documentos”; “Ópera como um documento multimídia”, somam as discussões que pertencentes à classe *Documentos e Informação como componentes*, elementos que aprofundam os debates sobre o documento enquanto um suporte de informação. Documentos eletrônicos, documentos

audiovisuais, documentos efêmeros, documentos primários e secundários são alguns dos tipos de documento que integram os assuntos pertencentes a essa classe.

Os artigos citados acima abordam questões que indicam características desses tipos de documento, entretanto as discussões não ficam apenas na questão física, que é uma questão importante, no entanto como Saldanha afirma que a abordagem neodocumentalista “reflete não uma visão passadista – retomar o “documento” em seu caráter físico como objeto-chave de nossa reflexão, como pode, por vezes, significar –, mas “refundar” nossa ideia de materialidade” (SALDANHA, 2013, p.73); as discussões sobre documento na atualidade estão para além de um apontamento do que é ou não um documento, o conceito está novamente nos centros dos debates afinal “o papel do conceito de ‘documento’ hoje, cumpre diferentes funções epistemológicas, como crítica historiográfica, torção filosófica, revisão da práxis e estratégia discursiva teórica” (SALDANHA, 2013, p.84).

Gestão do conhecimento é a categoria a qual o artigo “Dos feudos aos clãs” acrescenta suas contribuições com seus modelos para análise cultural e institucional a partir das técnicas documentárias, pois como afirmam Buckland e Wang (2016) o modelo de Boisot é baseado em documentos. A gestão do conhecimento é uma das áreas que surgiram também em razão da interdisciplinaridade que envolve a Ciência da Informação e a Administração por volta da década de 1990, como afirma Pinheiro (2013).

É importante ressaltar que quando é afirmado que um artigo se enquadra dentro de uma classe específica, não significa que ele não possa contribuir com assuntos relacionados a outras classes, e sim que o seu tema principal está mais alinhado com tal classificação. Do artigo *Facebook um documento sem fronteiras*, por exemplo, é possível analisar as configurações que os autores indicam como aquilo que nos permite identificar o Facebook como um documento, tanto como visualizar a relação interdisciplinar entre Ciência da Informação e Linguística, a partir do uso da teoria de Genette.

Com isso, é notável que as discussões em maior quantidade abordam questões conceituais, justificável pelo fato dos autores dos artigos, tanto Michael Buckland quanto Niels W. Lund, serem professores e pesquisadores

em Ciência da Informação que há tempos se ocupam com as questões conceituais, como os famosos artigos de Buckland (1991; 1998) e Lund (2009) comprovam.

Outro fato notável é como os artigos não abordam apenas o conceito, mas propiciam uma construção histórica dos mesmos. Fato este que faz parte do processo de reconstrução conceitual promovido pelo movimento neodocumentalista, como já citado em Saldanha (2013) na página 41 do Capítulo 2. No artigo *Before the antelope*, por exemplo, Buckland apresenta ao leitor informações sobre a formação acadêmica e o histórico profissional de Robert Pagès para demonstrar não apenas o conceito dele, mas possibilitando acompanhar o seu raciocínio e compreender suas influências nesse processo, como a filosófica, por exemplo. Além de fornecer pano de fundo para a compreensão do contexto histórico do entendimento do conceito de documento e sua evolução como um todo.

Buckland (2017) concede ainda uma informação fundamental, ter conhecimento sobre o fato de Robert Pagès ter sido aluno de Suzanne Briet possibilitando a ligação entre os referenciais teóricos de ambos e permitindo a reconstrução histórica pretendida que o autor busca mostrar, com esse novo viés dado às discussões documentalistas.

Esses artigos demonstram a intenção do movimento neodocumentalista em promover uma recuperação histórica de sua articulação com a Ciência da Informação e com a história dos conceitos, bem como das instituições de informação como afirma Saldanha (2013), citado anteriormente na página 39 do Capítulo 2. Assim como está presente no artigo que relata a experiência sobre o primeiro ano após a implementação do programa Dokvit, que focava na formação dos estudantes não apenas na parte prática da profissão, mas na preparação conceitual para os desafios que o desenvolvimento das novas tecnologias trouxe para os antigos e aos futuros profissionais.

As escolhas conceituais mostradas por Lund (2016) são um exemplo da importância do posicionamento conceitual nas instituições como afirma Hjørland (2000), citado na página 42 do Capítulo 2, pois vai dá força à manutenção da disciplina, tal como possibilita a continuidade de suas pesquisas na área, como é caso da Documentação. “A prática científica,

quando baseada na exploração rigorosa dos conceitos, sustenta a qualidade da pesquisa e promove maior consolidação terminológica” (ORTEGA, 2009a, p.28). Uma vez preterida a Documentação em favor de outras disciplinas foi necessário para seu ressurgimento que uma universidade, no caso a de Tromsø, sentisse a necessidade específica de ensinar as práticas documentárias aos seus futuros bibliotecários e arquivistas, para então desenvolver um programa voltado aos estudos da Documentação, devido à demanda que houve na época de lidar com diferentes suportes de informação.

Um dos movimentos para se retomar o ensino da documentação na Noruega em 1996, foi o surgimento dessas novas mídias, agora entendidas como documento. Movimento que se repetiu com o surgimento do documento digital mais tarde, em 2003, que motivou novo interesse pela pesquisa sobre o assunto pelo grupo RPT-Doc, como foi mostrado no subtópico 2.3, pois nessa época a nova realidade digital ainda era um terreno não muito conhecido.

Contudo os artigos que tratam sobre o Facebook como um documento hipertexto digital e a Ópera como um exemplo de documento multimídia, ambos provam que apesar da familiaridade que há nos dias atuais com as tecnologias - pois estes são artigos publicados entre os anos de 2014 e 2017 - não é suficiente para se considerarem como encerradas as discussões sobre documento, seja no meio digital seja sobre as suas novas configurações. Discussões estas que vem desde a época de Paul Otlet. Faz se necessário que seja uma questão bem entendida dentro da Ciência da Informação que graças à “[...] esta ‘estrutura sem estrutura’, esta base em permanente transformação, transversalizada por contingências histórico-sociais e remodelações culturais, que nos permite pensar a complexidade do conceito de ‘documento’ em Otlet” (SALDANHA, 2013, p. 83) e nas discussões atuais, quase cem anos depois das indagações de Otlet sobre o documento.

O desenvolvimento das questões sobre o documento na era digital não só motivaram o início das discussões, como alega Lund (2009), citado na página 39 no Capítulo 2, esses artigos expõem que ainda existe a necessidade de novas discussões sempre que houver algum avanço tecnológico, pois o documento não é um conceito definitivamente resolvido.

No artigo *The physical, mental e social dimensions of documents*, o documento é analisado sob o viés neodocumentalistas. No artigo, Bukland (2016) determina o ponto fundamental dos estudos do documento na perspectiva neodocumentalista, a compreensão da complementaridade das três dimensões do documento. O autor está interessando na abordagem completa do conceito dentro de todos os seus ângulos e relações. Essa visão, embasada nas discussões neodocumentalistas que não querem considerar o documento apenas sob seu papel material e sim fazer presente a importância de se conhecer o documento na sua completude e seu papel dentro das relações sociais, permitem “a possibilidade de um outro significado de ‘documento’ e, mais do que isto, transformaria nossa própria estratégia interpretativa de compreensão e de apropriação dos objetos da OS [Organização dos Saberes]” (SALDANHA, 2013, p.80).

Compreender esses elementos e tê-los disponíveis para consulta e pesquisa permite hoje uma discussão conceitual do documento realizada em outro nível, um nível que se pode afirmar ser mais completo e abrangente. Nível este proporcionado pelas discussões que ocorrem no âmbito do movimento neodocumentalista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Documentação desenvolvida por Paul Otlet foi considerado um projeto grandioso, idealista, pacifista, internacionalista. Um projeto visionário. Entretanto Otlet não foi somente um visionário, muito realizou de seus projetos. Dentre eles, o desenvolvimento da Classificação Decimal Universal, a criação do Instituto Internacional de Bibliografia que deu origem mais adiante a organizações importantes.

Não podemos esquecer a publicação do *Traité de documentation* (1934), uma obra rica de referencial sobre seu trabalho. Uma fonte abundante de consulta e pesquisa para diferentes áreas da Ciência da Informação. Muito se investigava sobre os alcances do ideias documentalistas de Otlet e seus reflexos na Ciência da Informação. Diversos autores reconhecem nas teorias e práticas da Documentação, os precursores da Ciência da Informação que

viriam a se desenvolver anos mais tarde. No entanto apesar desse reconhecimento entre as áreas, a Documentação acabou sendo esquecida por aqueles que consideravam suas questões esgotadas e resolvidas.

Durante o momento em que ocorreu a explosão informacional ficou evidente a necessidade do desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias. Nesse contexto a Ciência da Informação foi se moldando como uma ciência que se ocupava da informação e suas relações.

No entanto, assim como pelas necessidades informacionais que existiam na época em que a Ciência da informação se consolidou como uma ciência, a tecnologia continuou a se desenvolver fazendo surgir novas questões que não eram tão novas assim. Entre elas, uma que já parecia solucionada: o que é um documento? E além, o que é um documento digital? Foi necessário então um retorno conceitual para solucionar essas questões. Dos encontros de interesses entre pesquisadores de diversas áreas, entre elas a Ciência da Informação, surgiu o movimento neodocumentalista que, como exposto nesta pesquisa, encontrou uma saída para essas questões acerca do conceito do documento nas últimas duas décadas quando redescobriu o legado de Paul Otlet.

Apresentamos aqui - por meio das produções do grupo *Document Academy* - alguns dos temas que vem sendo abordados pelo movimento neodocumentalista que unem as temáticas dos teóricos da Documentação clássica, Paul Otlet e Suzanne Briet, com as problemáticas dos tempos atuais. Por questões de delimitação do tema da pesquisa, focamos apenas nas produções dos pesquisadores em Ciência da Informação, Michael K. Buckland e Niels W. Lund, os seis artigos analisados no capítulo quatro.

No entanto as publicações disponíveis no periódico *Proceedings from the Document Academy*, já ultrapassam cem publicações. São pesquisadores de diferentes áreas, como arquivologia, comunicação, que abordam questões sobre patrimônios museológicos, preservação digital, técnicas de documentação e ampliam os debates sobre a filosofia da informação, enfim se mostra uma fonte muito rica para auxiliar na elucidadação de questões práticas e teóricas da Ciência da Informação.

O grupo *Document Academy* é apenas uma das expressões do movimento neodocumentalista. É um grupo pouco explorado dentro da Ciência da Informação. O movimento neodocumentalista em si não é muito difundido, por exemplo, no Brasil. Os trabalhos de autores como Bernd Frohmann, Michel Buckland, W. Boyd Rayward são conhecidos dentro da Ciência da Informação, contudo não são reconhecidos como uma abordagem neodocumentalista.

Esse fato se deve a ressalva que ainda existe quando se trata de Documentação, e é possível que o movimento neodocumentalista seja entendido como mais do mesmo por muitos pesquisadores, o que reduz o interesse em se aprofundar o assunto.

Porém, como mostrado no decorrer desse trabalho, a intenção do movimento é redescobrir esses conceitos e reconfigurá-los, não há um interesse em se discutir o documento como uma unidade isolada. O documento aparece como centro de relações humanas, sociais, científicas e tecnológicas. Redescobrir a Documentação e o legado Otlet-Briet permite reconstituir a história da Ciência da Informação, fornece bases históricas e conceituais que nos remetem a muito antes dos limites datados como temos até o presente.

Vale ressaltar que além de representar uma expressão do movimento neodocumentalista, a *Document Academy* representa também a movimentação histórica de uma corrente teórica de uma determinada região pois, como citado, a Documentação teve uma sólida linha sucessória na tradição francesa e espanhola, por exemplo. Foi na língua inglesa que Paul Otlet precisou ser redescoberto.

Recomendamos para trabalhos futuros a exploração mais profunda do tema neodocumentalista. Entendemos que a literatura sobre o tema ainda não é muito ampla, não há um corpus definido sobre o movimento neodocumentalista, ainda caminhamos por sobre fragmentos que quando reunidos e analisados, nos fornecem um panorama que permite enxergar o movimento neodocumentalista como um movimento consolidado, porém pouco difundido. Parte considerável das publicações que se encontram sobre o tema é basicamente nos idiomas inglês e francês.

Apesar de ser possível reconhecer quando o artigo tem uma abordagem neodocumentalista, não é comum eles apresentarem esse termo indexado ou

até mesmo no corpo do texto. Esses fatores reforçam a necessidade de se pesquisar mais sobre o tema e facilitar sua difusão.

Por fim, recomendamos também a leitura do trabalho de pesquisadores brasileiros em Ciência da Informação que abordam essa temática de forma esclarecedora, dentro de perspectivas diversas como a filosófica, histórica e da linguagem. Entre eles incluem-se Gustavo Saldanha, Maria Nélide González de Gómez, Cristina Dotta Ortega, Marilda Lopes Ginez Lara, Giullia Crippa, Solange Puntel Mostafa, Lídia Silva de Freitas.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. 9.ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1977. 408 p.

ARAÚJO, C. A. A. A ciência da informação como uma ciência social. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 32, n. 3, feb. 2004. ISSN 1518-8353. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/985>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

BARRETO, A.A.; MIRANDA, A. Pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: síntese e perspectiva. **DataGramZero**, v.1, n.6, dez., 2000.

BRADFORD, S. C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 292 p.

BROOKES, B.C. The foundations of information science : part I philosophical aspects. **Journal of Information Science**, n.2, p.125-133, 1980.

BUCKLAND, M. K. Before the antelope: Robert Pagès on documents. **Proceedings from the Document Academy**, v.4, n.2, art.6, 2017. Disponível em: <<http://ideaexchange.uakron.edu/docam/vol4/iss2/6>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

BUCKLAND, M. **Document Theory: an introduction**. Zadar, 2013. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/zadardoctheory.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

BUCKLAND, M. Documentality beyond documents. **The Monist**, vol. 97, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/docbeyond.pdf>> . Acesso em: 24 jul. 2018.

BUCKLAND, M. Information as thing. **JASIS**, v. 42, n. 5, p.351–36, 1991. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/thing.html>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

BUCKLAND, M. K. The physical, mental and social dimensions of documents. **Proceedings from the Document Academy**, v.3, n.1, art.4, 2016. Disponível em: <<http://ideaexchange.uakron.edu/docam/vol3/iss1/4>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

BUCKLAND, M. What is a document? **JASIS**, v.48, n. 9, p.804-809, 1998. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

BUCKLAND, M.; LUND, N.W. Document, documentation, and the Document Academy: introduction. **Arch Sci**, n.8, p.161-164, 2008.

BUCKLAND, M.; LUND, N.W. Boyd Rayward, Documentation, and Information Science. **Library Trends**, v.62, n.2, p.302-310, 2013.

BUCKLAND, M. K.; WANG, L. From fief to clan: Boisot's Information Space Model as a documentary theory for cultural and institutional analysis. **Proceedings from the Document Academy**, v.3, n. 2, art. 10, 2016. Disponível em: <<http://ideaexchange.uakron.edu/docam/vol3/iss2/10>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

CAPURRO, R. Epistemología y Ciencia de la Información. **Enl@ace: Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento**, Año 4, n.1, Enero-Abril, p.11-29, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=82340102>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p. 148-207, abr. 2007. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/CAPURRO.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

CRIPPA, G.; MOSTAFA, S. P. (Org.). **Ciência da Informação e Documentação**. Campinas, SP: Alínea, 2011. 141 p.

CUNHA, M.B; CAVALCANTI, C.R.O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008. 451p.

DELIZOICOV, D. et al. Sociogênese do conhecimento e pesquisa em ensino: contribuições a partir do referencial Fleckiano. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, p. 52-69, jan. 2002. ISSN 2175-7941. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/10054>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

DAY, R. **The modern invention of Information : discourse, history, and power**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2001. 139 p. Disponível em:

<https://monoskop.org/images/9/92/Day_Ronald_E_Modern_Invention_of_Information_Discourse_History_and_Power.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2018.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. 22. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. xv, 174 p. (Estudos; 85)

FLECK, L. **La génesis y el desarrollo de un hecho científico**: introducción a la teoría del estilo de pensamiento y del coletivo de pensamiento. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

FREITAS, L.S. O dispositivo de arquivo: a construção histórico-discursiva do documento e do fato. In: FREITAS, L.S.; MARCONDES, C.H.; RODRIGUES, A.C. (Org.) **Documento**: gênese e contextos de uso. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2010.

FREITAS, L.S.; MARCONDES, C.H.; RODRIGUES, A.C. (Org.) **Documento**: gênese e contextos de uso. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2010.

FROHMANN, B. Documentation Redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. **Library Trends**, v. 52, n.3, pp. 387-407, 2004. Disponível em: <<https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/1683/Frohmann387407.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M.; MARTELETO, R.; LARA, M. (Org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008, p. 19-34. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/829>> Acesso em: 24 jul. 2018.

FROHMANN, B. Revisiting “what is a document?”, **Journal of Documentation**, v.65 , n.2, p.291 – 303, 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. A Documentação e o Neodocumentalismo. IN: CRIPPA, G.; MOSTAFA, S.P. (Org.). **Ciência da Informação e Documentação**. Campinas, SP: Alínea, 2011. 141 p. p.23-36.

GONZALEZ DE GOMEZ, M.N. A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 115-134, 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/7768>>. Acesso em: 24 Jul 2018.

HJØRLAND, B. Documents, memory institutions and information science. **Journal of Documentation**, v. 56, n.1, p. 27 – 41, 2000.

INCID. Entrevista Michael Buckland. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 2, n. 1, p. 230-242, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/10806>>. Acesso em: 24 Jul 2018.

JUVÊNCIO, C.H.; RODRIGUES, G.M. A documentação no Brasil: primórdios de sua inserção no país (1895-1920). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 271-284, nov. 2015. ISSN 1983-5213. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/16958>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

KAUARK, F.; MANHÃES, F.C.; MEDEIROS, C.H. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88p

LOPEZ YEPES, J. **La documentación como disciplina: teoría e história**. 2. ed. actual. y ampl. Pamplona: EUNSA, 1995 .

LATHAM, K.F.; LUND, N. W. Welcome to the inaugural volume. In: **Proceedings from the Document Academy**, v.1, n.1, 2014. Disponível em: <<http://ideaexchange.uakron.edu/docam/vol1/iss1/>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

LUND, N. W. Document theory. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 43, p. 399-4321, 2009.

LUND, N. W. How it all started: 1996, the first year of Dokvit. In: **Proceedings from the Document Academy**, v. 3, n.1, art.2, 2016. Disponível em: <<http://ideaexchange.uakron.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1046&context=docam>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

LUND, N. W. Opera as a multimedia document. **Proceedings from the Document Academy**, v.4, n.1, art.19, 2017. Disponível em: <<http://ideaexchange.uakron.edu/docam/vol4/iss1/19>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

LUND, N. W.; SKARE, R. Facebook: a document without borders?. **Proceedings from the Document Academy**, v.1, n. 1, art. 7, 2014. Disponível em: <<http://ideaexchange.uakron.edu/docam/vol1/iss1/7>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

MASSONI, N. T.; MOREIRA, M. A. A epistemologia de Fleck: uma contribuição ao debate sobre a natureza da ciência. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 237-264, maio 2015. ISSN 1982-5153. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/1982-5153.2015v8n1p237>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

MAYRING, P. **Introdução à pesquisa social qualitativa: uma introdução para pensar qualitativamente**. 5. ed. Weinheim: Beltz, 2002. 165 p.

MOSTAFA, S.P. A Documentalidade como conceito filosófico. IN: CRIPPA, G.; MOSTAFA, S.P. (Org.). **Ciência da Informação e Documentação**. Campinas, SP: Alínea, 2011. 141 p.

MUNDANEUM. História. 2018. Disponível em <<http://archives.mundaneum.org/en/history>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

NOGUEIRA, F. S. **Ciência e Linguagem**: Fleck e o estilo de pensamento como rede de significados na ciência. 2012. 234 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8YYQXG/disserta__o__arquivos_reunidos_.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 jul. 2018.

ODONNE, N. **Ciência da informação em perspectiva histórica: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da Documentação (Brasil, 1930-1970)**. 2004. 161 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/691/1/oddone2004.pdf>>. Acesso:

O'CONNOR, B.C. Thoughts on the 2016 DOCAM Proceedings. **Proceedings from the Document Academy**, Ohio, v.3, n.2, 2016. Disponível em: <<http://ideaexchange.uakron.edu/docam/vol3/iss2/>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

ORTEGA, C. D. Documentação como uma das origens da ciência da informação e uma base fértil para a sua fundamentação. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 3, n. 1, p. 3-34, 2009a. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/view/48/263>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

ORTEGA, C.D. Sobre a configuração histórica da noção de documento em Ciência da Informação. In: FREITAS, L.S.; MARCONDES, C.H.; RODRIGUES, A.C. (Org.) **Documento**: gênese e contextos de uso. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2010.

ORTEGA, C. D. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspect. ciênc. inf.**, v.14, n. spe, p.59-79, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362009000400005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 jul. 2018.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **DataGramZero**, v. 5, n. 5, p. A03, 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/2048>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

OTLET, P. **Documentos e documentação**: discurso pronunciado no Congresso de Documentação Universal, Paris, 1937. Rio de Janeiro: Imprensa

Nacional (Separata). Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/otlet/>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

OTLET, Paul. **El tratado de documentación**. 2.ed. Murcia: Universidade de Murcia, 2007. 445p.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teorico-prática. 8. ed. Campinas: Papirus, 2002. 114 p.

Pédauque, R.T. **Document: form, sign and medium, as reformulated for electronic documents**. 2003. Disponível em: <https://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic_00000594>. Acesso em: 24 jul. 2018.

PINHEIRO, L.V.R. Fronteiras e horizontes da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. In: ALBAGLI, Sarita. (Org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013, v. 1.

PINHEIRO, L.V.R. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: **O campo da Ciência da Informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa, UFPB, 2002. P.61-86

PINHEIRO, L.V.R.; FERREZ, H.D. **Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação**. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT, 2014. xxxp. Disponível em: <<http://www.ibict.br/publicacoes-e-institucionais/tesouro-brasileiro-de-ciencia-da-informacao-1/tesouro-brasileiro-de-ciencia-da-informacao>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

RABELLO, R. O documento na Ciência da Informação: tradição e inovação conceitual a partir de uma abordagem histórica e epistemológica. **Anais do X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**; 2009; João Pessoa. ANCIB: 2009b.

RABELLO, R. A face oculta do documento: tradição e inovação no limiar da Ciência da informação. 2009. 331 f. **Tese** (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103372>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

RABELLO, R. História dos conceitos e ciência da informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica 10.5007/1518-2924.2008v13n26p17. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 13, n. 26, p. 17-46, out. 2008. ISSN 1518-2924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n26p17>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

RAYWARD, W.B. The case of Paul Otlet, pioneer of Information Science, internationalist, visionary: reflection on biography. **Journal of Librarianship and Information Science**, n. 23, p. 135-145, set., 1991.

RAYWARD, W.B. The history and historiography of information science: Some reflections. **Information Processing & Management**, v.32, n.1, p.3-17, 1996. Disponível em: <<http://people.lis.illinois.edu/~wrayward/HistandHistorioglS.pdf>>

RAYWARD, W.B. Visions of Xanadu: Paul Otlet and Hypertext. **JASIS**, v.45, n.4, p.235-250, 1994.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. Santos: Atlas, 2011. 334 p.

ROBREDO, J. Do documento impresso à informação nas nuvens: reflexões. **Liinc em Revista**, v.7, n.1, março, p. 19-42, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3287/2903>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

SALAÜN, J.M. La redocumentarisation, un défi pour les sciences de l'information. **Études de communication** [En ligne], 30 | 2007, mis en ligne le 01 octobre 2009. Disponível em <<http://edc.revues.org/428>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

SALAÜN, J.M; SULTAN, F. Roger T. Pédaque, l'aventure d'une écriture collective. **DHP: dialogues, propositions, histoires pour une citoyenneté mondiale**. França: 2010. Disponível em <<http://base.d-p-h.info/fr/fiches/dph/fiche-dph-8220.html>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

SALDANHA, G.S. O documento e a "via simbólica": sob a tensão da "neodocumentação". **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n. 1, p. 65-88, jan./jun., 2013. Disponível em: <<http://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica/article/view/17>>. Acesso em: 24 Jul. 2018.

SALDANHA, G.S. O "fabuloso" antílope de Suzanne Briet: a análise e a crítica da análise neodocumentalista. 2012. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1093/SALDANHA.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 jul. 2018

SHERA, J.; EGAN, M. Exame do estado atual da Biblioteconomia e da Documentação. In: BRADFORD, S. C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 292 p.

SKARE, R.; LATHAM, K.F. Tromsø and Documentation Studies: 20 Years Young (editorial). **Proceedings from the Document Academy**, Ohio, v.3, n.1, art. 1, 2016. Disponível em <<http://ideaexchange.uakron.edu/docam/vol3/iss1/>>. Acesso em: 24 jul. 2018

SOUZA, M.P.N. Abordagem inter e transdisciplinar em Ciência da Informação. In: TOUTAIN, L.M.B.B. (org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador : EDUFBA, p.75-90, 2007.

TÁLAMO, M de F.G.M.; SMIT, J.W. Ciência da Informação: transgressão metodológica. In: BENTES PINTO, V.; CAVALCANTE, L.E.; SILVA NETO, C. **Ciência da Informação**: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações. Fortaleza: Ed. UFC, p.23-47, 2007.

ZAHER, C. R. **Introdução à documentação**. 2. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 1968. 174 p.

ANEXO

Fichas de leitura dos artigos analisados

ARTIGO 1: LUND, N. W.; SKARE, R. Facebook :a Document Without Borders?.
Proceedings from the Document Academy, v.1, n. 1, art. 7.

TÍTULO	Facebook - a Document Without Borders?
AUTOR (ES)	Roswitha Skare; Niels W. Lund.
ANO	2014
ASSUNTO PRINCIPAL	Elementos que definem o Facebook e seus limites enquanto um documento, utilizando como parâmetro os elementos de Paratexto, definidos por Gerard Genette.
TÓPICOS/ RESUMO	<p>Introdução:</p> <ul style="list-style-type: none"> - DOCAM 14/ tema: documentos sem fronteiras - Facebook: um documento mundial - Será discutido se o facebook não possui fronteiras e se é de todo possível ser um document sem fronteiras. <p>Pesquisa no Facebook:</p> <p>Facebook é muito usado no mundo todo. As pessoas são muito precisas em suas descrições devido as relações off-line. Se considerarmos o Facebook um livro, então o que é um livro?</p> <p>Gerard Genette: paratexto (é o que permite [elementos] um livro se tornar um livro) se divide em epitexto (declarações sobre o livro para além dos limites do livro) e peritexto (aspectos relativa e estreitamente relacionados ao livro: título, prefácio, epílogo)</p> <p>Genette também explora elementos não-textuais. Onde está o texto no facebook?</p> <p>Inspiração para o facebook vem da tradição nas universidades</p>

americanas de fazer um livro impresso ou eletrônico com os rostos dos membros administrativo e estudantes.

A foto de perfil é um elemento principal no facebook. Está mais próximo para um dicionário biográfico do que um texto literário.

Por ter textos verbais nas postagens se aproxima aos jornais.

O facebook possui similaridades com muitas formas de documentação clássica como livros literários, listas telefônicas, livros anuais acadêmicos, jornais etc. e ao mesmo tempo é algo completamente novo e desafiador usando ferramentas conceituais e analíticas.

O Facebook tem fronteiras?

Discutir o documento como um documento sem fronteiras poderia ser sobre um intervalo das fronteiras como as fronteiras entre o privado e o público, entre você e seus “amigos” e outras pessoas não incluídas na sua rede mas também sobre a fronteira entre interno e externo, sobre o que documenta o complexo de documentos do facebook e quais documentos podem ser considerados fora do Facebook.

O conceito de paratexto poder ser útil para discutir as fronteiras do Facebook.

Genette fala das fronteiras entre o interior do texto e o exterior, e o paratexto como uma espécie de limiar que o potencial leitor tem que ultrapassar afim de adentrar texto .

As diferenças entre as páginas para acessar e para se registrar no Facebook.

Essas páginas iniciais podem ser comparadas a página de capa do livro, na qual a URL, o logo do Facebook e a cor podem ter a função semelhante ao nome do autor e do editor – fazendo da página confiável ou não.

Também é o limiar que o usuário tem que passar para entrar.

Depois de logar na página pessoal o limite entre dentro e fora fica mais embaçada. Ainda há a URL, o logo e a cor. Temos diferentes opções de conteúdo que gostaríamos de ver.

O que temos é a combinação de conteúdo criado pelo usuário e o conteúdo gerado por produtores profissionais. O conteúdo pode vir também de fontes desconhecidas ou propagandas.

O que faz parte do texto principal e o que não faz, o que é o interior e exterior, é mais difícil de responder no mundo digital do que no caso do livro.

O facebook é um complexo de documentos compostos por bilhões de páginas.

Gennete mostra que o autor é um elemento importante do paratexto. No facebook os textos/ posts podem ter muitos autores e saber quem é o autor é importante para a decisão de ler o post e de quão confiável ele é.

O layout e a funcionalidade do facebook tem sido alteradas e atualizadas ao longo dos anos. O designe do facebook também permite a seleção dos conteúdos, postagens mais populares são mais visíveis. Aplicativos dentro do facebook combinam fotos e posts e criam um novo documento.

O facebook é um documento com fronteiras bem como sem fronteiras?

Facebook possui muitos usuários; grande impactos sobre as relações sociais; usado em diferentes contextos.

Fronteiras: possui e não possui; em relação ao grau de quão aberto ou fechado é.

Há mais ou menos nenhum limite para quantas pessoas podem ser conectadas e inclusas na comunidade.

Passa por muitas fronteiras: sociais, culturais, políticas, geográficas etc.

Facebook está dissolvendo a barreira entre público e o privado, por estar invadindo todo o mundo.

Facebook é um hipertexto: conectado a outras redes; outros textos criados fora do facebook podem se tornar parte dele.

Assim o facebook pode ser considerado um documento quase sem fronteiras, aberto e nunca acabado.

Ao mesmo tempo, pode se alegar que o formato muito digital do facebook pode limitar suas possibilidades como faz qualquer formato.

O facebook pode ser caracterizado como um “espaço de escrita” relativamente aberto, que fornece algumas possibilidades como o uso de múltiplas mídias, texto, foto e

	vídeo mas também definindo algumas limitações para o que você pode fazer ou não.
PALAVRAS-CHAVES	Facebook, documento, paratexto.

ARTIGO 2: BUCKLAND, M. K.; WANG, L. From fief to clan: Boisot's Information Space Model as a documentary theory for cultural and institutional analysis. **Proceedings from the Document Academy**, v.3, n. 2, art. 10.

TÍTULO	From Fief to Clan: Boisot's Information Space Model as a Documentary Theory for Cultural and Institutional Analysis
AUTOR (ES)	Lin Wang; Michael Buckland.
ANO	2016
ASSUNTO PRINCIPAL	As práticas documentárias são analisadas a partir do modelo do espaço informacional de Max Boisot, por meio do estudo de caso da reforma econômica chinesa.
TÓPICOS/ RESUMO	<p>Introdução:</p> <p>Quando o movimento da documentação surgiu no início do século XX, tinha uma perspectiva universal. Paul Otlet acreditava na paz mundial através de padrões, colaboração internacional e acesso aberto. Nesse artigo são exploradas as relações entre essas influências divergentes e práticas documentárias por meio do Modelo do Espaço Informacional (Modelo I- Space) de Max Boisot.</p> <p>Max Boisot (1943-2011)</p> <p>Boisot nasceu em 1943 e estudou no Reino Unido e nos Estados Unidos. Em 1982 desenvolveu em seu doutorado o modelo de Espaço Cultural (Modelo C-Space), a versão original de seu Modelo I-Space. Foi diretor do programa de gestão da Comunidade Econômica Chinesa-Europeia. Depois da China realizou nomeações como professor e pesquisador em diversas universidades de diferentes países.</p>

Sua carreira acadêmica pouco ortodoxa e suas transições entre oriente e ocidente parece ter facilitado suas ideias originais sobre o fluxo de informações, particularmente em relação às culturas e instituições.

O Modelo de Espaço Informacional (Modelo I-Space)

Boisot acreditava que a estruturação e a comunicação da informação orientada a aprendizagem humana, comportamento social e também fornecia a base para a criação de valor e para a utilização dos bens do conhecimento.

Essas concepções formaram a base do seu Modelo I-Space. O modelo I-Space fornece uma estrutura para estudar o compartilhamento de informações dentro de uma determinada população de agentes.

Principais dimensões dessa estrutura:

- Codificação: é a transformação de informações em registros gráficos.
- Abstração: a construção dos objetos de conhecimentos abstratos de Karl Popper sem qualquer forma particular espaço temporal.
- Difusão: refere-se ao processo de compartilhamento de informações dentro de uma dada população.

O modelo I-Space é uma ferramenta analítica para a análise institucional.

Boisot abordou essas questões [cultural e institucional] de forma única: informação baseada em análise institucional.

Boisot classificou as instituições em quatro tipos dentro de seu modelo:

- Burocracias
- Mercados
- Clãs
- Feudos

Boisot usou consistentemente a palavra “informação” mas se aceitarmos a divisão da palavra nas categorias: informação-como-conhecimento, informação-como-processo, e informação-como-coisa e igualar este último com “documento”, então podemos considerar o modelo de Boisot como um modelo baseado no documento.

Isso significa que existem diferentes configurações de documentos (forma, gênero, difusão) que influenciaram fundamentalmente na evolução das instituições e na escolha dos arranjos transacionais. Uma vez que as instituições e

	<p>acordos transacionais sejam formadas, elas consolidarão a infraestrutura documental e o padrão de comportamento documental.</p> <p>Assim o I-Space de Boisot é uma teoria documentária para análise cultural e institucional.</p> <p>Estudo de caso: reforma econômica chinesa</p> <p>Boisot e Child investigaram a reforma urbana da China na década de 1980 e apontaram as falhas burocráticas, com a aplicação do seu modelo I-Space. Eles concluíram que a ordem econômica chinesa, era a combinação da limitada estruturação e fluxo dos documentos e “dos direitos de propriedade comunal e organização das transições econômicas”. O que eles definiram como Capitalismo de rede.</p> <p>Conclusão</p> <p>Resumimos as características documentais e organizacionais dos quatro tipos institucionais baseados no modelo I-Space de Boisot.</p> <p>A ideia é que diferentes configurações de documentos (forma, gênero, difusão) influenciaram a evolução das instituições e a escolha de seus arranjos transacionais e estes, uma vez formados consolidaram a infraestrutura e o padrão de comportamento documental. O que lembra a afirmação de Suzanne Briet, de que a documentação é uma especialização cultural.</p>
PALAVRAS-CHAVES	Modelo Informacional; Max Boisot; Práticas documentárias; Organização da informação; Gestão da informação.

ARTIGO 3: BUCKLAND, M. K. The physical, mental and social dimensions of documents. **Proceedings from the Document Academy**, v.3, n.1, art.4.

TÍTULO	The Physical, Mental and Social Dimensions of Documents
AUTOR (ES)	Michael Buckland.
ANO	2016
ASSUNTO	As três dimensões individuais, porém complementares, do

PRINCIPAL	documento: físico, social e mental, são discutidas a partir de suas relações.
TÓPICOS	<p>Introdução:</p> <p>No desenvolvimento do programa em Estudos de Documentação na Universidade de Tromsø, na Noruega, em 1996, um dos princípios orientadores é que “o documento deveria ser visto a partir de três ângulos complementares: físico, social e mental, em combinação possibilitando uma descrição completa”. Aqui é discutida a questão central de como essas três dimensões interagem.</p> <p>O físico</p> <p>O documento é qualquer entidade considerada como algo significante. Entidade essa que tem que ser material. Alguém pode discutir o texto ou a palavra como um senso abstrato, porém eles só existem como documento em manifestações físicas.</p> <p>O aspecto físico significa que todos os documentos existem no tempo e espaço. O aspecto espacial significa que todos os documentos ocupam um espaço físico em algum lugar. O aspecto temporal também é significativo. Leva tempo para ler um texto ou ouvir uma gravação. Alguns tipos de documentos são projetados para mudar com o tempo, por exemplo, imagens em movimento ou uma performance.</p> <p>O mental</p> <p>A dimensão física é necessária mas não é uma condição suficiente para ser um documento. O status como documento é um julgamento pessoal, individual e logo, subjetivo. Tal como a percepção ocorre apenas em uma mente viva, e como qualquer mente viva pode aprender, a percepção pode mudar.</p> <p>O social</p> <p>O adjetivo “social” é amplamente utilizado em relação aos documentos. Se assumirmos que apenas um indivíduo pode ser informado por um documento (por meio de uma construção mental) então é necessária a cautela para distinguir o social do mental. Um indivíduo pode fazer uma ideia subjetiva ser objetivamente percebida por outros. Desta forma entendimentos subjetivos se desenvolvem entre dois ou mais indivíduos de maneira dialética e relacionada. Esses entendimentos compartilhados formam a base da cultura compartilhada de qualquer grupo social.</p>

Combinações

- Dimensões social e física

Um texto pode ser escrito por meio dos esforços mentais de um indivíduo solitário, no entanto o documento físico são comumente é o resultado da ação de várias pessoas diferentes. Todas as sociedades dependem da divisão social do trabalho resultando na divisão social do conhecimento especializado e cada vez mais, da dependência do conhecimento de segunda mão de seus membros.

- Dimensões social e mental

Nosso comportamento mental é profundamente influenciado pela nutrição, pelo que aprendemos direta e indiretamente pelos outros. A nutrição é um processo social. Fleck enfatiza que para entender um texto escrito requer ter em conta o contexto cultural do escritor.

Discussão

Nós usamos os documentos pra ajudar, persuadir, controlar e de vários outros modos e ao fazê-los, os três ângulos estão todos diretamente em uso. Podemos ilustrar em três exemplos:

- Infraestrutura: a produção, a disseminação e a acessibilidade dos documentos são ativadas pela infraestrutura que é socialmente fornecida. Resumindo, as oportunidades de envolvimento mental com documentos (físicos) são fortemente enquadradas por forças sociais.
- Relevância: para ser relevante o documento deve ser útil para atividade mental de um ser humano, e portanto, idiossincrática, difícil de prever e instável.
- Linguagem e documentos: há cinquenta anos Berger e Luckmann, em sua obra A construção social da realidade forneceram uma explicação detalhada de como o subjetivo pode ser feito objetivo e assim acessível à outros, por meio da expressão, um gesto ou uma conversa. A importância da linguagem é como um ingrediente na comunicação e em grande parte, cada vez mais expresso em documentos.

Conclusão

Todo e qualquer documento possui um ângulo físico e mental e social. Considerando o documento, nenhum desses três ângulos pode ser completamente entendido sem compreender os outros dois.

Deve haver um ângulo mental para uma entidade física ser considerada um documento. O ângulo social é implicado necessariamente na teoria do documento porque a atividade mental é influenciada pela nutrição cultural e também, na

	prática, porque as disposições dos documentos (físicos) são influenciadas pelo controle social.
PALAVRAS-CHAVES	Conceito de documento, Aspectos do documento.

ARTIGO 4: LUND, N. W. How it all started: 1996, the first year of Dokvit. **Proceedings from the Document Academy**, v.3, n.1, art.2.

TÍTULO	How It All Started: 1996, the First Year of Dokvit
AUTOR (ES)	Niels W. Lund.
ANO	2016
ASSUNTO PRINCIPAL	Niels W. Lund relata a experiência do primeiro ano, após ser implementado, o recém lançado programa de Estudos em Documentação da Universidade de Tromso em 1996.
TÓPICOS	<p>Quando o programa de estudos em Documentação (Dokvit em norueguês) começou em janeiro de 1996 na Universidade de Tromso, foi após um longo processo político dentro e fora da universidade.</p> <p>Em 1988, um comitê de bibliotecários e professores foi estabelecido no norte da Noruega; em 1989 esse comitê lançou uma proposta para um programa de Estudos em documentação como um programa básico para educação de bibliotecários assim como de arquivistas. Mais comitês e conferências ocorreram, mas foi decidido em 1995 que o programa deveria começar em Tromso, em janeiro de 1996.</p> <p>Outras duas coisas importantes ocorreram em 1989. A primeira, o novo ato de Depósito Legal na Noruega, que demandava que qualquer documento publicado, não importava a mídia, fosse enviado para a nova Biblioteca Nacional, criando um desafio para a biblioteca que teria que lidar com uma variedade de mídias e formatos. A segunda coisa foi a criação da World Wide Web por Tim Berners-Lee em 1989.</p>

Desde 1989 surgiram várias mídias novas, como resultado do desenvolvimento da tecnologia de computadores. Agora em 2016 a situação virou de cabeça para baixo. Os portadores de informação antes primários agora são relativamente raros em comparação com as mídias digitais.

Para compreender como o primeiro ano da Dokvit foi parte do movimento neodocumentalista, ofereço uma descrição detalhada do que aconteceu naquele primeiro ano.

O programa Dokvit

O primeiro ano foi o início do programa de Estudos em Documentação, implementado em todos os níveis, da graduação ao Pós-doutorado.

A graduação seria elegível para se candidatar a cargos como chefe de biblioteca pública na Noruega.

O curso foi alocado na Faculdade de Humanidades.

Corpo docente e estudantes

Eu [Niels W. Lund] era o único professor contratado responsável por tudo, durante os meses seguintes a equipe administrativa foi contratada assim como professores temporários. Havia 18 alunos da região do norte da Noruega.

O currículo

Dois princípios principais:

- Primeiro: abordagem complementar para Documentação como disciplina científica. Isto requereria três ângulos diferentes do assunto, baseado nas três principais tradições científicas: humanidades, ciências sociais e ciências técnico-natural.
- Segundo: o princípio da aprendizagem baseada em problemas (princípio PBL). Desde o primeiro dia os estudantes eram questionados “o que é um documento” e esperava-se que eles buscassem uma resposta. Desde o primeiro dia os estudantes foram encarados como pesquisadores.

Com esses princípios o primeiro ano foi dividido em quatro blocos, com dois blocos por semestre.

- Bloco um: oferecia uma introdução geral aos estudos em documentação, análise de documentos e ciclo da documentação, com ênfase na produção de documentos.
- Bloco dois: foi uma introdução ao problema sobre as relações dentro e entre a complexidade de documentos, o uso dos documentos e os princípios básicos para organização de todos os

tipos de documentos.

- Blocos três e quatro: o objetivo principal do bloco três era introduzir os estudantes aos problemas na disseminação de documentos e cultivar conhecimentos básicos e habilidades na recuperação e pesquisa de documentos para o conhecimento documentado. A proposta do bloco quatro era fazer um grande projeto reunindo todas as três perspectivas e aspectos dos estudos em documentação.

A lista de leituras

Os textos foram apresentados aos alunos não como “deve ser lido” e sim como textos relevantes que poderiam ser substituídos por outros. As leituras foram organizadas em oito seções:

- Conceito de documento;
- Produção de documentos;
- Documentos na perspectiva da Tecnologia da Informação;
- Organização do conhecimento;
- Lei de informação;
- Tecnologia da computação;
- Organização de documentos;
- Instituições de documentos.

Alguns dos autores dos artigos indicados: W. Boyd Rayward, Michael Buckland, Jean François Lyotard, John Fiske, Trond Berg Eriksen, Rasmussen e Soby, George Lakoff, Bakken, Jaenecke, Schieffo e Sorensen, Elmasri e Navathe, Spartguen, Marthinsen, Hjourtsaeter, Fagerli.

Ensino: didáticas do primeiro ano

Palestras; seminários; palestrantes visitantes, e; supervisão do trabalho de pesquisa.

Projetos de pesquisa dos estudantes

Podem questionar como os projetos de alunos do primeiro ano poderiam ser considerados projetos de pesquisa. O principal objetivo do programa: ensinar os estudantes a abordar questões interessantes e resolver de maneira sistemática, ou seja, fazer pesquisa.

Os estudantes poderiam escolher qualquer tópico de documentação, com uma condição: eles teriam que estudá-los a partir das três perspectivas complementares (humanística, científico-social e técnico).

Avaliação

Os estudantes após apresentarem seus projetos passavam por

	<p>uma prova oral. O principal objetivo da prova oral era dar a oportunidade para aluno e professor discutirem sobre o projeto e os possíveis novos problemas e questões nos estudos da documentação.</p> <p>Em 2016, o que podemos aprender da nossa experiência em 1996?</p> <p>Hoje, 2016, Dokvit se tornou uma área de pesquisa completamente desenvolvida com um corpo de literatura que não existia em 1996.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tópicos clássicos ou ...? O que era novo eram as possibilidades providas do desenvolvimento digital. • A perspectiva do documento faz diferença? A perspectiva do documento fez a diferença ao enfatizar produções, iluminando a dimensão do material em contraste com o foco no chamado conteúdo ou informação. • O princípio complementar funcionou na prática? Observando os projetos finais, a maioria deles tocou nas três perspectivas, especialmente em relação às condições complexas que os alunos precisavam cumprir e entender para criar uma homepage, uma exposição ou um catálogo para um grupo de usuários específicos. • Houve uma perspectiva de mídia? Inerente à perspectiva do documento, havia uma perspectiva do formato de mídia. A perspectiva da mídia também foi combinada com uma perspectiva institucional. • Mídia-e-Documentação no futuro O relacionamento entre os mundos analógico e impresso mudou radicalmente. No entanto, ainda é importante comparar diferentes momentos do tempo, a fim de manter em aberto para novas possibilidades e entender as condições que são preenchidas em um determinado ponto no tempo. Uma das mais importantes qualidades do documento como conceito é que ele é um dos poucos, senão o único, que cobre todos os resultados do uso de uma mídia, incluindo imagens, textos escritos, vídeo, dança, música, arquitetura etc. Enfatizando a interação entre os meios e o resultado no nome da nova disciplina, desde 2013, mídia e Estudos em documentação tem um grande potencial em um futuro no qual os alunos podem começar a entender a situação atual em uma perspectiva histórica em relação às condições e possibilidades, bem como explorar opções para a Documentação do futuro.
PALAVRAS-CHAVES	Formação profissional, Profissionais da Informação, Documentação.

ARTIGO 5: BUCKLAND, M. K. Before the antelope: Robert Pagès on documents. **Proceedings from the Document Academy**, v.4, n.2, art.6.

TÍTULO	Before the Antelope: Robert Pagès on Documents
AUTOR (ES)	Michael K. Buckland
ANO	2017
ASSUNTO PRINCIPAL	O artigo resgata o trabalho de Robert Pagès, aluno de Suzanne Briet no programa de documentação da UFOD, na década de 1940. Os escritos de Pagès auxiliam na compreensão das teorias de Briet e o autor questiona se eles a antecedem.
TÓPICOS/ RESUMO	<p>Introdução: Briet e o antílope</p> <p>Em 1951, a bibliotecária francesa Suzanne Briet publicou um manifesto sobre a natureza do documento, documentalistas e documentação, intitulado “O que é a documentação?”. Briet falava sobre o que poderia ou não ser um documento, e afirma que o antílope é um documento inicial e documentos que o descreve são documentos secundários. Briet publicou mais de cem livros e artigos, muitos desses seguem o padrão acadêmico com citações cuidados de fontes, outras não. Para o seu exemplo do antílope não há fontes citadas apresentadas.</p> <p>Robert Pagès</p> <p>Briet publicou na sua velhice um livro sobre meditações no qual se refere a Robert Pagès. Pagès participou como estudante do programa de educação profissional em Documentação organizada por Briet e outros para a UFOD.</p> <p>Transformações documentárias e o contexto cultural</p> <p>Enquanto aluno do programa de documentação de Briet, Pagès escreveu duas teses. A primeira, finalizada em 1947, publicada no ano seguinte</p>

como um artigo intitulado “Transformações documentárias e o contexto cultural (Ensaio de Documentologia)”.

O objetivo de Pagès era relacionar o campo emergente da Documentologia às teorias da cultura humana. Assim como Briet, ele via a Documentação como técnica cultural. Ele escreveu que os documentos são para a cultura o que o maquinário é para a indústria e que não há nada mais importante nos estudos da cultura do que o exame de sua infraestrutura, a qual se torna cada vez mais tecnológica, mais controlada e mais metodologicamente organizada.

Pagès estudou filosofia e psicologia e trouxe uma visão diferente dos comentaristas norte-americanos preocupados com a tecnologia. Ele afirma que as atividades documentárias se expandiram após o fim da Primeira Guerra Mundial e que o uso generalizado dos documentos para fins cultural e social guiou o trabalho dos documentalistas.

Pagès sobre documentos

A seguir uma discussão das ideias de Pagès sobre documentos:

Documentos gráficos: São descritivos. São sempre sobre algo. Para Pagès, documentos escritos são limitados pelas limitações da linguagem.

Documentos não-gráficos: qualquer entidade física pode ser em circunstâncias imagináveis percebida como interessante, significativa ou instrutivo como um sinal ou documento. Pagès distingue dois tipos: particulares e espécimes.

- Particulares não gráficos (autodocumentos): objetos únicos e particulares que “falam por si só”. Exemplos são o chapéu de Napoleão ou um meteoro.

- Uniformidade e espécimes: Pagès dá como exemplo de espécimes, uma múmia egípcia não identificada, um gorila no zoológico e um pedaço de um tipo de cristal. Pressupõe que não importa qual múmia, gorila ou pedaço do cristal será usado, qualquer um deles é suficiente como um [exemplar do] espécime. Cada um representa (fala por si) o conjunto do qual é membro. Mas quando as características compartilhadas são desconsideradas o objeto deixa de ser um espécime e se torna um particular.

Objetos e assuntos:

- objeto alterado: podemos tentar modifica-lo.

- objeto derivado: podemos derivar de outro objeto. Um algoritmo, por exemplo, deriva uma nova versão.

	<p>- reposicionamento: reposicionar o objeto em relação a outros objetos existentes.</p> <p>- Descrição ou representação: podemos descrever os aspectos de nosso interesse. Essa descrição é um novo objeto, texto ou imagem sobre o objeto.</p> <p>Em cada caso, o objeto é tratado como um assunto.</p> <p>Experiência vivida (E.V) e Aprendizagem dos livros (A.L)</p> <p>Pagès comenta a preocupação dos filósofos com essas duas questões (E.V. e A.L.). A resposta de Pagès está nos documentos não gráficos. Temos mais confiança no que experimentamos diretamente do que no que nos é relatado e as partes gráficas dos objetos gráficos são meramente as afirmações de outros. Ainda não compreendemos objetos diretamente pela percepção extra-sensorial. Em vez disso, construímos significados com base em nossas crenças anteriores e compreensão de símbolos. Da mesma forma, nossa percepção de objetos não gráficos fará com que os documentos gráficos (A.L.) sejam mais ou menos confiáveis. Cada vez mais, observa Pagès, museus, patrimônios, exposições e promoção do turismo fazem uso de objetos para fins educacionais e comerciais.</p> <p>Outros trabalhos de Pagès</p> <p>A segunda tese de Pagès como estudante de Documentação, é um tratado sobre problemas de classificação. Dentro da Ciência de Informação, Pagès tem sido lembrado por uma linguagem de indexação que ele desenvolveu para os documentos coletados para sua pesquisa de laboratório em psicologia social.</p> <p>Conclusão</p> <p>A tese de Robert Pagès de 1947, publicada como um artigo em 1948, antecipa e explica o famoso exemplo de Suzanne Briet do antílope como um documento e também a diferença entre documento inicial e secundário.</p> <p>Sugere que essas ideias se se originaram com ele, mas não o prova, já que na época ele era estudante do programa de Briet e ele reconhece a influência dela em seu trabalho.</p> <p>Independente da sua origem, o artigo esquecido de Pagès é uma contribuição valiosa para a teoria do documento.</p>
PALAVRAS-CHAVES	Teoria do Documento, Conceito de documento, História da Documentação.

ARTIGO 6: LUND, N. W. Opera as a Multimedia Document. **Proceedings from the Document Academy**, v.4, n.1, art.19.

TÍTULO	Opera as a Multimedia Document
AUTOR (ES)	Niels W. Lund
ANO	2017
ASSUNTO PRINCIPAL	Por meio de uma apresentação de arquivo PowerPoint publicada no periódico, o autor questiona se a Ópera pode ser considerado um documento multimídia.
TÓPICOS/ RESUMO	<p>Um documento multimídia?</p> <p>Um documento multimídia é o resultado do processo de documentação no qual algo é mostrado utilizando várias mídias. Uma ópera é o resultado do processo de documentação no qual várias pessoas tem usado a mídia de alguma forma.</p> <p>Quem faz a ópera?</p> <p>Libretista, compositor, cantores, músicos, dançarinos. Diretor, coreógrafo, cenógrafo, técnicos, gerente de ópera.</p> <p>Quais as mídias utilizadas?</p> <p>Palavras, vozes, tons, instrumentos musicais, dança, movimentos, designe, dedigne de palco e adereços.</p> <p>Quando a Ópera foi novidade</p> <p>Opus (trabalho): o documento da ópera em várias partes.</p> <p>Por volta de 1700 surgiram as Arias, melodias expressivas que eram cantadas e definiram os aspectos da ópera.</p> <p>Nesse meio tempo – Ópera nos séculos XVII e XVIII</p> <p>A ópera era composta de uma forma que poderia mudar todo dia, poderia também fazer parte de uma longa noite de apresentações junto com concertos e balés.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> • Exemplos: <ul style="list-style-type: none"> - Pergolesi: La serva padrona - Mozart: Tha magic flaute - Verdi: La traviata <p>Verdi foi considerado o primeiro compositor a ser considerado como a primeira força criativa da ópera – drama musical como a ópera moderna.</p> <p>Questões surgidas na ópera moderna</p> <p>São os operadores de câmeras, diretores e produtores de mídia quem definem a ópera hoje?</p> <p>O que acontece com a ópera baseada em rede?</p> <p>Ópera baseada em rede: Tromso World Opera Project.</p>
PALAVRAS-CHAVES	Ópera, Documento multimídia.